



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS

Andrea Helena Petry Rahmeier
Dalva Neraci Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger
(Organizadores)

Andrea Helena Petry Rahmeier
Dalva Neraci Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger
(Organizadores)

**INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
CULTURAL DE TRÊS COROAS**

Taquara
2024



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



APRESENTAÇÃO

A história da ocupação humana no território de Três Coroas se inicia por volta de 2.000 anos atrás com grupos falantes das línguas Tupi-Guarani que apresentam indícios de construírem sociedades complexas emergentes. Como inovação tecnológica, surge a cerâmica que é produzida em larga escala. Nas localidades de Sander, Arroio Kampf, Canastra e Rodeio Bonito, foram encontradas vasilhas utilizadas por povos indígenas. Esses povos viram seu território sendo ocupado, a partir de meados do século XIX, por europeus (portugueses, alemães e outros) que trouxeram com eles descendentes de africanos que foram largamente escravizados.

De acordo com a documentação escrita, este lugar já recebeu denominações como: Linha dos Últimos Alemães, Vale ou Colônia de Santa Maria de Cima e Santa Maria do Mundo Novo, e em 1904, com a criação do 4º distrito de Taquara, passou a ser chamado de Mundo Novo. De acordo com narrativas recorrentes, a nomenclatura foi posta em referência a um pinheiro de três copas ou coroas. Pelo Decreto-Lei Estadual nº 720, de 29/12/1944, o distrito de Mundo Novo passa a denominar-se Três Coroas. Uma vez desmembrado de Taquara, Três Coroas foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 3.741, de 12/05/1959.

Com o passar das décadas, este município passou a sustentar singularidades herdadas e construídas pelas pessoas de várias origens que deixaram sua marca e ajudaram a escrever a história deste lugar.

O projeto Inventariação do Patrimônio Cultural Material e Imaterial no Município de Três Coroas atenta para a identificação e registro de dados que possam subsidiar futuras políticas de proteção aos bens culturais inventariados. Nessa linha de raciocínio, o inventário constitui-se como um exercício que aciona a História e a Memória nas diferentes leituras sobre o passado do município de Três Coroas. Dentro desse contexto, este trabalho torna-se uma ferramenta de preservação, mas também de valorização, salvaguarda, pesquisa, planejamento e educação patrimonial.

O projeto foi apresentado pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Paranhana (COREDE), resultante da Consulta Popular e aprovado pela Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul. A execução do projeto aprovado e subsidiado pela SEDAC, parte integrante e indissociável do Termo de Colaboração, a qual tem o Patrimônio Cultural como objeto central desta inventariação, entendido este enquanto fonte de conhecimento, rentabilidade financeira e inclusão social/cultural. O trabalho foi realizado por docentes e acadêmicos do Curso de História, das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat, com a participação efetiva da comunidade e envolveu 68 pessoas de forma direta e outros tantos que contribuíram. Esta produção foi uma construção coletiva, passando por muitas intervenções e revisões, das mais diferentes formas.

É atribuído ao poder público, juntamente com a sociedade civil, reconhecer, proteger e preservar seu patrimônio, garantindo o direito ao cidadão e à cidadã de conhecer seu passado e vivenciar sua cultura. O Inventário do Patrimônio Cultural Material e Imaterial é um instrumento de conhecimento das características e da cultura do município de Três Coroas e importante ferramenta de gestão, planejamento e instigador de políticas públicas de cultura. É um documento fundamental para direcionar ações de políticas públicas de preservação.

Em síntese, o Projeto teve como objetivo principal a identificação das modificações ocorridas nos espaços culturais e naturais, ao longo do tempo, por meio da inventariação do patrimônio cultural, em suas diferentes vertentes, considerando o desenvolvimento do Vale do Paranhana, em especial o setor turístico. Dessa maneira buscou-se fornecer elementos para o desenvolvimento de discussão sobre políticas e ações públicas e/ou privadas voltadas para a preservação e proteção do patrimônio cultural materializado.

Para a realização deste trabalho, consideram-se as seguintes etapas: Organização do plano da pesquisa; Atividades de campo e Organização das informações. A inventariação ramifica-se em diferentes abordagens historiográficas, no intuito de realizar estudos e interpretações de aspectos físico, fotográfico e histórico (fontes primárias e secundárias) e de narrativas orais realizadas com pessoas que viveram e/ou vivem no local pesquisado, pois acredita-se que, dessa forma, não sejam perdidas as raízes da fundação e formação da localidade. A inclusão de todos os sujeitos envolvidos neste processo implicará no fortalecimento dos elos entre a cultura, a identidade e o patrimônio cultural material e imaterial.

O trabalho está organizado em formato de ficha para cada bem inventariado, pois entende-se que o leitor pode acessar cada uma, lendo-a e conhecendo toda a documentação utilizada para a sua composição. No conjunto da obra, as fichas estão divididas com fim didático em dois grupos: 1) Edificações; 2) Lugares de memória e identidade e Formas de expressão social/cultural.

O fichamento consistiu em fazer o levantamento de relevância que o objeto tem para a cidade, os munícipes e que terá para aqueles que a visitarem. Nas fichas de bens materiais, são elencadas datas de construção, primeiros moradores, função do imóvel nos dias atuais (comércio, residência, indústria, etc), as lembranças presentes e a importância deste para a cidade. Nas fichas de bens imateriais, são elencadas ações ou práticas sociais/culturais de relevância histórica e identitária. Para elaboração das fichas, foram realizados diálogos com a comunidade, utilização de fotografias antigas e atuais e outros documentos pertinentes para atingir os objetivos propostos.

Andrea H. Petry Rahmeier
Dalva N. Reinheimer
Elaine Smaniotto
Élen Waschburger



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



SUMÁRIO

PARTE I - EDIFICAÇÕES

1 - Casas Enxaimel.....	6-7
2 - Casa Centenária	8-9
3 - Casas Geminadas	10-11
4 - Casa da família Robinson	12-13
5 - Bistrô Filler	14-15
6 - Casa da família Saueressig	16-17
7 - Armazém do Seu Fridi.....	18
8 - Funerária Petry	19
9 - Casas da rua 7 de Setembro	20-21
10 - Flosuana.....	22
11 - Casa da década de 1940	23
12 - Casa dos Boecher	24
13 - Casa dos Becker	25
14 - Casa dos Weber	26
15 - Túmulo e casa de Frederico Trott.....	27-28
16 - Museu Armindo Lauffer	29-30
17 - Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson	31-32
18 - Secretaria Municipal de Educação e Desporto	33-34
19 - Prefeitura Municipal de Três Coroas	35-36
20 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): Comunidade do Centro (Kleine Kirche) e Cemitério	37-38
21 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): Comunidade São João (Ritterskirche).....	39-40
22 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): Comunidade Sander (São Pedro/Peterskirche)	41-42
23 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB): Comunidade e Cemitério de Serra Grande II	43-44
24 - Casa Paroquial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)	45-46
25 - Igreja Católica - Paróquia Sagrada Família de Três Coroas	47-48
26 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Três Coroas	49-50
27 - Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling	51-52
28 - Ponte Coberta Armindo Lauffer	53
29 - Sociedade 12 de janeiro.....	54-55
30 - Instituto Evangélico de Amparo ao Menor - INEVAM	56-57
31 - Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack.....	58-59

PARTE II - LUGARES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO SOCIAL/CULTURAL

32 - Populações Indígenas em Três Coroas	61-62
33 - Territórios dos povos negros.....	63-64
34 - Ylê de Iemanjá e Oxalá – Terreiro do Pai de Santo Dagoberto.....	65-66
35 - Abadá Capoeira.....	67-68
36 - Festa de Kerb	69
37 - <i>Weihnachtstoss</i> - Doce de Natal	70-71
38 - Bordados artesanais	72-73
39 - Linha Férrea	74-75
40 - Praça Affonso Saul e Rua Coberta	76-77
41 - Praça Francisco Leal e decks	78-79
42 - Esporte Clube Mundo Novo.....	80-81
43 - Grêmio Esportivo Sandense.....	82-83
44 - Rio Paranhana	84-85
45 - Parque Municipal das Laranjeiras	86-88
46 - Canoagem e Associação Trescoroense de Canoagem (Asteca).....	89-90
47 - Antigo Tiro de Guerra	91-92
48 - Cine Icarai	93-94
49 - Cinebox Videolocadora	95-96
50 - Paioi	97
51 - Fotógrafos - Metzger - Felipetti.....	98-99
52 - Cena Rock N'Roll	100-101
53 - Festival de Músicos Amadores e de Bandas de Rock.....	102-103
54 - Festival de Teatro "Três Coroas em Ação"	104
55 - Grupo "Escoteiro Paranhana"	105-106
56 - Centro de Tradições Gaúchas (CTG) - O Tropeiro Frederico Trott	107



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Parte I EDIFICAÇÕES



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casas Enxaimel

Endereços: Rua Visconde de Mauá, esq. Rua Dona Catarina

Rua da Indústria, n. 66

Rua Carlos Robinson, n. 744

Rua Hermando, Linha Café, n. 200

Meio: Urbano

Acesso: Estrada pavimentada com asfalto

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Braian Lucas Nunes Schuck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fontes:

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena Pedrinha (orgs). **Nossas**

Raízes I. Três Coroas/RS: Gráfica Sohne, 2001.

PETERS, Silvio Silmar. **Estudo da paisagem rural em áreas de ocupação**

germânica na antiga colônia provincial de Nova Petrópolis: segunda

metade do século XIX até meados do século XX. Monografia

(Graduação em História), Faculdades Integradas de Taquara, Taquara,

2015.

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular da imigração alemã.** 2. ed.

Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2005.

WITTMANN, Angelina. **A Casa Enxaimel.** Disponível em:

[https://angelinawittmann.blogspot.com/2021/11/a-evolucao-da-casa-enxaimel-na-](https://angelinawittmann.blogspot.com/2021/11/a-evolucao-da-casa-enxaimel-na-colonia.html)

[colonia.html](https://angelinawittmann.blogspot.com/2021/11/a-evolucao-da-casa-enxaimel-na-colonia.html). Acesso em: 30 maio 2022.

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller, Lorena Deecken, Carine Setti, Paulo Rupenthal

concedidos à Braian Lucas Nunes Schuck, em maio de 2022.

Histórico:

“No território da atual Alemanha, local de origem da técnica construtiva enxaimel, trazida para o Brasil pelos imigrantes alemães, no século XIX, iniciou por volta de 5.500 a.C. Em outras partes da Europa e do planeta, este processo social aconteceu em períodos distintos e de maneiras diferentes – adequadas à realidade de cada local. [...] A técnica construtiva enxaimel, portanto, dentro desta regra de tempo evolutiva, nas diversas regiões da Europa, do Brasil, e também, de outras regiões do mundo, assumiu diferentes formas e maneiras de construir com a presença da estrutura de madeira. Com isto, é muito difícil afirmar que enxaimel iniciou em determinado local, têm determinadas características definidas, e só assim pode ser considerado um legítimo enxaimel. Este procedimento não é justo com os fragmentos evolutivos históricos locais e regionais e também, com as diferentes práticas e usos, dentro dos diferentes recortes de tempo.” (WITTMANN, 2021).

No Vale do Paranhana, a construção de casas utilizando a técnica enxaimel é uma das características da colonização de descendência germânica em território brasileiro. Basicamente, a casa era construída “com vigamento de madeira que demarcava assoalho, teto e aberturas. Na base poderia ser utilizada pedra-grés ou basalto.

As peças de madeira eram marcadas com sistema numérico para melhor organizar os encaixes, seguindo uma posição e ordem correta para não prejudicar a obra” (PETERS, 2015, p 97). Para os encaixes das madeiras, eram utilizados pinos (tarugos) para dar sustentabilidade ao esqueleto da casa. Aos poucos, a cobertura em madeira foi sendo substituída por telhas de cerâmica ou folhas de zinco. A técnica construtiva consiste em paredes que são feitas de vigas de madeira



Rua Hermando, Linha Café, n. 200 (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



Rua Carlos Robinson, n. 744 (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



Residência localizada na Rua da Indústria, n. 66 (1998).

Fonte: Moeller; Deecken, 2001, p. 156.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



posicionadas na vertical, horizontal e diagonal formando uma espécie de treliça. O preenchimento dos espaços era feito, basicamente, com pedras, tijolos, barro ou outros recursos disponíveis na região.

As edificações utilizando a técnica enxaimel foram construídas, a partir do século XIX, principalmente em Sander, Linha Café, Quilombo, Centro e Águas Brancas. A intensificação de fluxos e trocas com a capital, Porto Alegre, e cidades vizinhas, trouxe novas tradições construtivas e de estilo ao distrito de Mundo Novo, atualmente município de Três Coroas, que se agregaram às colônias tradicionais e protomodernas, constituindo a maioria dos exemplares históricos de Linha Café e Moreira.

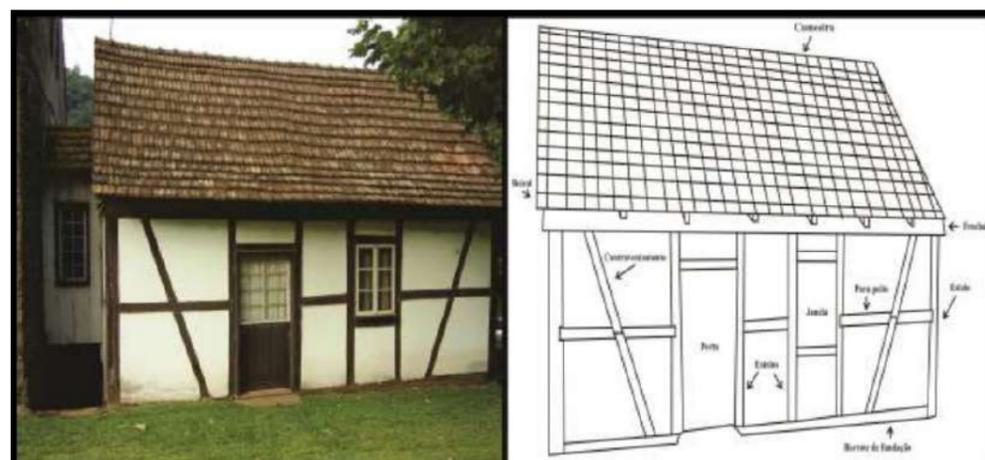
A casa localizada na Rua Visconde de Mauá foi construída por Pedro Lauffer (1859-1913). De acordo com as lembranças de Clarise Elisa Moeller, Pedro foi o filho primogênito de Johann Simon Lauffer, fundador da localidade de Sander. O casal teve onze filhos, sendo eles: Frederico, Albertina e Rosalina. Fridolino, Idalina, Amandina Bertalina, Pedro Carlos, Adelina, João, Adolfo e Oswaldo. Além de construtor, Pedro era evangélico, agricultor e comerciante. A primeira igreja da localidade Sander foi edificada por ele e, depois, entregue à comunidade evangélica. Em 23 de fevereiro de 1870, Pedro Lauffer casou com Maria Catarina Sander (1851-1919), que era filha de Jacó Sander (segundo habitante de Sander e que deu origem ao nome) e de Elisabeth Dietrich. O filho e neto de Pedro foram os últimos proprietários da casa, como também das terras do loteamento Lauffer. Ultimamente, ela servia como depósito de ferramentas por estar em um estado precário e, em 2019, foi demolida.

A casa localizada na Rua da Indústria foi construída em 1870, pertencia a Jacob Sander e Catharina Sander; conserva ainda características originais (paredes, estrutura, trinques, escada). Após o falecimento de Jacob Sander, a casa foi utilizada como depósito de gêneros alimentícios, uma vez que os novos proprietários tinham armazém de secos e molhados. Na década de 1970, foram realizadas reformas, o assoalho e o forro foram trocados, foi adicionada uma garagem ao lado, e a casa voltou a ser de moradia. Para preservá-la, são aplicados produtos para evitar cupins e outros cuidados que ela demanda. O atual proprietário, Paulo Rupenthal, que reside nessa casa há mais de 50 anos, falou "eu vivi quase toda minha vida aqui e vou morrer aqui." Várias vezes, recebeu propostas para demolição, mas o amor que ele tem pela casa sempre foi mais forte.

Das casas localizadas na Rua Carlos Robinson, n. 744 e na Rua Hermando, Linha Café, n. 200, infelizmente, tem-se poucas informações. Sabe-se que a segunda foi construída em 1888, pertenceu à família Lauffer; depois, à família Krause e, atualmente, pertence à família Bremstrop.



Rua Visconde de Mauá, esq. Rua Dona Catarina (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



Vigamento em madeira e detalhes estruturais de casa em técnica enxaimel.
Fonte: Peters, 2015, p. 97.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa Centenária
Endereço: Rua América, n. 494
Meio: Urbano
Acesso: Estrada pavimentada com asfalto

Data da construção: início do século XX
Proprietários: 1º desconhecido;
2º Ivone Scherer e Cecílio Scherer;
3º Ireni Juraci Dreher e Irio Carlos Dreher (1961 – 1992);
4º Ireni Juraci Dreher.
Uso atual (2022): Moradia

Data do levantamento: maio de 2022
Pesquisadores: Andrea Helena Petry Rahmeier
Elaine Smaniotto

Fontes:
BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, 1993, p. 07-28.
Depoimentos:
Ireni Juraci Dreher concedido à Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

A Casa da Família Dreher foi construída no início do século XX, em um período no qual a indústria manufatureira, tanto de produtos da agricultura como do couro, passou a ocupar um lugar de destaque na economia do Vale do Paranhana, favorecendo o enriquecimento de algumas pessoas e fazendo surgir residências que se destacavam na paisagem urbana. Infelizmente, não há informações sobre quem foi o primeiro proprietário da casa. De acordo com a memória da Ireni Juraci Dreher, dona da propriedade a partir de 1992, Cecílio Scherer e sua esposa Ivone Scherer eram os donos de uma fábrica de sabão que se localizava na Rua Fernando Ferrari. No ano de 1961, com recursos oriundos de trabalhos realizados em fábricas de calçados, Ireni e seu esposo Irio compraram a propriedade e realizaram investimentos no intuito de preservar e adequar às suas necessidades.

As casas têm suas histórias e as pessoas que nelas vivem guardam em suas memórias singularidades que marcaram suas vidas e as de seus antepassados. Acredita-se que, no início do século XX, em uma das peças dessa casa eram ministradas aulas para crianças que residiam nas proximidades.

A propriedade, mesmo estando localizada próxima ao centro urbano de Três Coroas, possui características rurais. Em seu entorno, ainda hoje, são cultivados produtos agrícolas, como mandioca, milho, batata e hortaliças (alface, pepino, rabanete, repolho, alho, cebola). Há, também, árvores frutíferas, como bananeira, laranjeira, bergamoteira, marmeleira, pereira, entre outras. No jardim, destacam-se as rosas, antúrios, onze-horas e gérbas. Também são cultivadas ervas para a produção de chás “para aliviar muitas dores”.

Próximo à casa centenária, foi construído um cercado, abrigando galinhas que forneciam ovos e carne para o consumo da família Dreher. Também foi construído um Atelier de calçado que funcionou entre os anos de 1982 a 1996. Lá, a senhora Ireni realizava a forração de saltos e palmilhas.



*Lateral da residência, após reformas (2010).
Fonte: Acervo pessoal de Ireni Juraci Dreher.*



*Frente modificada, a partir da década de 1970. Fachada simétrica (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.*



*Reforma no imóvel realizada em 2010. Reboco, portas e janelas. A estrutura foi mantida.
Fonte: Acervo pessoal de Ireni Juraci Dreher.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Descrição:

A casa foi construída por técnicos, carpinteiros e pedreiros da região. O material utilizado era, basicamente, pedra grés, barro e madeira. As telhas foram adquiridas em uma olaria do Vale do Paranhana. As paredes, em pedra grés, tinham mais de 30 cm de espessura, com revestimento de barro, cal e areia. A fachada é simétrica e possui frontão triangular na lateral. As janelas são decoradas com verga. Na parte frontal, havia duas janelas e uma porta. Após a reforma, as janelas foram mantidas e a porta foi colocada na lateral. As janelas, em duas folhas: externamente com veneziana; internamente, guilhotina com vidro. A cobertura é de duas águas, estruturada em madeira. Possui, também, sótão e aberturas externas com janela tampão. O sótão servia para depósito de cereais colhidos na propriedade. Atualmente está desativado. No primeiro piso, localizava-se a cozinha, a sala e três quartos. No fundo da residência, existia uma varanda e um poço d'água.



Lateral esquerda da Casa da Família Dreher (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Joel R. de Menezes.



Pendurado na parede da sala, está o presente de casamento de Irio Carlos e Ireni Juraci, recebido de Olivia Fleck (mãe de Lúcio Fleck) que era madrinha de batismo de Ireni e residia em Sapiranga/RS.
Fonte: Acervo pessoal de Irene Juraci Dreher.



Decoração natalina (dez. 1994).
Fonte: Acervo pessoal de Irene Juraci Dreher.



Máquina de costura, adquirida na década de 1970, para costurar e ajustar roupas utilizadas pela família Dreher.
Fonte: Acervo pessoal de Irene Juraci Dreher.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa Geminadas
Endereço: Rua Jorge Schaeffer
Meio: Urbano
Acesso: Asfalto e calçamento em bloquete

Data da construção: Aprox. 1910.
Proprietários: 1º Jorge Schäfer/Schaeffer;
2º Filhos de Jorge Schäfer;
3º Sebald Hartel e Shirley Marly Hartel (n. 377);
Oscar Roennau e Edy Roennau (n. 387);
Dalzisa Tomasoni (n. 395).

Uso atual (2022): Residências

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto

Fonte:

ENGELMANN, Erni Guilherme. (coord.) **A Saga dos Alemães:** Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha: E. G. Engelmann, 2004.

Lei Municipal n. 192, de 20 de outubro de 1971.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes II:** Três Coroas. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

Depoimentos:

Shirley Marly Hartel e Elisete Roennau concedidos à Camila Brum, em dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

Histórico:

No início do século XX, foram construídas, na margem esquerda do rio Paranhana, sete casas parecidas, hoje denominamos de geminadas. Essas casas foram construídas por Jorge Schäfer, na rua que hoje tem seu nome. A edificação consta no inventário devido ao seu valor histórico e cultural.

Ao relatar sobre as sete casas, é necessário apresentar o seu fundador: Jorge Schäfer. Afinal, ele teve grande importância no aspecto cultural do município de Três Coroas, pois foi quem desenvolveu e dirigiu o primeiro Grupo de Teatro da cidade. Juntamente com sete de seus nove filhos (dois faleceram ainda crianças) e com três membros da família Deecken, como atores, fez com que a companhia ficasse conhecida entre as localidades de Três Coroas e no município vizinho, Igrejinha.

Uma das sete casas foi sede do Grupo Escolar Três Coroas, conhecido atualmente como Colégio 12 de Maio. O grupo escolar funcionou no local, de 1945 até 1962, quando se mudou para o atual prédio, localizado na rua Pindorama.

Das sete casas, atualmente, existem apenas três. Os moradores da casa nº 387 também contam que seus pais pagaram aluguel por 40 anos até que conseguiram comprar a casa. O vendedor dessa casa, Jorge Leopoldo Schäfer, é um dos filhos de Jorge Schäfer.

Externamente as três casas estão em bom estado de conservação. As casas de nº 387 e 395 são geminadas, contendo doze janelas e duas portas: três janelas no lado esquerdo; três, no lado direito; três, na fachada de cada uma delas, sendo duas janelas no sótão; duas portas - uma em cada casa. Nos fundos da casa nº 387, há três janelas, uma porta e um arco que dá acesso ao interior da casa. A cobertura de cada uma das três casas apresenta-se em duas águas, estruturada em madeira, telha francesa. A casa nº 377 teve algumas alterações externas e conta com três janelas na fachada, sendo uma delas no sótão; há, também, uma porta. Na lateral direita, há duas janelas e uma basculante e, no lado esquerdo, um portão que dá acesso aos fundos da casa. Atualmente as cores das casas são: azul (casa nº 377) e bege (casas nº 387 e 395).



Foto das Sete Casas (década de 1970).

Fonte: Acervo pessoal de Lorena P. Deecken (Facebook - Três Coroas: hoje e sempre).



Foto atual das Sete Casas - atualmente só existem três (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



Grupo de teatro dirigido por Oswaldo Lauffer, em frente às Sete Casas (meados de 1930).

Fonte: Acervo pessoal de Lorena P. Deecken (Facebook - Três Coroas: hoje e sempre).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Segundo relato de uma das moradoras, Elisete Roennau, a cozinha ficava separada da casa e era de piso queimado. Essa prática era muito comum na época, pois havia grande risco de incêndio. Elisete ainda comenta: “Teremos que fazer reparos na estrutura interna da casa, mas manteremos a estrutura física dela”. Por se tratarem de casas mais antigas, o assoalho, a fiação elétrica e outros aspectos importantes para a segurança interna de uma casa precisam de manutenção.



Gancho na casa lateral da casa n. 387. Segundo Elisete, era usado para prender os cavalos (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



Pintura esferográfica das Sete Casas, feita por Ney Fonseca (1998).
Fonte: Acervo histórico do Museu Armindo Lauffer.



Primeiro local da Escola Estadual 12 de Maio, Três Coroas/RS. Foto de Ivo Volkart (primeira década do século XX).
Fonte: Engelmann, 2004, p. 150.



Lateral das casas, local onde eram colocados os cavalos (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa da família Robinson

Endereço: Rua Mundo Novo, esquina com a rua 12 de Maio

Meio: Urbano

Acesso: via estrada pavimentada

Data da construção: 1917

Proprietários: 1º Carolina Becker Robinson e esposo Balduíno Robinson;
2º Herdeiros.

Uso atual (2022): Comércio e moradia

Data do levantamento: maio e junho de 2022

Pesquisadores: Magda Rosí Brodbeck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fonte:

DEECKEN, Lorena Pedrinha; MOELLER, Clarise Elisa (orgs.). **Nossas**

Raízes II: Três Coroas/RS. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

MOELLER, Clarise Elisa. DEECKEN, Lorena Pedrinha (orgs.). **Nossas**

Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

NEUBARTH, Fernando. **Lembranças e saudades.** Depoimento, 01 junho de 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PREFEITURA DE TRÊS COROAS. **62 anos de emancipação política.**

Disponível em: <https://www.trescoroas.rs.gov.br/>. Acesso em: 28 maio 2022.

Depoimentos:

Rafael Brocker, Clarise Elisa Moeller e Fernando (Robinson) Neubarth concedidos à Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

No processo de inventariação do patrimônio cultural do município de Três Coroas, a memória firma-se como sinônimo de “lembrança daquele que a produz. Assim, ela recupera o “presente do passado” e faz com que o passado vire também presente [...] não há como dominar totalmente o passado, mas [...] “lembrar”. Essa é a melhor maneira de repensar o presente e não “esquecer” de projetar o futuro” (SCHWARCZ, 2019, p. 20). As lembranças sobre a Casa Robinson e as pessoas que a habitavam são muitas: por questões sociais, econômicas, políticas ou culturais, principalmente, pelas recordações de Fernando (Robinson) Neubarth, que é filho da Adélia e Roberto e neto de Carolina e Balduíno.

“O prédio é de 1917 e teve inicialmente a função de salão de baile e moradia da família de Balduíno Robinson (21/12/1877 - 09/12/1948) e Carolina Becker Robinson (18/03/1885 - 09/05/1965). O casal teve 8 filhos: Alzira, Olímpio, Anália, Armindo, Arminda (casada com Cesário Pedro Bertoluci), Oscar, Alayde (casada com Theobaldo Jacob Volkart) e Adélia (casada com Roberto Armando Neubarth).” (Fernando (Robinson) Neubarth, 2022).

Balduíno Robinson cedeu o espaço do salão de baile para a instalação de uma escola pública que ensinasse em língua portuguesa, surgindo, assim, o Grupo Escolar Mundo Novo (hoje Colégio Estadual 12 de Maio).

Balduíno era médico prático, homeopata e parteiro, aprendeu com o avô materno, Heinrich Carsten Jürgensen. Muitas vezes, os pacientes, depois do atendimento, necessitavam pernoitar na casa.

Balduíno foi, também, responsável pela instalação de um terminal ferroviário em Mundo Novo e pela instalação do Tiro de Guerra. A casa serviu como pouso, com auxílio da esposa, Carolina, que era responsável



Fachada frontal e lateral (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Soldados pertencentes ao Tiro de Guerra (1930).
Fonte: Prefeitura Municipal de Três Coroas.



Balduíno Robinson foi presidente e sua filha, Alzira Robinson, foi madrinha do Grupo Recrutadas do Tiro de Guerra em Três Coroas (década de 1930).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



pelas refeições aos convidados, dentre eles, professores, viajantes comerciais, instrutores do Tiro de Guerra, amigos, clientes e familiares. Em 1957, a casa foi reformada e dividida nos dois blocos atuais: um, relativo ao salão, e outro, onde, por muitos anos, esteve localizada a Farmácia Robinson. Armino Robison foi o responsável técnico, auxiliado, especialmente, por sua irmã Anália e pelos demais irmãos, visto que a farmácia sempre esteve aberta junto à casa de moradia. Assim, a família sempre estava disponível para prestar atendimento a enfermos que precisavam de medicamentos, muitas vezes, vindos de picadas distantes.

“Pode-se afirmar que a casa dos Robinson, iniciada como salão de bailes, depois escola, cinema, enfermaria, farmácia, sempre foi ponto de hospedagem com caráter de acolhimento para desconhecidos, parentes, amigos. Por alguns períodos, o prédio também sediou uma fábrica de calçados, uma agência bancária, um instituto de beleza (por iniciativa da filha Alayde, a Iti, remanescente dentre os filhos), um bingo e até o templo de uma igreja, assim como lojas comerciais. Também acolheu, com especial significado, a Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson, denominada em homenagem ao patriarca dessa família. Localizada em uma das esquinas centrais da comunidade, a casa representa um espaço social de relevância. Nela, muitos casais se conheceram, famílias se formaram a partir de namoros iniciados em bailes e sessões de cinema. Enfermos encontraram tratamentos e novas esperanças, parturientes foram atendidas, amizades foram construídas e se consolidaram entre colegas e alunos da escola onde jovens professoras iniciaram suas atividades. A construção abriga mais de um século de história que se confunde com a própria história do Mundo Novo, hoje cidade de Três Coroas. Muitas vidas tiveram passagem pela casa, para além dos filhos, netos, bisnetos e tataranetos de Balduino e Carolina, que mantêm, nela, ponto de encontro e memória afetiva”. (Fernando (Robinson) Neubarth, 2022).

Descrição:

Edificação em estilo eclético, com fachada assimétrica alinhada à testada do lote. Paredes em alvenaria autoportante sobre fundação em pedra. A fachada apresenta marcação de cunhais e entablamento composto de arquitrave, friso e cornija. A platibanda é cega, ornamentada em relevo por figuras geométricas e com pináculos no coroamento. A cobertura é composta de telhas francesas e distribuída em duas águas.

As janelas são de peitoril e, tanto portas quanto janelas, possuem verga em arco pleno, ombreira, fechamento em vidro com bandeira fixa envidraçada e com pinázios.

Todas as aberturas possuem padieira em forma de cornija, ornamentada com relevo de formas geométricas. O conjunto da fachada possui coroamento em frontão triangular misto e ornamentado, que apresenta duas janelas centralizadas com verga em arco abatido, caixilhos envidraçados e bandeira fixa.

Segundo Fernando Neubarth (2022) *“a edificação aparece na obra “Pesquisando arquitetura”, de Júlio Posenato (Ed. Corag/CAU-RS, 2016). Na classificação pessoal desse autor, como um exemplo do “período do tardio da arquitetura da imigração alemã no Rio Grande do Sul, com uma feição muito peculiar do ecletismo, mais geometrizado”, diferente do período de apogeu onde a característica é o enxaimel”.*



*Carolina Becker Robinson e Balduino Robinson (aprox. 1908).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Baile de Kerb - Rohm Kerb (nata do Kerb) no Salão Robinson; geralmente ocorria no segundo final de semana do mês de janeiro (1923).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Grupo Escolar Mundo Novo. Entre as alunas está Gladys Behs (década de 1930).
Fonte: Website da Prefeitura de Três Coroas (2022).*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Bistrô Filler
Endereço: Rua Mundo Novo, n. 59
Meio: Urbano
Acesso: Estrada pavimentada com asfalto

Data da construção: 1923
Proprietários: 1º Evaldo Streb;
2º Alibio Silmar Koch e Anilda Koch;
3º Sérgio Jorge Koch e Marilena Mella (filho).
Uso atual (2022): Comércio

Data do levantamento: maio de 2022
Pesquisadores: Magda Rosí Brodbeck
Andrea Helena Petry Rahmeier
Élen Waschburger
Elaine Smaniotto

Fontes:
BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. São Paulo: Vozes, 2007.
Decreto Executivo n. 2464, de 1º de junho de 2011.
NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares.
Projeto História, São Paulo, n.10, 1993, p. 07-28.
PESAVENTO, Sandra J. **O cotidiano da república**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1990.

Depoimentos:
Rafael Brocker, Marilena Mella, Sérgio Jorge Koch e Clarise Elisa Moeller concedidos à Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

O Bistrô Filler pode ser entendido como uma “memória que se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Assim, “o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo” (PESAVENTO, 1990, p.16). Esse espaço proporciona a materialidade de sua arquitetura, e também a possibilidade de enxergar o passado de outras casas da cidade de Três Coroas representadas por essa casa preservada. Nesse contexto, “as construções antigas passam a ser consideradas como registros da memória coletiva. Fragmentos de textos, enfim, que a comunidade ou aqueles que ela designou para representá-los não desejam ver apagados no processo de incessante reescrita do texto urbano” (BARROS, 2007, p. 42).

A edificação foi construída em 1923, indicação materializada em sua fachada e, de acordo com Sérgio Jorge Koch, seu primeiro proprietário foi Evaldo Streb. O espaço era de uso misto, sendo residencial e comercial. Durante alguns anos, um de seus espaços foi sede da Agência de Correios e Telégrafos de Três Coroas.

No ano de 1969, Alibio Silmar Koch alugou a edificação e, após seis meses, comprou-a. Na época, o pagamento foi no valor de 12 milhões de cruzeiros novos (prestações de 400 mil por mês) mais uma casa de madeira (19 m² de comprimento por 11m² de largura), localizada em área nobre, nas proximidades da praia em Tramandaí.

A família Koch passou a residir na casa e, na parte frontal, colocou um mercado/armazém que era administrado por Anilda Koch, a qual também preparava o almoço para 9 funcionários. A partir de 1975, a parte frontal foi alugada e continuou funcionando o mercado. Os negócios prosperaram e, no ano de 1980, Alibio Silmar Koch construiu, ao lado da casa, um galpão. Em seguida, vendeu para o OP de Farias que ali permaneceu por vários anos. Sérgio Jorge Koch, filho do Alibio Silmar Koch, comprou o galpão do OP de Fariase realizou reformas no supermercado.



Vista frontal e lateral (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Loja de roupas e de tecidos (2003).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Enchente – proximidades do Rio Paranhana (1982).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Na madrugada de 14 de abril de 2003, ocorreu um incêndio na sede do mercado, causando grandes prejuízos para o proprietário. Na ocasião Anilda e Alibio foram socorridos, pois residiam no pavimento superior.

A parte frontal da casa, ao longo dos anos, também abrigou uma farmácia e, a partir de 2003, foi instalada uma loja de roupas e tecidos, gerenciada por Anilda Koch. A partir de 2015, foi alugada para o Bistrô Filler que se transformou num pequeno restaurante. Na parte central da edificação, está a cozinha do bistrô e o forno para assar pães e bolos. Nos fundos, localiza-se a garagem, o depósito de produtos, o departamento pessoal, a entrada de funcionários e de mercadorias para abastecer o mercado que funciona ao lado, no primeiro pavimento. No segundo pavimento, há dois apartamentos. Devido às múltiplas funcionalidades, internamente, a edificação passou por várias reformas e adaptações. Externamente, suas características foram mantidas.

Como é possível perceber, ao longo de várias décadas, as famílias que residiam na Rua Mundo Novo e tiveram melhores condições, melhoraram suas residências e construíram novos estabelecimentos comerciais. As casas passaram a ser edificadas para permanecerem como um bem da família. De patrimônio arquitetônico a casa passa a ser um patrimônio de memória da família e, por extensão, pode revelar a memória de uma coletividade. Dentro desse contexto, Sérgio Jorge Koch tomou a iniciativa para agilizar o tombamento dessa edificação. “Tombar” é uma expressão designada para transformar algo em um patrimônio material ou imaterial. A palavra é uma referência à Torre do Tombo, Arquivo Público de Portugal.

Esse imóvel foi tombado - de acordo com o artigo 2º - Decreto Executivo – Município de Três Coroas/RS de 2011 (nº 2464 de 01/06/2011) que autoriza a inscrição do imóvel no “Livro de Tombo, observando-se os termos dispostos na Lei Municipal nº 2816, de 30/06/2009”. O atual proprietário, Sérgio Jorge Koch, pontua que vai deixar de herança para seu filho uma casa com muitas lembranças afetivas, afinal, os lugares têm suas histórias, e as pessoas que neles vivem guardam em suas memórias singularidades que marcaram suas vidas.



*Antigo proprietário da casa, Alibio Silmar Koch (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotta.*

Descrição:

Edificação em estilo eclético, com fachada simétrica alinhada à testada do lote. Paredes em alvenaria autoportante sobre fundação em pedra, com base em alto relevo, corpo e coroamento. Fachada com presença de marcação horizontal e vertical, pilastras, cunhais e entablamento com cimália composto de arquitrave, friso e cornija. Platibanda cheia e ornamentada com relevo de figuras geométricas. A cobertura é em telhas capa canal distribuídas em duas águas.

O conjunto da fachada possui coroamento em frontão triangular misto, ornamentado e com marcação de pilastras, apresentando uma janela de púlpito centralizada, rasgada por inteiro, com bacia apoiada em mãos francesas e guarda corpo vazado com balaústres. As janelas são de peitoril e, tanto portas como janelas possuem verga reta ornamentada e ombreiras. O fechamento original das aberturas foi substituído por vidro fixo. Originalmente, a edificação apresentava sótão, hoje, não existe mais. No frontão, na parede sobre o balcão, encontra-se a inscrição, em alto-relevo, da data de construção, 1923.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa da família Saueressig

Endereço: Rua Mundo Novo, n. 194

Meio: Urbano

Acesso: via pavimentada com asfalto

Data da construção: década de 1950

Proprietários: 1º Arlindo Willrich;

2º Armindo Saueressig e Valesca Ritter Saueressig;

3º Flávio Daniel Saueressig; Herdeiros.

Uso atual (2022): Moradia e comércio

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Magda Rosí Brodbeck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fontes:

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs). **Nossas Raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

PORTELLI, Alessandro. **Historia Oral como arte de escuta.** Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

Depoimentos:

Flávio Daniel Saueressig concedido à Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

Arlindo Willrich construiu essa casa, na década de 1950, e, em seguida, vendeu-a para Armindo Saueressig que juntamente com Valesca Ritter Saueressig e o primeiro filho do casal, chamado Sérgio, ali passaram a residir. No ano de 1957, nasceu o segundo filho, Flávio Daniel, também nessa casa. Os pais da Valesca, Theobaldo Ritter e Carolina Ritter, eram donos de uma serraria e de um moinho que fazia farinha de milho e descascava arroz, localizado na localidade Sander. Com base nessa experiência, Valesca e seu esposo Armindo construíram um moinho e uma serraria de lenhas, na propriedade localizada na Rua Mundo Novo, pois o terreno era extenso. Ali, Armindo serrava grande quantidade de lenha, abastecia o seu caminhão verde (comprado na década de 1960) e transportava para o matadouro de Theofilo Müller, o curtume dos Matts, a padaria e fábrica de bolachas de Júlio Krumennauer. Nas horas vagas, utilizava o caminhão para fazer fretes.

Além disso, na propriedade, havia aves, suínos e bovinos. Diariamente, Valesca tirava o leite das vacas: uma parte era utilizada para o consumo da família, e o restante era colocado em embalagens de alumínio, levadas pelos dois filhos (a pé ou de bicicleta) até a casa dos fregueses que eram: escrivão Rudi Volkart, dentista Lieno, comerciante Waldomiro Heidrich, dentre outros. Com as economias que conseguiram, por meio do trabalho de todos, no ano de 1974, foi possível comprar uma camioneta amarela com o teto branco e, assim, realizar passeios e visitas às residências de parentes e amigos (as).

Na década de 1980, o moinho e a serraria de lenhas foram desativados e a família passou a investir em uma fábrica de cepas de madeira para fazer tamanco. Essas cepas eram vendidas para Calçados Piccadilly, de Igrejinha; Calçados Travesso, de Dois Irmãos e Grupo Strassburger, de Campo Bom.

A casa, internamente, conta com três quartos, cozinha, banheiro e uma sala. A partir da década de 1960, a sala passou a ser alugada, em um



Fachada (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Lateral da casa (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.

Rua Mundo Novo, no início do século XX. De acordo com as lembranças de Flávio Daniel Saueressig, a rua era de saibro, existiam poucas casas, transitavam pessoas, cavalos, carroças. Geralmente, nas quintas-feiras, passava o "Fetão de Igrejinha" com a sua carroça abastecida de linguças que eram vendidas para o Armazém do Haack. Fonte: Moeller e Deecken, 2001, p. 32.





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



primeiro momento, para o Cartório de Três Coroas, posteriormente, para o comércio: como armazém, loja de móveis, loja de roupas e, atualmente, pastelaria.

De acordo com as lembranças de Flávio Daniel Saueressig, a Rua Novo Mundo foi palco de múltiplas ações. Ainda no século XIX, bois vindos dos campos de cima da serra eram por ali tropeados a cavalo e seguiam para o matadouro de Theofilo Müller. Os momentos de treinamento de recrutas/soldados no Tiro de Guerra causavam medo às crianças ao ouvir o som dos inúmeros disparos de armas de fogo. Também, nessa rua – Mundo Novo - existiam cancha de bolão, salão de cinema, fábrica de sapatos, fábrica de cimento, mármore e pedras, produção de artefatos fúnebres e túmulos, armazéns de secos e molhados, sede administrativa, exatoria, casas bancárias, gráfica, biblioteca, loja de móveis, farmácia, dentre outros. Atualmente, a diversidade continua sendo característica da Rua Mundo Novo.

Descrição:

Edificação em estilo eclético, com fachada alinhada à testada do lote. Paredes em alvenaria sobre fundação em pedra. De acordo com as lembranças de Flavio Daniel, as pedras foram compradas na Pedreira do Braum, localizada na Linha Café. Fachada com presença de marcação horizontal e vertical, pilastras e cunhais. Entablamento com cimalha, composto de arquitrave e cornija. A cobertura no volume principal é composta de telhas francesas e distribuída em duas águas. O volume, à direita, que parece ser de época posterior ao volume principal, possui caimento em meia água composto de telhas de fibrocimento.

O conjunto da fachada possui coroamento em frontão recortado, com marcação de pilastras e ornamentado com pinhas e pináculos. Porta e janelas possuem verga reta e ombreiras. As aberturas originais da fachada principal foram substituídas por esquadrias com caixilho de ferro e vidro, enquanto que as janelas da fachada lateral são em madeira e possuem caixilho envidraçado e bandeira fixa.



*Armindo Saueressig e outros trabalhadores no transporte de troncos de árvores para a serraria de lenha localizada na Rua Mundo Novo (década de 1930).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Daniel Saueressig.*



*Armindo Saueressig e Valesca Ritter Saueressig (início do século XX).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Daniel Saueressig.*



*Os meninos - Flávio e Sérgio - estão sentados em um toco com argolas que serviam para amarrar cavalos. Ao fundo aparecem as lenhas que estavam prontas para serem transportadas para o curtume, matadouro e padaria (1964).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Daniel Saueressig.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Armazém do seu Fridi

Endereço: Rua Visconde de Mauá, n. 406, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Estrada pavimentada com asfalto

Data da construção: início do século XX

Uso atual (2021): Atualmente o prédio não é habitado

Data do levantamento: novembro de 2021

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Dalva N. Reinheimer

Elaine Smaniotto

Fontes:

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena Pedrinha (orgs.). **Nossas**

Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller concedido à Elaine Smaniotto e Kennedy Felipe Behling Azevedo, em novembro de 2021.



Cooperativa da União Colonial de Sander (1930).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.

Histórico:

No início do século XX, o prédio abrigou a sede da Cooperativa União Colonial de Sander; posteriormente, serviu como casa e comércio de secos e molhados da família Roennau, e, por último, abrigou um ateliê de calçados. Possui três andares; na fachada são visíveis uma porta e sete janelas; na lateral esquerda, há cinco janelas e uma porta; já na lateral direita, o prédio tem uma escada, pequena sacada, cinco janelas e uma porta. Além disso, o telhado está coberto por telhas de fibrocimento. A pintura do prédio é em bege e branco; as janelas são na cor vermelha e azul.

Nele ocorriam reuniões dos sócios da Cooperativa União Colonial de Sander. Era um espaço de convivência social, especialmente, para os “colonos” que vinham do interior para a cidade, mas também para todos os três-coroenses. Os produtores comercializavam seus produtos, como o feijão que, durante um período, foi chamado de ouro negro na região de Sander. A posição estratégica alinhada à proximidade com a estação de trem possibilitou o recebimento e envio de produtos para Porto Alegre e cidades próximas da linha férrea.

Nessa edificação ocorreram atividades ligadas ao comércio; seu Fridi, como era chamado Frederico Roennau, possuía um armazém de secos e molhados, além de comercializar tecidos, ferramentas e artigos ligados ao dia a dia. Nos fundos do prédio, funcionava um açougue com abatedouro. Segundo Clarise Elisa Moeller, a linha férrea passava pelo terreno, como é possível observar em registro fotográfico (1938) - fotos panorâmicas do Bairro Sander.



Foto da atual situação do prédio (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Dalva N. Reinheimer.

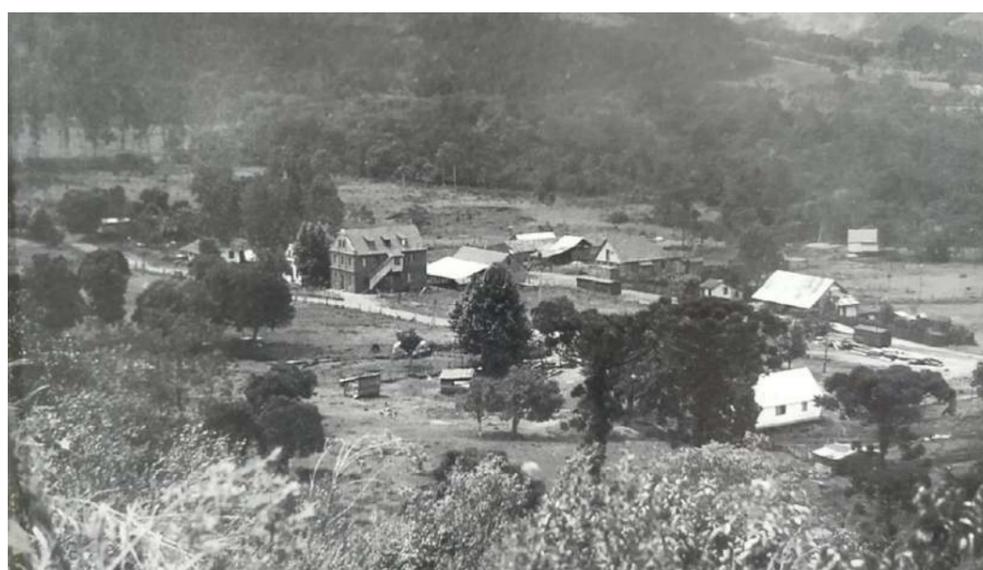


Foto panorâmica de Sander (1938).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Funerária Petry
Endereço: Rua Mundo Novo, n. 333
Meio: Urbano
Acesso: Asfalto

Data da construção: Metade do século XX
Proprietários: 1º Alfredo Petry e Olivia Petry;
2º Elton Petry e Neane Jung.

Uso atual (2022): Comércio funerário
Estado de conservação: Bom

Data do levantamento: janeiro de 2022
Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto
Richard Bohrer de Souza

Fonte:
FUNERÁRIA PETY. História da Funerária Petry. Facebook :
petryfuneraria. 13 maio 2019. Disponível em:
<https://www.facebook.com/petryfuneraria/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Depoimentos:
Elton Petry e Giovani Petry concedidos à Camila Brum, em janeiro de 2022.

Histórico:

Os primeiros proprietários do prédio foram Alfredo Petry e Olivia Petry. A edificação foi construída, aproximadamente, na década de 1950. Nesse prédio, funcionava uma fábrica de cimento, mármore e pedras, bem como artefatos fúnebres e túmulos. Em 1966, a família Petry ampliou os negócios e deu início à Funerária Petry que ainda continua em funcionamento, sendo, atualmente, dirigida por Elton Petry e sua família. A empresa mantém-se atualizada, acompanhando as mudanças culturais no trato com a morte e com o sepultamento. Ao longo das décadas, é perceptível o movimento de individualização das sepulturas, demonstrando grande preocupação em demarcar o espaço onde se tumula o ausente.

Descrição:

O prédio, atualmente, foi modificado, tendo sido alterado o seu telhado. Hoje há três janelas - uma na fachada e duas na lateral direita - e uma porta na frente do prédio. Na lateral direita, foi colocado um portão eletrônico. A cor do imóvel, atualmente, é bege claro, com detalhes em bege mais intenso. A entrada constitui-se de uma escada de dois degraus em mármore. O prédio está nas “mãos” da segunda geração da família Petry, ou seja, mantém-se na família por, pelo menos, setenta anos. Durante todo o período de desenvolvimento comercial que envolve a edificação, acredita-se que ela, também, foi a residência do casal. “Nasci, literalmente, dentro desta funerária”, relembra Elton Petry.



Fachada do prédio (meados de 1990).
Fonte: Funerária Petry (Facebook: Funerária Petry).



Fachada atual da Funerária Petry (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



Fachada atual da Funerária Petry, juntamente com sua frota de carros (2002).
Fonte: Funerária Petry (Facebook: Funerária Petry).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casas da rua 7 de Setembro
Endereço: Rua 7 de Setembro, n. 1157 e 1177
Meio: Urbano
Acesso: via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1927

Proprietários:

Casa n. 1157

- 1º Felipe Willrich e Frida Müller;
- 2º Emílio Otto Blumm e Alta Otto Blumm;
- 3º Rubem Otto Blumm e Nelci Suelli Blumm.

Casa n. 1177

- 1º Alfredo Müller;
- 2º Leopoldo Frinn;
- 3º Arnaldo Herrmann e Loraci Herrmann;
- 4º Comprador de Serra Grande (sem identificação);
- 5º Loraci Müller;
- 6º Elis Cristiane de Santos Medeiros.

Uso atual (2022): Residência

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Elaine Smaniotto

Richard Bohrer de Souza

Depoimentos:

Nelci Suelli Blumm e Elis Cristiane Medeiros concedidos à Camila Brum, em janeiro de 2022.

Histórico:

As casas, localizadas na Rua 7 de Setembro, têm um histórico bem peculiar desde sua construção até os dias atuais. Construídas em 1927 pelos irmãos Frida Müller e Alfredo Müller, as casas passaram de geração para geração. Embora não tenha sido possível fazer o contato com os antigos moradores de uma delas, pode-se ter uma breve noção de quem e, aproximadamente, quando alguns desses moradores nela habitaram (nº 1177).

Os primeiros proprietários e também construtores dessa casa foram Frida Müller, casada com Felipe Willrich, e seu irmão, Alfredo Müller. A casa de nº 1157 foi, posteriormente, comprada por Emílio Otto Blumm e sua esposa, Alta Otto Blumm. O casal teve apenas um filho, Rubem Otto Blumm, que, atualmente, é o dono da residência. A edificação em questão, sempre foi residencial.

A casa ao lado, nº 1177, de Alfredo Müller, posteriormente, foi comprada por Arnaldo Herrmann e sua esposa, Loraci Herrmann. Em seguida, foi vendida para o médico Leopoldo Frinn, mas ficou alugada, por um tempo, para outro médico - não identificado.

Após ter sido moradia de dois médicos que atuavam no hospital de Sander, ela foi vendida para um comprador desconhecido que morava na localidade de Serra Grande, sendo por muitos anos alugada. Outra proprietária foi Loraci Müller que a vendeu para a atual dona, Elis Cristiane de Santos Medeiros, que a comprou em 2019.



Foto da fachada das casas (S.d).
Fonte: Acervo pessoal de Nelci Suelli Blumm.



Foto atual da fachada das casas (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



Foto dos proprietários da casa nº 1157. Na foto, estão presentes Emílio Otto Blumm, Alta Otto Blumm e seu único filho, Rubem Otto Blumm (1962).
Fonte: Acervo pessoal de Nelci Suelli Blumm.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Descrição:

A casa de nº 1157 mantém-se preservada, inclusive a cor permanece a mesma. A casa de nº 1177 passou por modificações mais expressivas, como a pintura recente, alteração na porta da fachada e fechamento da área de entrada. Divididas por um portão, em ambas há uma porta e duas janelas, na fachada; duas janelas, na lateral esquerda e três janelas na lateral direita. No lado interno esquerdo, apenas a casa nº 1157 manteve a área que dá acesso ao interior da casa. Essa área conta com uma porta e o seu pavimento é feito de piso queimado.



Foto da casa n. 1157, na área interna do pátio (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Camila Brum.



Foto da casa n. 1157 (S.d).
Fonte: Acervo pessoal de Nelci Suelli Blumm.



Foto da casa n. 1157, na área interna do pátio (S.d).
Fonte: Acervo pessoal de Nelci Suelli Blumm.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Flosuana

Endereço: Av. Sete de Setembro, n. 1001, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção/fundação: década de 1920

Uso atual (2021): Comercial

Proprietários: 1º Família Willrich;

2º Família do Alfonso Dreher e Alaide Dreher;

3º família de Arcelino Brocker e Flora Susana Brocker.

Data do levantamento: novembro de 2021

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Dalva Neraci Reinheimer

Elaine Smaniotto

Depoimentos:

Flora Susana Brocker concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, Dalva N. Reinheimer, e Elaine Smaniotto, em outubro de 2021.

Erlise Georgi concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em novembro de 2021.

Histórico:

O imóvel foi construído pela família Willrich, na década de 1920, nas proximidades da Estação Sander, para ser moradia e casa de comércio de secos e molhados. Segundo Flora Susana Brocker, atual proprietária, em um dos cômodos do imóvel realizavam-se cuidados médicos, uma espécie de "hospital". A casa também serviu como estalagem, com quartos no sótão do prédio. Recentemente, em uma das salas do prédio, havia uma farmácia, porém ela não se manteve nesse endereço. Segundo Erlise Georgi, o prédio também foi utilizado como casa comercial pelo Sr. Adelino e D. Alma Dreher. Por vários anos, permaneceu fechado e, atualmente, em uma das peças, funciona a loja Flosuana Tecidos e Confecções Ltda. As outras estão disponíveis para aluguel.

O prédio em fita, herança colonial, construído com paredes de tijolo maciço, barro e pedra grês, apresenta em sua fachada três portas e quatro janelas; na lateral esquerda, há três janelas e uma porta; já na lateral direita, há somente duas janelas e uma porta. Nos fundos, é possível identificar um anexo, construído posteriormente. No interior do prédio, ainda temos um sótão, feito em madeira e preservado nas condições originais, segundo a proprietária, com as divisórias e assoalho em madeira. Existem tampões onde havia as janelas, entre o telhado de cada quarto do sótão.

Ainda é possível identificar, no jardim nos fundos da casa, o poço d'água que abastecia o local. Geralmente a água era bombeada para dentro de cisternas no pátio da casa. Além do poço, o entorno da casa contava com jardim e horta. Nos fundos do terreno, bem como na frente, existia um cercado de grade.



Residência da família de Arcelino Brocker e Flora Susana Brocker (2012).

Fonte: Acervo pessoal de Lorena Deecken Grin (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



Bairro Sander na década de 1920.

Fonte: Acervo pessoal de Flora Susana Brocker.



Fachada atual (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Dalva N. Reinheimer.



Poço que abastecia a casa (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa da década de 1940

Endereço: Rua América, n. 296, esquina com a Rua Henrique Dahmer

Meio: Urbano

Acesso: via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1940, aproximadamente

Proprietários: 1º Jorge Leopoldo Schäfer e Fabiola Rosa Louzada Schäfer;
Eugênio Bukanowski e Rejane Schäfer Bukanowski;
Ivan Schäfer Martinez; Adão Caetano Teixeira Tavares e
Leila Schäfer Martinez Tavares;

2º Mário Theobaldo de Souza e Denisia Adriana Paiva.

Uso atual (2022): Mercado e depósito de mercadorias

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Magda Rosí Brodbeck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

Ofício de Registro de imóveis, Livro nº 2, data 23/03/1995.

Depoimentos:

Horácio Muller, Nádia Duarte, Rafael Brocker e Mário Theobaldo de Souza concedidos à Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

De acordo com a escritura de compra e venda, a edificação foi construída há mais de 50 anos. A propriedade possui uma área de 635 m². Infelizmente, não tivemos acesso a mais informações. A casa já teve várias funções, dentre elas, destacam-se: moradia, pensionato, fábrica de calçados, academia, Igreja “Deus é amor”, loja de móveis usados e, atualmente, mercado e depósito de mercadorias.

Descrição:

Trata-se de uma edificação térrea, em volume único, com partido retangular e fachada assimétrica. A cobertura é composta de telhas francesas e distribuída em quatro águas, onde o volume do telhado é bordado por um beiral. As paredes externas são em alvenaria autoportante rebocada. Os panos da fachada são ritmados por aberturas em verga reta de madeira. As janelas são de peitoril e possuem bandeiras fixas, com duas folhas em caixilho e vidro externamente e duas folhas de tampões internamente.



Fachada atual (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Foto externa da construção (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Fonte: Acervo pessoal de Joel R. de Menezes.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa dos Boecher
Endereço: Rua 25 de julho, n. 256
Meio: Urbano
Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1906
Proprietários: 1º Germano Boecher;
2º Anton Oppitz;
3º Balduino Lauffer e Adolfinia Oppitz Lauffer;
4º Armindo Lauffer;
5º Mircon Lauffer e Adelina Semilda Lauffer;
6º Hugo Hirt;
7º Clarise Elisa Moeller;
8º Luciana Carina Moeller.

Uso atual (2022): Lavagem de carros

Data do levantamento: janeiro de 2022
Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto
Richard Bohrer de Souza

Depoimentos:
Clarise Elisa Moeller concedido à Camila Brum, em janeiro de 2022.

Histórico:

Seu primeiro proprietário, Germano Boecher, foi um dos primeiros médicos do município de Três Coroas. Foi ele quem construiu a casa, tendo, inclusive, o nome gravado na entrada do prédio. O segundo proprietário, Anton Oppitz, pintor austríaco, fazia painéis para peças teatrais e também pintou alguns dos patrimônios municipais, como, por exemplo, uma das paredes da Sociedade 12 de Janeiro, localizada no bairro Sander. A terceira proprietária, filha de Anton Oppitz, Adolfinia Oppitz - primeira parteira do município; ela também era professora - ficou com a casa. Era casada com Balduino Lauffer, irmão do avô de Clarise (atual proprietária). O casal teve apenas um filho, Armindo Lauffer - vale ressaltar que não é o mesmo que leva o nome do museu da cidade. Armindo Lauffer era escrivão em Pelotas e afilhado de Mircon Lauffer, pai de Clarise. Mircon era casado com Adelina Semilda Lauffer e, durante a velhice de Balduino e Adolfinia, foi o casal que cuidou deles. Devido a isso, Armindo Lauffer vendeu a casa e terras para Mircon. Logo depois, o irmão de Adelina, Hugo Hirt, comprou a casa dos pais de Clarise, mas, segundo ela, morou pouco tempo, preferindo morar com a irmã e o cunhado, pois não era casado. A residência, então, passou a ser alugada. Quando Hugo Hirt já estava mais velho, doou a casa da rua 25 de Julho para Clarise, que passou para sua filha Luciana Carina Moeller.

A casa está locada para uma lavagem de carros. Seu estado não é dos melhores, pois como não pretendem nela residir, não veem a necessidade de reformá-la. Ela também já passou por algumas mudanças: o telhado não é mais o mesmo, pois foi preciso substituí-lo por um novo. Sua cor também foi alterada, sendo, atualmente, laranja com creme. A casa conta com 10 janelas – duas, na fachada; quatro, na lateral direita e quatro, na lateral esquerda - e uma porta na fachada.



*Vista da casa por ocasião da enchente de 1936, na qual, na porta, podemos ver o Sr. Anton Oppitz e esposa.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Fachada atual da casa (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Richard Bohrer de Souza.*



*O local é conhecido como a casa da taquaireira, com espaço para recreação ao ar livre, com escadaria para o rio.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*

*Em 1998, já com telhado substituído; Em 2008, reformada e com pintura nova.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa dos Becker

Endereço: Estrada do Moinho, Bairro de Linha Café Baixa

Meio: Rural

Acesso: Estrada de chão batido

Data da construção: 1890

Proprietários: 1º Willibaldo Petry;

2º Pedro Moser;

3º Alzemiro Moser;

4º Luiz Carlos Becker e Carolina Moser.

Uso atual (2022): em desuso

Data do levantamento: novembro de 2021

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Elaine Smaniotto

Depoimentos:

Luiz Carlos Becker concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em outubro de 2021.

Histórico:

A residência Becker localiza-se na Estrada do Moinho, no bairro de Linha Café Baixa, sendo um dos caminhos até um dos moinhos utilizados pelos colonos para a produção de farinha. Tratando de uma perspectiva geográfica, a Estrada do Moinho e as construções nela situadas acompanham o leito do Rio Paranhana e ligam o bairro de Linha Café Baixa à Linha Café Alta e à Vila Rural de José Velho.

Essa residência foi construída em alvenaria, com tijolos de barro unidos pelo mesmo material; possui uma fachada simples e simétrica; as aberturas são feitas em madeira, assim como as janelas que são de madeira; a porta é composta por duas folhas cegas de madeira; acima do marco da porta, temos a inscrição WP 1890, entalhado também em madeira.

Diferentemente da composição das paredes, a base e a escada da casa são compostas por pedras Grés; o telhado é de telhas de barro; em sua lateral, há 3 janelas de cada lado, sendo duas paralelas às paredes e uma superior, indicando a presença do sótão. Na parte interna, a casa possui assoalho em madeira, assim como forro no mesmo material. Na parte externa frontal, está o pátio vazio até a beira da estrada; na lateral, situa-se a atual residência dos Becker; na parte traseira da propriedade, há um anexo construído, posteriormente, em alvenaria e telhas de fibrocimento. Nos fundos da propriedade, localiza-se um chiqueiro de grandes dimensões, onde o proprietário executa suas atividades como suinocultor.

Atualmente, pertence ao casal Luiz Carlos Becker e Carolina Moser. O Sr. Beckinha, como é conhecido o atual proprietário da Residência Becker, Luiz Carlos Becker conta que se mudou para a casa, no início dos anos de 1980, e que foram feitas pouquíssimas modificações estéticas na casa, somente reparos necessários, como troca de assoalho. A construção do anexo, segundo ele, foi realizada durante o período em que seu sogro, Alzomiro Moser, residiu na casa.

O proprietário falou que desde que conhece essa propriedade, nela sempre teve cultivo de lavouras de milho, arroz, mandioca e feijão, principalmente. Também teve criação de animais, como suínos, bovinos e aves (patos e galinhas) que ainda hoje são criados na propriedade. Segundo Beckinha, a família de seu sogro, os Moser, sempre trabalharam em atividades rurais, como ele disse “viviavam da roça”, apesar de ter investido parte de seus recursos no ramo de turismo e lazer familiar. Atualmente, Luiz Carlos Becker tem a suinocultura como sua principal ocupação.



Foto da fachada da casa (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Foto da fachada da casa. Iniciais de Willibaldo Petry entalhadas em madeira (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Foto da lateral da casa (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa dos Weber

Endereço: Rua Brasil, n. 1760, Linha Café-Baixa

Meio: Urbano

Acesso: via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1930

Proprietários: 1º Enrique Schultz e Rosaline Schultz;

2º Willi Nilo Frank;

3º Edi Asta Weber e Alcino Weber.

Uso atual (2022): Comércio (agropecuária)

Data do levantamento: janeiro e fevereiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Elaine Smaniotto

Depoimentos:

Alcino Weber e Edi Asta Weber concedidos à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em fevereiro de 2022.

Histórico:

Os primeiros proprietários de terras e construtores da residência, localizada na Rua Brasil, 1760, em Linha Café - Baixa, foi a família Schultz, mais especificamente, Rosaline e Enrique Schultz, em meados de 1930 (relato de Edi Asta Weber). Posteriormente, o casarão de 56m² foi adquirido por Willi Nilo Frank, cujos herdeiros venderam-no para Edi Asta Weber, por volta do ano de 2006, que atualmente é proprietária junto a seu filho Alcino Weber. Segundo Alcino Weber, em 2007, foi realizada uma breve reforma estética no prédio, quando foi pintado. Posteriormente, com a intenção de alugá-lo, foram removidas as paredes internas de madeira, e o sótão foi fechado por questões de segurança.

Alcino ressalta que esse prédio abrigou uma borracharia e, a partir do ano de 2012, nele instalou-se o comércio "Pecuária Linha Café". Com a instalação da pecuária, foram construídos dois anexos em madeira que funcionam como depósitos. A fachada do prédio, que apresenta a inscrição "1930" na parte superior, está encoberta por árvores. O poço d'água, que abastecia a casa, localizado nos fundos da residência, também foi fechado.

A família de Willi Nilo Frank praticava atividades agrícolas, no entorno da residência, que fica às margens do Rio Paranhana, além de criação de animais, como bovinos, suínos e aves (depoimento Edi Asta Weber).



Foto da residência (2007).

Fonte: Acervo pessoal de Alcino Weber.



Vista frontal atual (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Vista lateral (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Vista lateral (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Fachada do prédio (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Túmulo e casa de Frederico Trott
Endereço: Linha Quilombo

Data da fundação/construção: 1928

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
Andrea Helena Petry Rahmeier
Elaine Smaniotto

Fonte:

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães: Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Volume III. Igrejinha(RS): E.G.Engelmann, 2007.**

MOELLER, Clarise Elisa. DEECKEN, Lorena Pedrinha (orgs.). **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**

Depoimentos:

Juarez Bergamo concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em janeiro de 2022.

Histórico do túmulo de Frederico Trott:

Frederico Trott foi um personagem incomum, pois três anos antes de falecer, em 1928, inaugurou seu túmulo. Esse ato contou com a participação de autoridades da época. Nas pedras de seu túmulo, além de uma pequena biografia de doze páginas sobre sua vida, deixou diversas histórias gravadas, assim como no muro de seu mausoléu, onde descreve como foram seus anos como tropeiro, levando gado para Santa Catarina e São Paulo. Atualmente o responsável pela manutenção do Túmulo é o senhor José Bernardi, vice-patrono do CTG Frederico Trott, nome escolhido em homenagem ao excêntrico tropeiro. Há inclusive, uma certa homenagem a Trott, já que se realizam caminhadas e acendimento da chama crioula, tendo como ponto de partida o túmulo de Frederico Trott.

O túmulo de Frederico Trott foi construído sobre pedras grês, apesar de seu busto de latão estar rodeado e coberto por um telhado e quatro pequenos pilares de mármore, em um plano mais elevado, que pode ser avistado por cima dos muros construídos a mando de Frederico Trott. O muro coberto por cacos de vidro, segundo Juarez Bergamo, serviria para impedir a entrada do genro e do padre que realizariam seu funeral. Dois montes de pedras estão localizados intencionalmente nas duas laterais do túmulo, um dos montes, conforme afirmou Juarez, onde o padre deveria subir para realizar o evento fúnebre e outro, para os colegas de carteadado de Trott, pudessem jogar Solo Alemão próximo ao túmulo.

A propriedade da família Bergamo:

Em meados de 1959 e 1960, Waldemar Bergamo adquiriu as terras dos herdeiros de Frederico Trott, que incluía a casa construída em 1894, e o túmulo de Frederico Trott. O túmulo foi construído a partir de pedras grês, retiradas da própria propriedade, além das madeiras nobres que, inclusive, influenciaram na escolha do nome da fazenda, Grapiapunha. A casa também apresenta um anexo construído com pedras grês, aberturas em madeira e assoalho, além da casa preservar o sótão que servia como quarto.

Segundo Juarez Bergamo, a casa passou por leves reformas alguns anos atrás, quando a pintura e o assoalho receberam mais atenção. Na parte frontal, apresenta-se também uma escada em pedras grês. Atualmente, a filha de Juarez Bergamo mora na residência que foi construída em 1894.



*Busto (em latão) de Frederico Trott (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.*



*Festa de inauguração da sepultura do tropeiro Frederico Trott, em Quilombo (1928).
Fonte: Engelmann, 2007, p. 264 e 671.*



*Inauguração da sepultura (1928).
Fonte: Engelmann, 2007, p. 265 e 671.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Atualmente, a propriedade é utilizada como moradia da família Bergamo, onde residem Juarez Bergamo e sua esposa Elisabete Bergamo, bem como sua filha. Por se tratar de uma propriedade rural, Juarez arrenda parte das terras para criação de cavalos, que podem ser facilmente encontrados na paisagem próxima ao Túmulo de Frederico Trott. O acesso ao túmulo se dá por uma estrada vicinal que leva até a sua propriedade na Estrada Geral na Linha Quilombo, conhecida como Fazenda Grapiunha.



Foto da parte frontal da casa (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Túmulo de Frederico Trott (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Foto da parte traseira da casa (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.

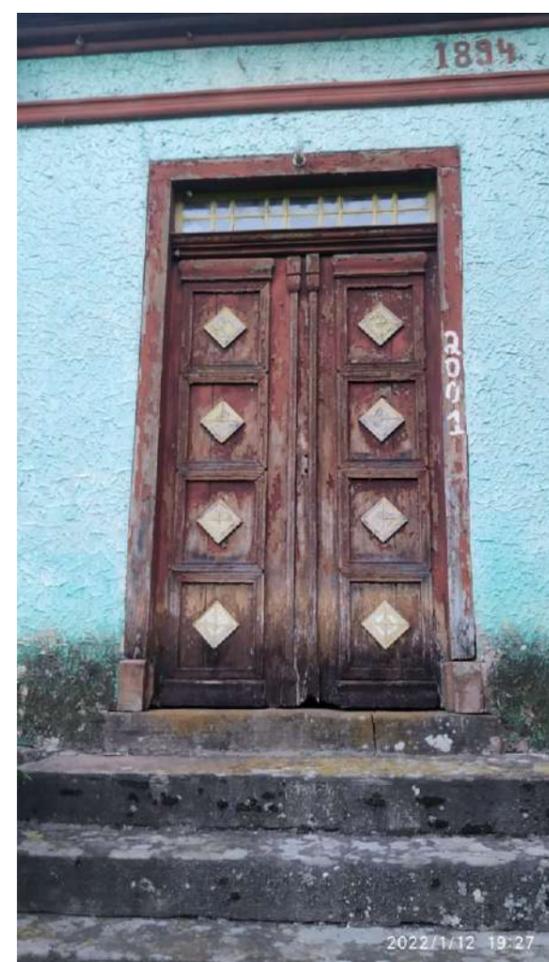


Foto da porta da casa que pertenceu a Frederico Trott (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Museu Armindo Lauffer
Endereço: Rua Henrique Juergensen, n. 139
Meio: Urbano
Acesso: via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1856
Data da fundação: 1985

Data do levantamento: janeiro de 2022
Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
Andrea Helena Petry Rahmeier
Elaine Smaniotto

Fontes:
Decreto executivo n. 2.394, de 12 de março de 2010.
MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena Pedrinha (orgs.). **Nossas Raízes I**. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.
MAGALHÃES, Aloísio. **E Triunfo?** A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
PREFEITURA DE TRÊS COROAS. Lei n. 192, de 20 de outubro de 1971.
SILVA, Marcos. FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no Século XXI**: Em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

Histórico:

Em 1856, foi construído o prédio do atual museu. Esse espaço abrigava a família Petry e também funcionava como um armazém, até o final da década de 1930, conforme documentos do respectivo acervo. O espaço foi palco de um confronto entre maragatos e Johannes Petry (João Petry), em meados de 1892, quando teria sido baleado Antonio Corrêa, um dos supostos líderes maragatos, assim afugentando os demais combatentes (Lei Municipal n. 192, de 20 out. 1971).

A Prefeitura Municipal, em 1977, adquiriu o prédio e iniciou o processo de reformas para a inauguração do espaço como museu, para o qual foi transferido o acervo de Armindo Lauffer. Além do Museu, no prédio, funcionou até o ano de 2009 a Biblioteca Pública de Três Coroas.

O Museu Armindo Lauffer foi idealizado e fundado após a morte de Armindo Lauffer. Esse senhor, durante muitos anos, comprou itens antigos, como ferramentas, objetos de uso pessoal, livros, máquinas, louças, armas, moedas, roupas, fotografias, medalhas e documentos, além de vasta quantidade de livros e passou a organizar e expor esses itens em um museu particular, localizado em uma sala da Casa Paroquial da IECLB, bairro de Sander, com o objetivo de criar um museu do imigrante. Ao longo de sua história, o Museu realizou e oportunizou diversas exposições temáticas, como a exposição de Remi Brusius, com esculturas feitas a partir de galhos; também exposições de pinturas da artista local Christi e exposições fotográficas de Joares Machado. Recentemente, foi alvo de atividades dos cursos de Turismo e História das Faculdades Integradas de Taquara, quando os alunos contribuíram na organização e ressignificação de algumas áreas do Museu, realizando um evento chamado "Noite no Museu", estreitando laços entre ele e a comunidade.

Em 12 de março de 2010, o prédio onde fica o Museu foi tombado no registro de imóveis (decreto n. 2394).



Parte frontal do Museu Armindo Lauffer (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Jaime E. Cannes.



Inauguração do Museu Armindo Lauffer (1985).
Fonte: Acervo do Museu Armindo Lauffer.

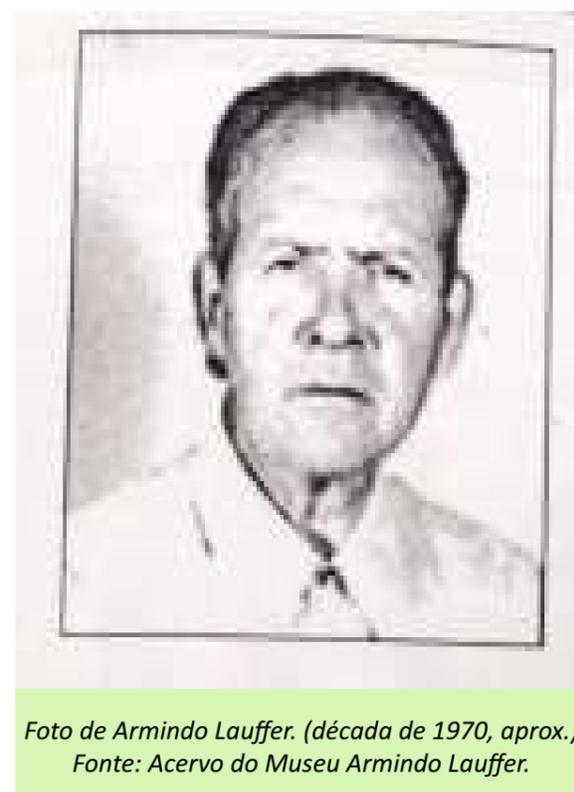


Foto de Armindo Lauffer. (década de 1970, aprox.)
Fonte: Acervo do Museu Armindo Lauffer.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Descrição:

O terreno onde se localiza o Museu tem 1.185,50 m² e a casa ocupa 345,70 m² de área construída. O prédio foi construído em alvenaria; possui cobertura em duas águas, 18 janelas, 3 portas em madeira, sótão, porão, assoalho em madeira. Frontalmente, possui duas escadas em pedras grês. Sua estrutura é constituída por pedras e madeiras nobres, a maioria original. Segundo a atual diretora de Cultura do município de Três Coroas, Carine Setti, o Museu está concorrendo em editais públicos e projetos, objetivando a realização de reformas, para futuramente reabrir as portas, pois se encontra fechado desde o início da pandemia de covid-19. Em janeiro de 2022, foi aprovado um projeto para a realização de reforma do prédio.

Por que preservar?

Os museus não são apenas locais de visitação e salvaguarda de objetos antigos, mas, sim, “os museus em particular, são espaços privilegiados de construção de memórias, geralmente homogêneas, representativas dos grupos hegemônicos. Favorece assim o processo de exclusão proporcionado pela manipulação da memória. Faz-se necessário a reapropriação destes espaços, tendo em vista a diversidade de significados e de olhares que podem ser lançados ao patrimônio já existente. A preservação é possível, e em muitos casos necessária, porém preservar não significa congelar os olhares, as representações e as identidades. Além disso, faz-se necessário a criação de novos espaços de representação, que atendam às expectativas dos diversos grupos sociais que compõem a sociedade brasileira”. (MAGALHÃES; BRANCO, 2006). E nas palavras de Marcos Silva e Selva Guimarães Fonseca (2007, p. 72), “o museu é uma instituição de pesquisa, dotada de um acervo que não está lá apenas para ser exposto, mas também para ser estudado, conservado e restaurado”.



Foto do caderno de anotações das vendas do comércio da família Petry (aprox. final da década de 1890).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.

Três Coroas
Vale do Paranhana
Infraestrutura do Museu Armindo Lauffer

Qualificar este prédio tombado que é utilizado por grupos turísticos, pesquisadores, historiadores, colecionadores e estudantes.

Segmento: Turismo de Aventura

TOTAL: R\$ 668.420,95
CONCEDENTE: R\$ 568.157,80
PROPONENTE: R\$ 100.263,15

Projeto aprovado para realização de reforma (janeiro de 2022).

Fonte: Acervo pessoal de Carine Setti.

Assista ao vídeo criado para o dia 18 de maio, em comemoração ao Dia Internacional dos Museus, homenageando ARMINDO LAUFFER, escaneando o QR Code ao lado.





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson
Endereço: Av. Santa Maria - centralizada na praça Affonso Saul, n. 121
Meio: Urbano
Acesso: Asfalto e calçamento em bloquete

Data da construção: 04 de dezembro de 1969
Sede inicial: Prefeitura Municipal de Três Coroas
Proprietário: Poder Executivo Municipal de Três Coroas
Uso atual (2021): Biblioteca municipal

Data do levantamento: novembro e dezembro de 2021
Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto

Fonte:
Decreto Municipal n. 147, de 04 de dezembro de 1969.
KRIESER, Elmer Walter. Três Coroas: Rainha do Paranhana. **Revista Panorama**, Taquara, 1982.
Revista Panorama, Taquara/RS, 1982.
SCHWARCZ, Lilia M. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
Depoimentos:
Magda de Souza Ávila, Alexandre Behs e Lorena Pedrinha Deecken concedidos à Camila Brum em novembro e dezembro de 2021.

Histórico:

A Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson foi fundada em 1969, sob Decreto Municipal, Lei nº 147, em 04 de dezembro de 1969, durante o mandato do prefeito Helberto Lauro Ruppenthald, com o objetivo de propiciar o acesso às informações úteis para as pessoas de todas as faixas etárias e também oportunizar cultura à sociedade. A Biblioteca ocupou diversos espaços: primeiramente, estava instalada onde atualmente é a Secretaria de Educação (veja ficha da Secretaria de Educação). Em 1981, foi transferida para a frente da Prefeitura, mantendo-se na mesma rua. Em 1985, ao ser inaugurado o Museu Armino Lauffer (veja ficha do Museu) foi novamente transferida, integrando-se ao Museu. Em 2009, mudou-se, novamente, para a rua Mundo Novo, nº 79, na casa dos Robinson. Em 2012, com o objetivo de continuar disseminando a cultura e a leitura aos seus usuários e ter uma localização mais central, passou a ocupar o espaço atual, na Avenida Santa Maria, praça Affonso Saul, nº 121.

O prédio atual da Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson era, anteriormente, o Quiosque do Alemão. Devido a sua localização, centralizada e de fácil acesso, foi comprado pela Prefeitura Municipal de Três Coroas, na administração de Rogério Grade, para servir ao interesse público.

Acreditamos que para uma biblioteca existir são necessários três elementos básicos e que estejam interligados entre si: livros, bibliotecários e usuários. Atualmente, a Biblioteca Pública do município de Três Coroas conta com acervo de 16.104 livros, desde as categorias infantis até acervos com documentos sobre a cidade (revistas, jornais, documentos fotográficos, etc). Nesse universo, é fundamental o trabalho das bibliotecárias que são as funcionárias que mantêm o acervo em ordem e ajudam as pessoas a encontrar o que procuram. A bibliotecária atual chama-se Magda de Souza Ávila, atuando desde 2009. Mas, ao longo da história da Biblioteca Pública Municipal, houve outras duas responsáveis: Maribel Christiane Port (sem data de posse e término) e Lorena Pedrinha Deecken, que esteve à frente da Biblioteca até 2009.



*Prédio da Biblioteca em frente a Prefeitura na rua Mundo Novo (1981).
Fonte: Acervo pessoal de Lorena Pedrinha Deecken.*



*Fachada atual da Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson (2021).
Fonte: Site da Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson.*



*Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson junto ao Museu Armino Lauffer, entre 1985 até 2009.
Fonte: Acervo pessoal de Lorena Pedrinha Deecken.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



A Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson é bem mais que um espaço de empréstimo de livros. Também é um espaço cultural onde ocorrem diferentes atividades, envolvendo lazer e cultura. Por exemplo, jogos de xadrez, horas do conto, exposições de artes, confecção de trabalhos, palestras, visitação de escolas, Projeto Leitura Livre, entre outras atividades interligadas à cultura três-coroense. Durante a pandemia da Covid-19, a Biblioteca passou a desenvolver atividades nas quais a bibliotecária gravava vídeos educativos sobre os livros “Nossas Raízes” - coletânea de livros que contam a história da cidade de Três Coroas -, além de promover campanhas nas redes sociais, para incentivar a leitura e fazer com que o espaço cultural não fosse deixado de lado durante o período pandêmico.

Por que recebeu esse nome?

A Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson recebeu esse nome em homenagem à Balduino Robinson, cidadão três-coroense, defensor da escola para todos, ou seja, acreditava que era dever do Estado a educação das crianças e dos jovens. Até a década de 1930, na cidade, só havia escolas particulares ou muito distantes. O professor Balduino Robinson, depois de várias idas a Porto Alegre, obteve permissão para fundar uma escola, com a condição de conseguir inscrever no mínimo 100 alunos, além de um prédio para a futura instituição de ensino. Segundo fontes, ele cavalgou de casa em casa, pelo interior, e conseguiu 132 alunos, incluídos seis de seus sete filhos. Em 5 de junho de 1930, pelo Decreto nº 4532, foi criado o Grupo Escolar Mundo Novo, espaço cedido pelo próprio Balduino Robinson, que antes era um salão de baile, atualmente, denominado Colégio Estadual 12 de Maio. A inauguração da escola ocorreu após quatro anos da homologação do decreto. Em função disso, o nome da Biblioteca e também de uma escola municipal homenageiam o professor Balduino Robinson.

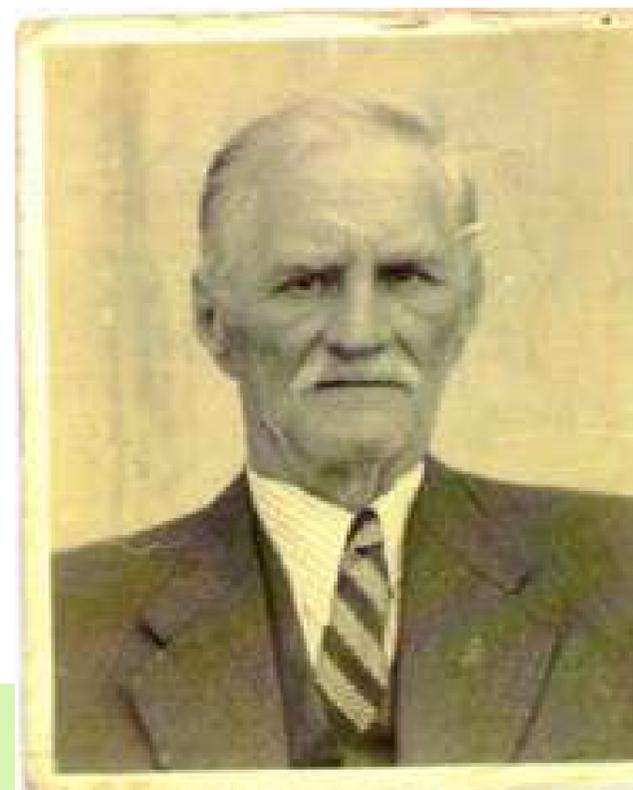
Para a antropóloga Lilia M. Schwarcz (2002) a palavra biblioteca é de origem grega e surgiu da união de duas palavras *biblio* e *têke* que teriam significado conjunto de “prateleira ou depósito para guardar livros, escritos, rolos de papiro e de pergaminho arrumados em estantes”. E agora no século XXI é importante pontuar que a biblioteca é “uma instituição, onde se desenham desígnios intelectuais, realizam-se políticas de conservação, elaboram-se modelos de recolha de textos e de imagens. Mais que um edifício com prateleiras, uma biblioteca representa uma coleção e seu projeto. Afinal qualquer acervo não só traz embutida uma concepção implícita de cultura e saber, como desempenha diferentes funções, dependendo da sociedade em que se insere” (Schwarcz, 2002, p. 120). Neste sentido, a biblioteca vai além de um espaço que guarda escritos. Ela é acima de tudo um local voltado a pesquisas construção de saberes. Uma instituição que incentiva a leitura e desenvolve a vida cultural da população.



Fachada da Biblioteca Pública Municipal no prédio da Casa dos Robinson (2009).
Fonte: Acervo Histórico da Biblioteca Pública Municipal Balduino Robinson.



Inauguração de novo espaço cultural.
Fonte: Jornal Novo Mundo (2012).



Balduino Robinson
Fonte: Acervo pessoal de Lorena Pedrinha Deecken.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Secretaria Municipal de Educação e Desporto

Endereço: Rua Mundo Novo, n. 130

Meio: Urbano

Acesso: Asfalto e calçamento em bloquete

Data da construção: 1920

Proprietários: 1º Tiro de Guerra n. 649;

2º Poder Executivo Municipal de Três Coroas.

Uso atual (2022): Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Três Coroas

Data do levantamento: dezembro de 2021

Pesquisadores: Camila Brum

Elaine Smaniotto

Fonte:

KRIESER, Elmer Walter. Três Coroas: Rainha do Paranhana. **Revista Panorama**, Taquara, 1982.

TRÊS COROAS. Secretaria de Educação e Desporto. Disponível em:

<https://www.trescoroas.rs.gov.br/secretarias/secretaria-educacao-e-desporto/>. Acesso em: jan. 2022.

Depoimentos:

Alexandre Behs, Luciana Duarte Braun e Mara Regina Velhos, concedidos à Camila Brum, entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022.

Sobre o prédio localizado na Rua Mundo Novo, n. 130:

O prédio, aqui apresentado, faz parte das construções edificadas no início do século XX, construído em alvenaria rebocada e ornada com aplicação de elementos formais, tais como frisos e pilastras. A edificação conta com 16 janelas, sendo seis, do lado direito - local anexo à extensão do prédio -, quatro, do lado esquerdo e quatro, na frente - duas, na estrutura antiga do prédio e duas, na sua extensão; duas portas - uma pertencente à primeira construção e outra, no anexo ao prédio. A cor, atualmente, é vermelha - na maior parte da repartição - e branca nos detalhes (janelas, portas, bordas). O interior do prédio e o piso foram modificados. O telhado apresenta-se em duas águas e sótão.

Histórico:

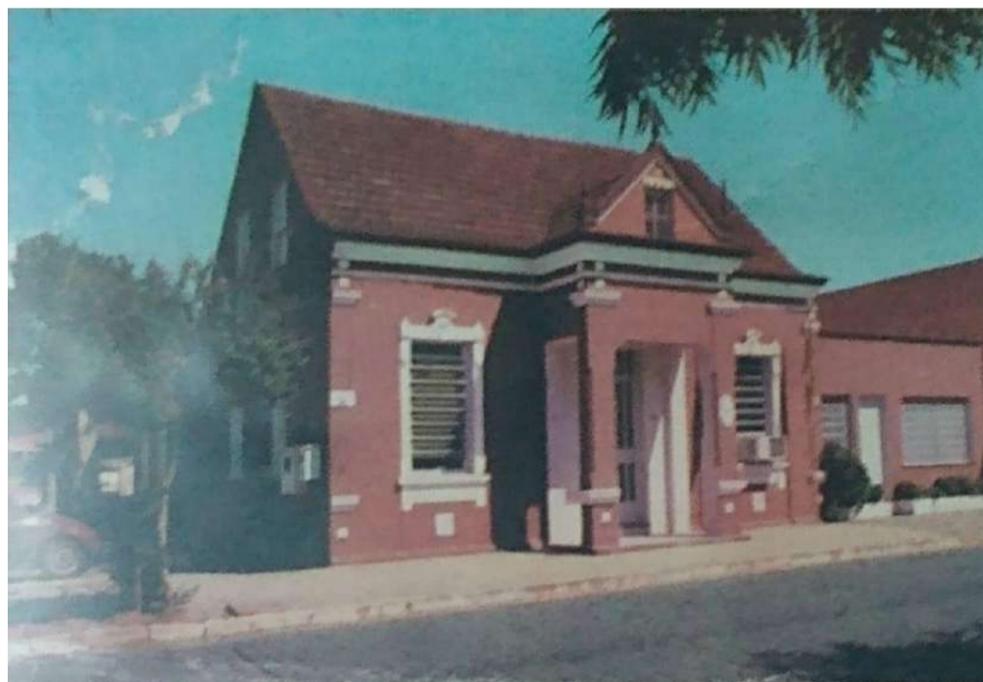
O prédio data de 1920, antes mesmo de existir o município. Sua primeira finalidade foi para instalar o Tiro de Guerra (veja a ficha específica do Tiro de Guerra). Em 1938, essa atividade foi extinta em Três Coroas. De 1959 até 1989, a Prefeitura Municipal de Três Coroas e suas Secretarias instalaram-se nesse prédio. A partir de 1989, com a inauguração do novo prédio da Administração Municipal, o local passou a ser utilizado somente pela Secretaria de Educação, permanecendo no mesmo endereço até os dias atuais.

Sobre a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Três Coroas:

Atribui-se à Secretaria de Educação e Desporto as seguintes funções: Atuar na organização, manutenção e desenvolvimento de órgãos e instituições oficiais do sistema municipal de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e do Estado, exercendo ações redistributivas em relação às escolas municipais, baixando as normas complementares para o Sistema Municipal de Ensino. Também é função dessa Secretaria autorizar, credenciar e supervisionar os estabelecimentos do sistema municipal de ensino, ofertando a educação infantil em creches e pré-escolas e, com prioridade, o ensino fundamental.



*Fachada do primeiro prédio da Prefeitura Municipal de Três Coroas (década de 1970).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.*



*Fachada atual do prédio onde está localizada a Secretaria de Educação (2021).
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Desporto.*



*Desenho do prédio, feito com tinta e óleo - Artista Lisete Heidrich.
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Matricular todos os educandos a partir dos seis e sete anos de idade no ensino fundamental e oportunizar a educação escolar regular para jovens e adultos com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades. Outra função é a realização de programas de capacitação para os profissionais da educação em exercício das suas funções, integrando os estabelecimentos de ensino fundamental do seu território ao sistema nacional de avaliação do rendimento escolar.

A Secretaria de Educação e Desporto também estabelece mecanismos para progressão da sua rede pública do ensino fundamental e mecanismos para avaliar a qualidade do processo educativo desenvolvido pelas escolas públicas municipais e da iniciativa privada. É ela quem administra os recursos materiais e financeiros. É por meio dessa Secretaria que se desenvolvem atividades desportivas, tais como competições esportivas. Além disso, a Secretaria de Educação e Desporto do Município de Três Coroas é organizada por departamentos, sendo eles: Serviço de Desporto, Departamento Pedagógico, Departamento de Nutrição e Departamento Pessoal.

Em 2021, com a mudança do executivo municipal, a Secretaria, antes de Educação e Cultura, foi alterada para Secretaria de Educação e Desporto.

A primeira Secretária de Educação do município foi Gladys Erna Behs, um ano após a emancipação de Três Coroas. Sucederam-na Marina Helena Grün, Otmar Alfredo Otto, Rita Vanda Sturm, Lisete Heidrich, Roque Werner, Tânia M. Haak, Sarita Fisher, Viviane Anai Rothe e Marinês M. Fey. Atualmente, a Secretaria de Educação e Desporto atende dezesseis escolas, sendo sete escolas de Educação Infantil, oito escolas de Ensino Fundamental e uma escola de Educação Especial.



Desenho do prédio, feito com grafite por Ney Fonseca (fev. 1998).
Fonte: Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



Comemoração do dia do Rio Paranhana, promovido pela Secretaria de Educação. Na foto é possível ver canoístas juntamente com alunos limpando o rio (2003).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



Olimpíadas Escolares promovida pela Secretaria de Educação. Na foto, os estudantes estão jogando Dama (final dos anos 1980).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Prefeitura Municipal de Três Coroas

Endereço: Av. João Manoel Corrêa, n. 380

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1987-1989

Proprietário: Poder Executivo Municipal de Três Coroas

Uso atual (2022): Prefeitura Municipal de Três Coroas

Data do levantamento: dezembro de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Elaine Smaniotto

Élen Waschburger

Fonte:

KRIESER, Elmer Walter. Três Coroas: Rainha do Paranhana. **Panorama**, Taquara, 1982.

Mundo Novo, Três Coroas, ed. especial, 1988.

Panorama, Taquara, 1987-1989.

PREFEITURA DE TRÊS COROAS. Disponível em:

<https://www.trescoroas.rs.gov.br/>. Acesso em: dez. 2021.

Depoimentos:

Alexandre Behs concedido à Camila Brum, em dezembro de 2021.

Histórico:

Três Coroas tornou-se município em 12 de maio de 1959. Primeiramente, a sede administrativa estava localizada na Rua Mundo Novo, nº 130 (veja ficha da Secretaria de Educação e Desporto). A partir de 1989, foi transferida para a principal avenida da cidade, Av. João Correa nº 380. Ali, em uma edificação imponente, com arquitetura contemporânea, encontra-se o Centro Administrativo de Três Coroas, com Executivo e Legislativo municipal em um mesmo prédio.

O Centro foi construído durante o mandato de Alexandre Behs (Gestão:31/01/1983 até 31/12/1988). Segundo seu relato, “o intuito era trazer para a cidade um Centro Administrativo que se localizasse no coração do município, fazendo com que os visitantes e turistas tivessem uma visão ampla do que a cidade proporciona e para isso, o principal órgão de uma cidade, a Prefeitura, deveria estar no Centro e ter fácil acesso”.

Após a compra do terreno que pertencia à família Willrich, iniciou-se a construção. O projeto arquitetônico foi desenvolvido por Suzel Neubarth que, na época, estava finalizando o curso de Arquitetura e, como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolveu o projeto para o novo espaço administrativo do município de Três Coroas. A ideia inicial de tamanho para o prédio era de 1.400m². Atualmente, o pavimento térreo conta com 921,62m² e o pavimento superior, com 554,85m².

O espaço foi inaugurado, em 1989, na administração de Ricardo Schmitt Müller. Desde então, as novas gestões administram a cidade de Três Coroas em um prédio desenvolvido exclusivamente para tal função e que, na época, foi uma inovação para a região.

A Prefeitura é um dos espaços públicos mais importantes da cidade e está localizada na avenida central. Para quem acessar pela ERS-115, verá, primeiramente, o Centro Administrativo, que fica de frente para a Avenida Santa Maria.

No interior do prédio, costuma-se organizar exposições, com visitas de estudantes de escolas públicas e da comunidade, em geral. No seu entorno, é cultivado um jardim com plantas e flores diversas. Também, em frente ao prédio, sempre há informações sobre eventos que estão ocorrendo no município, desde a festa popular em comemoração ao aniversário de emancipação, como o “Três Coroas em Festa”, até programações de eventos religiosos, como Natal, Páscoa, dentre outros.



*Finalização da construção da Prefeitura (1989).
Fonte: Panorama, Taquara, 28 abr. 1989, p. 5.*



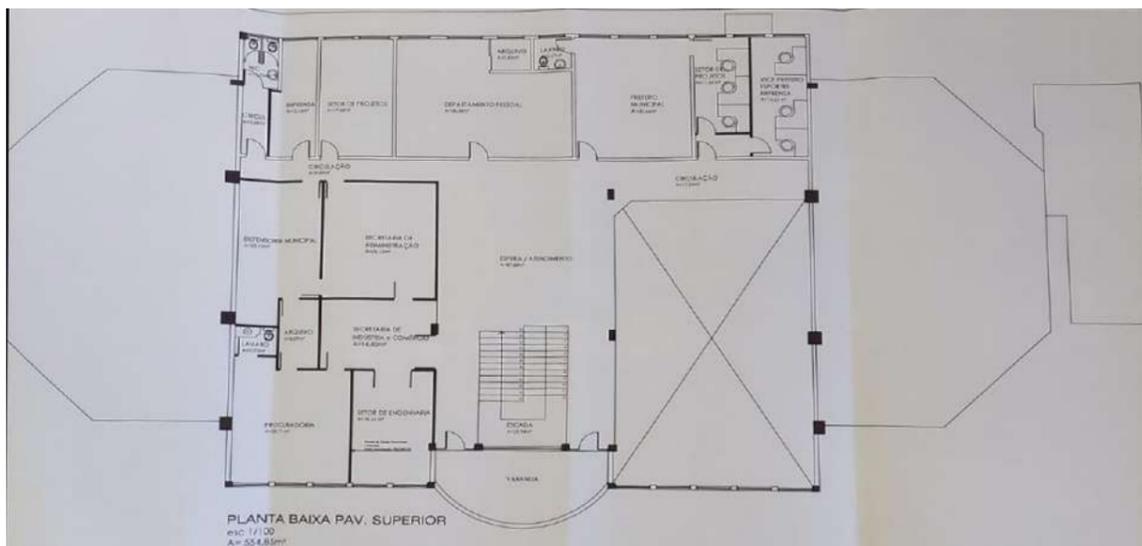
*Fachada atual da Prefeitura (2021).
Fonte: Site da Prefeitura de Três Coroas.*



*Reestruturação do gramado e jardinagem em frente ao prédio (década de 1990).
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Três Coroas.*

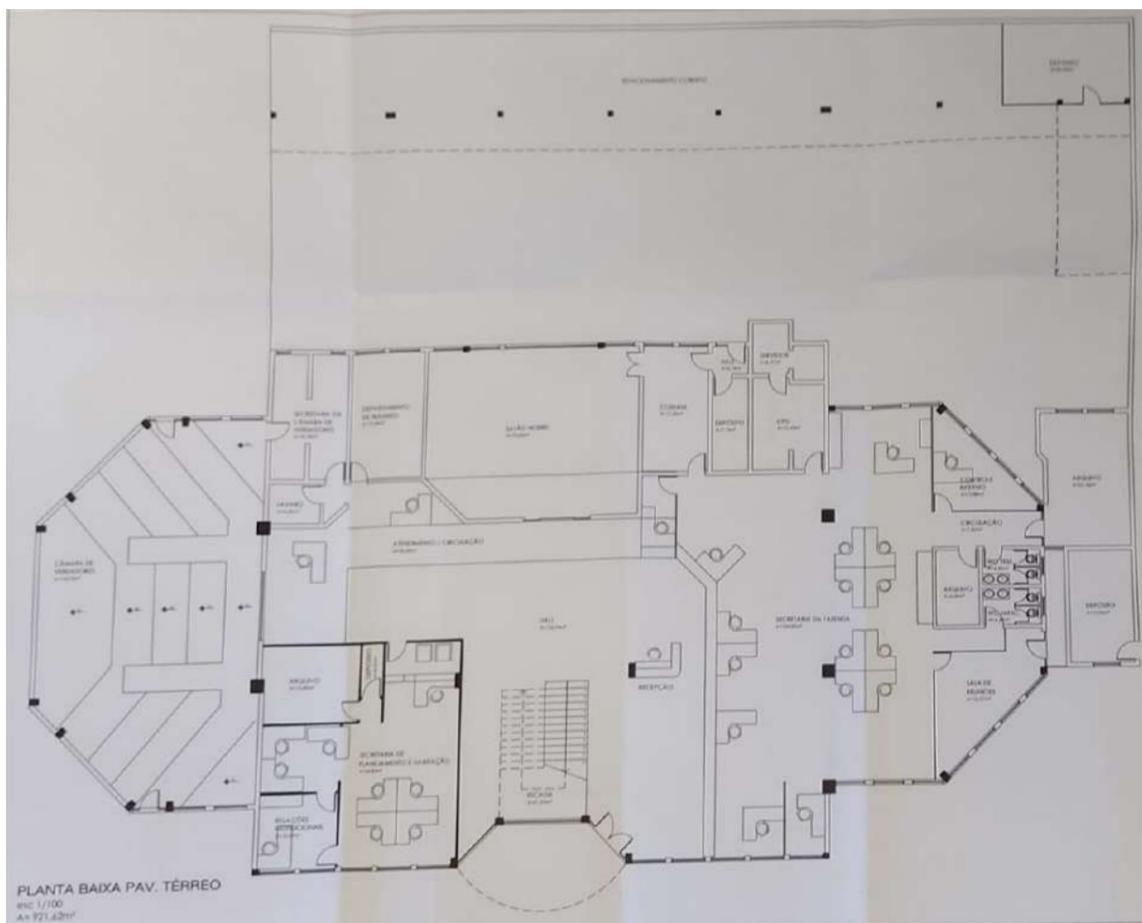


INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Planta baixa - Pav. Superior (2021).

Fonte: Acervo da Prefeitura de Três Coroas - Setor de Urbanismo.



Planta baixa - Térreo (2021).

Fonte: Acervo da Prefeitura de Três Coroas - Setor de Urbanismo.

Parobé e Três Coroas constroem novos prédios para as prefeituras

As administrações municipais de Três Coroas e Parobé têm, para 1987, pelo menos uma meta em comum: a construção de novos prédios para as prefeituras municipais.

Conforme o prefeito Alexandre Haack, de Parobé, esta obra é um de seus objetivos prioritários para o ano. No novo prédio deverá funcionar, além da administração municipal, a Câmara de Vereadores do município. Serão mil metros quadrados de área construída, e as obras iniciarão em breve, uma vez que o espaço físico da atual prefeitura é muito acanhado, não dando condições de tranquilidade no trabalho. O novo prédio da Prefeitura de Pa-

robé ficará no bairro Guarujá, próximo à Cartonagem Saft.

TRES COROAS

Até o final deste mês, a Prefeitura de Três Coroas abrirá edital de licitação do projeto de construção de nova sede do governo municipal. A obra deverá ser iniciada logo após o resultado da concorrência. O novo prédio terá 1.200 m², numa área de 3.000, localizada no final da av. Santa Maria e pertencente ao município. A previsão é de que a obra esteja concluída no final de 88. A exemplo de Parobé, também em Três Coroas o novo prédio da Prefeitura prevê uma área para abrigar a Câmara de Vereadores.

Anúncio da construção da nova sede municipal (1987).

Fonte: Panorama, Taquara, 10 jan. 1987.

MN Especial setembro/88

12

PREFEITURA: Nova sede para o Executivo Municipal



Encontra-se em fase final a construção da Nova Prefeitura Municipal de Três Coroas, que também abrigará a Nova Câmara de vereadores, bem como as secretarias Municipais. Localiza-se na esquina da Av. João Corrêa com a Rua Felipe Bender. Com área total de 1.400m², este prédio caracteriza-se pela forma de arquitetura moderna, e ao mes-

mo tempo sendo simples e funcional, como característica das obras da Administração Alexandre Behs. Toda a obra será externamente de tijolos à vista e a cobertura em estrutura metálica. São dois pavimentos, sendo o primeiro a Câmara de Vereadores, algumas secretarias Municipais e recepção, o no segundo pavimento o

Gabinete do Prefeito e também Secretarias Municipais. Esta obra a muito tempo estava sendo reivindicada pela população, tendo em vista que a atual sede do Executivo Municipal já não comporta satisfatoriamente todas as atribuições que são necessárias, devido a falta de espaço físico. É de muito importante a excelente localização da nova Prefeitura, que

facilitará bastante o seu uso, sendo localizada perto de outros serviços essenciais, como o Posto de Saúde, Correio, Brigada Militar e Delegacia de Polícia. Esta é mais uma obra que está sendo entregue à população pela Adm. Alexandre Behs, e que ficará como marco na história deste Município, como símbolo de uma Administração competente.

Notícia sobre a construção da sede municipal (1988).

Fonte: Mundo Novo, Três Coroas, set. 1988, p. 12.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB):
Comunidade do Centro (Kleine Kirche) e Cemitério

Endereço: Rua América, n. 124

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da edificação: 1897

Data de início da reforma da igreja: 1936

Reinauguração: 07 maio 1939

Datas dos primeiros túmulos: Meados de 1850

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Elaine Smaniotto

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

DREHER, Martin N. (org.). **Histórias de Vida e Fé:** Luteranos e Luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães:** Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha: E. G. Engelmann, Volume I, 2004.

MOELLER, Clarise Elisa. **Memórias...** Três Coroas: Paróquia Evangélica de Três Coroas, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Juliana Krause concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em janeiro de 2022.

Histórico da comunidade:

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - Comunidade Três Coroas - foi edificada no ano de 1897 e, em 12 de julho 1936, a partir de um grupo formado por Francisco Zorn, Guilherme Dienstmann, Jacob Scherer, Reinoldo Jacks, Artur Mueller e Pedro Streb juntamente com a comunidade começaram as obras de revitalização do prédio. Nesse mesmo período, a partir de uma nova reunião, foi decidida a compra de um sino.

No dia 7 de maio de 1939, após a conclusão da reforma, foram criadas diversas comissões para celebrar a inauguração do novo templo. Em 1982, durante a enchente que danificou gravemente a Ponte Armindo Lauffer, é possível visualizar, por meio de fotografias, que ela atingiu a Igreja IECLB fortemente.

A IECLB, em Três Coroas, durante sua história, promoveu diversos eventos e atividades como o Grupo OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), fundado em 1925, grupos de Idosos, cultos de casais, grupos de viúvas solitárias, grupos de jovens, retiros, GAT (grupo de adolescentes), JETCO (Juventude Evangélica de Três Coroas) e grupos teatrais. Também propiciou eventos que fazem parte da programação da Igreja, como casamentos, batismos e confirmações. Segundo a Casa Paroquial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a Comunidade de Três Coroas possui 160 fiéis que frequentam a Igreja, localizada na Rua América.

Descrição do prédio:

A Kleine Kirche, como era conhecida anteriormente à reforma de 1936, apresenta atualmente uma torre com sino (Marca Bromberg); uma porta frontal com duas pranchas de madeira; duas janelas na parte frontal superior com uma das pontas ovalizadas. Nesse plano, também é possível



Foto frontal da igreja IECLB do centro de Três Coroas (2022).
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica de Três Coroas.



Inauguração da igreja no dia 07 de maio de 1939.
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica de Três Coroas.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS

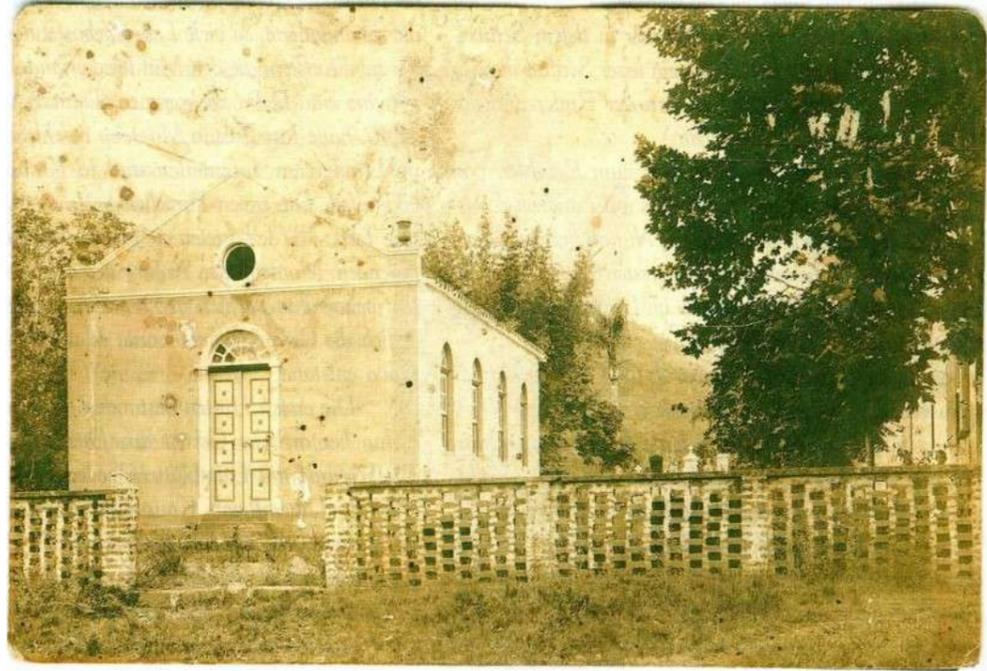


identificar duas pequenas cruzes e outra, mais acima, na fachada da igreja. Uma grande e estreita calçada leva até a porta da Igreja, além de uma extensa área gramada. Na parte traseira do terreno, é possível identificar um cemitério que pode ser acessado por uma calçada lateral.

Histórico e descrição do cemitério:

Nos fundos da igreja, há um cemitério com túmulos de fiéis luteranos da segunda metade do século XIX até o século atual. Isso demonstra que antes da construção de um templo ou da presença de um pastor, as pessoas que aqui habitavam já estavam organizadas e realizavam seus sepultamentos religiosos nesse local. Os túmulos chamam a atenção, pois trazem informações sobre os sepultados, local de origem, o idioma falado (alemão), lembrando que imigrantes e seus descendentes foram aí sepultados.

O Pastor Karl Friedrich Roos que era responsável por uma das primeiras comunidades evangélicas, por volta de 1870, foi sepultado na parte central desse cemitério. Apesar de ter falecido em São Leopoldo, em 1873, seu desejo de ser enterrado nesse cemitério foi cumprido, e seu túmulo encontra-se preservado até os dias atuais. A sepultura do pastor Roos guarda a última homenagem dos seus fiéis e em sua lápide consta: "aqui descansa em paz Karl Friedrich Roos, de Herborn (Nassau), Pastor em Mundo Novo, nascido em 26 de junho de 1843 e falecido em 18 de março de 1873. Felizes são os mortos que morrem no Senhor. Apoc. De João 13 e 14. Em agradecimento, dedicado pela comunidade" (ENGELMANN, 2004, p. 237).



Primeira igreja Evangélica (Kleine Kirche) de Alta Santa Maria do Mundo Novo. Foi construída, em 1897, em frente ao cemitério do povoado. Não tinha torre nem sinos. Fonte: Engelmann, 2007, p. 438.



Igreja Evangélica de Confissão Luterana e o cemitério; ao lado, indústrias e subestação de energia elétrica da RGE, Três Coroas/RS (2003). Fonte: Engelmann, 2007, p. 555.



Túmulo do Pastor Carl F. Roos com inscrições em alemão, informando a data e local de origem do sepultado. No texto, também se identifica, em língua alemã, "Aqui descansa em Deus", frase comum nos túmulos desse cemitério (2022).

Fonte: Acervo pessoal Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Túmulo infantil, em período alto índice de mortalidade infantil, característica de muitos cemitérios até os anos 1970 (2022).

Fonte: Acervo pessoal Kennedy Felipe Behling Azevedo.



A cruz enquanto símbolo representativo do cristianismo. As colunas simbolizam a solidez e a força (2022).

Fonte: Acervo pessoal Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Enchente de 1982. Fonte: Acervo pessoal de Carlos Antonio (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB):
Comunidade São João (Ritterskirche)

Endereço: Rua Antônio Opptiz, n. 135, Loteamento Eucaliptos

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1898

Inauguração: 1900

Projetada por: Jacob Volkart

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
Elaine Smaniotto

Fonte:

DREHER, Martin N. (org.). **Histórias de Vida e Fé:** Luteranos e Luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MOELLER, Clarise Elisa. **Memórias...** Três Coroas: Paróquia Evangélica Três Coroas, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa *et al.* **Crônica Histórica.** Três Coroas: s. ed, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.) **Nossas raízes I.** Três Coroas: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Juliana Krause concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em janeiro de 2022.

Histórico da comunidade:

A igreja da comunidade de São João, também conhecida como Ritterskirche, pois Frederico Carlos Ritter foi o doador do terreno onde a mesma foi construída, além de ser um dos primeiros proprietários das terras que correspondem ao bairro Sander, atual Loteamento Eucaliptos. Sua construção iniciou no ano de 1898, e findou em 1900, o projetista da obra teria sido Jacob Volkart, os construtores teriam sido Bernardo Werb, além da comunidade como um todo. Segundo Martin N. Dreher a “igreja foi construída pelos membros imigrantes e descendentes de imigrantes alemães que aqui se estabeleceram, dando continuidade aos costumes que trouxeram de sua terra natal para terem um lugar de encontro para o exercício e vivência de sua fé, cada um colaborando de acordo com suas possibilidades” (DREHER, 2012, p. 130). Em sua inauguração em 1900 a Igreja São João possuía cerca de 105 membros. Apesar da Comunidade Evangélica de Três Coroas adquirir autonomia total da paróquia de Igrejinha, a Igreja da comunidade São João, continuou ligada até 1927 à paróquia de Igrejinha.

No ano de 1939, uma comissão de reforma reuniu Adolfo Krummenauer, Martin Roos, Teobaldo Frank, Teo Sander, Francolino Thomas, Luiz Mueller, Júlio Jungthon, Luiz Spohr e Leopoldo Diefenbach. Em 1947, a Igreja São João recebeu um novo Sino que foi financiado pelos membros da comunidade, a inauguração do mesmo ocorreu no dia 28 de dezembro de 1947. Em 1949 a Igreja recebeu a doação do grupo OASE, que forneceu cortinas. No ano de 1975 novas reformas alcançaram a comunidade de São João.

A Igreja São João, corresponde a comunidade evangélica do bairro Sander, porém durante o período de sua construção e nas décadas seguintes ela iria pertencer à comunidade chamada de Linha Café Baixa, que se estendia ao atual bairro Eucaliptos. Somente a partir da Lei Municipal nº 1282 de 29 de março de 1994 e compra das terras de Arsênio Willrich pela prefeitura o bairro passou a não pertencer mais a Linha Café Baixa.

Descrição da Igreja:

Atualmente o prédio ainda serve a comunidade como Igreja IECLB, realizando cultos, batismos, casamentos, velórios, confirmações e demais rituais sagrados aos evangélicos. Em sua frente é visível uma torre com uma pequena cruz na ponta, na mesma temos quatro janelas retangulares e outra arredondada. No plano inferior são visíveis frontalmente duas janelas e uma grande porta com duas pranchas de madeira.



Igreja São João (Ritterskirche) (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Inauguração do novo sino, em 25 de dezembro de 1947. Este sino foi transferido para a nova igreja da Linha Café Baixa (1990).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.

Maleta com itens utilizados pelos primeiros pastores da Comunidade Evangélica de Santa Maria do Mundo Novo (1900).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.

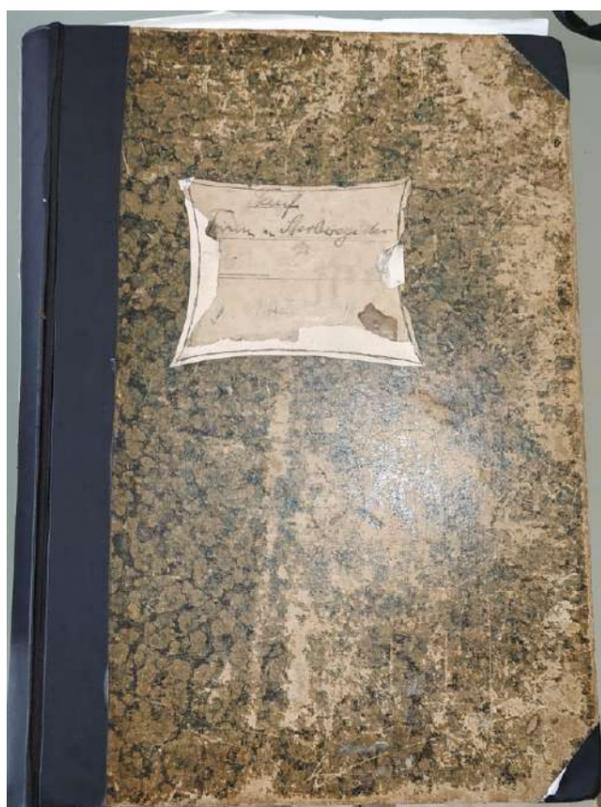




INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Nas laterais paralelamente temos quatro janelas similares às da frente. O telhado é formado por telhas de barro estilo colonial. O terreno da Igreja está localizado nos fundos da Escola Municipal Frederico Ritter, a qual possui uma praça para a recreação dos alunos, sendo a mesma autorizada pela Instituição religiosa. Além da praça, o terreno apresenta grades de proteção em toda sua extensão, árvores também fazem presença no jardim da Igreja.



Livro de registros originais (1901- 1926), Igreja São João (Ritterskirche).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Igreja São João, reinaugurada em 1999 (2000).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Vista lateral e frontal (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB):
Comunidade Sander (São Pedro/Peterskirche)

Endereço: Rua 7 de Setembro, n. 785, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1898

Inauguração: 1902

Comissão de construção: Pedro Lauffer, João Rönnau, Carlos Eckard, Henrique Trein, Frederico Lorenz, Frederico Trott, José Trein, Emilio Handke, Nicolau Braun e Pedro Sander

Custo: (14.122\$570) Quatorze contos cento e vinte e dois mil e quinhentos e setenta réis

Data do levantamento: janeiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
Elaine Smaniotto

Fonte:

DREHER, Martin N. (org.). **Histórias de Vida e Fé:** Luteranos e Luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MOELLER, Clarise Elisa. **Memórias...** Três Coroas: Paróquia Evangélica Três Coroas, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa *et al.* **Crônica Histórica.** Três Coroas: s. ed, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P (orgs.). **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Juliana Krause concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em janeiro de 2022.

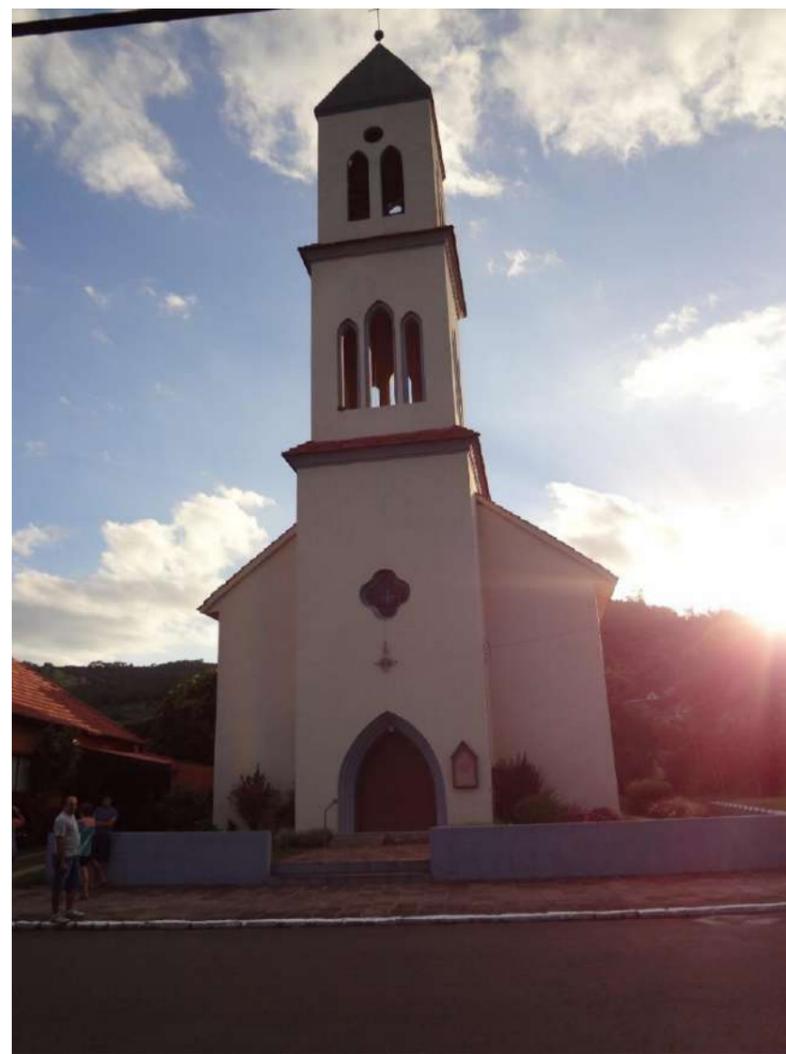
Histórico da comunidade:

O tamanho da comunidade do Mundo Novo e Sander era bem modesto e ela frequentava a igreja da Comunidade de Três Coroas. Essa comunidade possuía uma igreja bem pequena, localizada onde atualmente é o centro da cidade e, por esse motivo não tinha mais capacidade física para suportar todos que a frequentavam. O natural seria que a comunidade de Sander frequentasse a Ritterskirche, que estava em construção, junto à comunidade de Linha Café Baixa, porém, segundo Moeller (2000), a Comunidade Evangélica de Sander não concordou com a localização da Igreja e, em 1898, iniciou a construção da Igreja de Sander, também conhecida como Peterskirche ou Igreja São Pedro. O apelido "Peterskirche" foi dado devido a Pedro Lauffer ter sido o idealizador e financiador da obra; posteriormente, a mudança do nome da Igreja para "Igreja de São Pedro" ocorreu em homenagem ao apóstolo Pedro.

Além da comissão de construção, diversos integrantes da Comunidade Evangélica de Sander doaram materiais, recursos e mão de obra para a construção do novo templo que foi inaugurado em 1902; nesse período, a comunidade era composta por aproximadamente 60 membros. Somente no ano de 1948, iniciou a reforma que proporcionou a construção da torre que foi finalizada em 1949 e que ainda existe. Os vitrais localizados no altar foram doados pela Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) em 1949. Em 1969, a igreja passou novamente por uma reforma, mais especificamente na parte externa, com foco na pintura do prédio.

Desde sua existência, são realizados casamentos, confirmações, cultos, velórios, batismos e demais rituais religiosos. Atualmente, a comunidade possui cerca de 210 membros ativos, sendo a Igreja Evangélica de Confissão Luterana com maior número de fiéis no Município de Três Coroas. "Com membros muito ativos, o trabalho da comunidade tem seus pontos fortes na evangelização, estudo da Palavra, grupo de OASE.

Este último, fundado em 1925 e reorganizado em 1927, construiu em 1982, com o apoio da Prefeitura, uma capela mortuária para a localidade, hoje administrada pela Paróquia" (DREHER, 1912, p. 132). Além das atividades religiosas, a comunidade juntamente com a OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas) promove eventos comemorativos ao Dia do Imigrante, em julho, e ao aniversário da inauguração da Igreja, em outubro.



Parte frontal da Igreja (2022).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Peterskirche em meados de 1900, antes da instalação da torre.

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Construção da Peterskirche (1898).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Descrição da Igreja:

Atualmente, o prédio apresenta uma torre com sino, com quinze pequenas aberturas posicionadas verticalmente somadas a uma pequena janela de vitrais; tem somente uma porta frontal, com duas partes em madeira; em seu entorno há uma espécie de mureta. Nas laterais do prédio, são visíveis quatro janelas de cada lado; seu telhado é composto por telhas de barro. O restante do terreno onde está localizado o prédio possui um vasto gramado que cobre a extensão do jardim. Nos fundos do prédio, pode-se vislumbrar cinco estreitas janelas com vitrais.



Desfile cívico, na década de 1950, com a igreja ao fundo, um ano após a inauguração da torre.

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.

Ao lado

Altar antes da reforma de 1949.

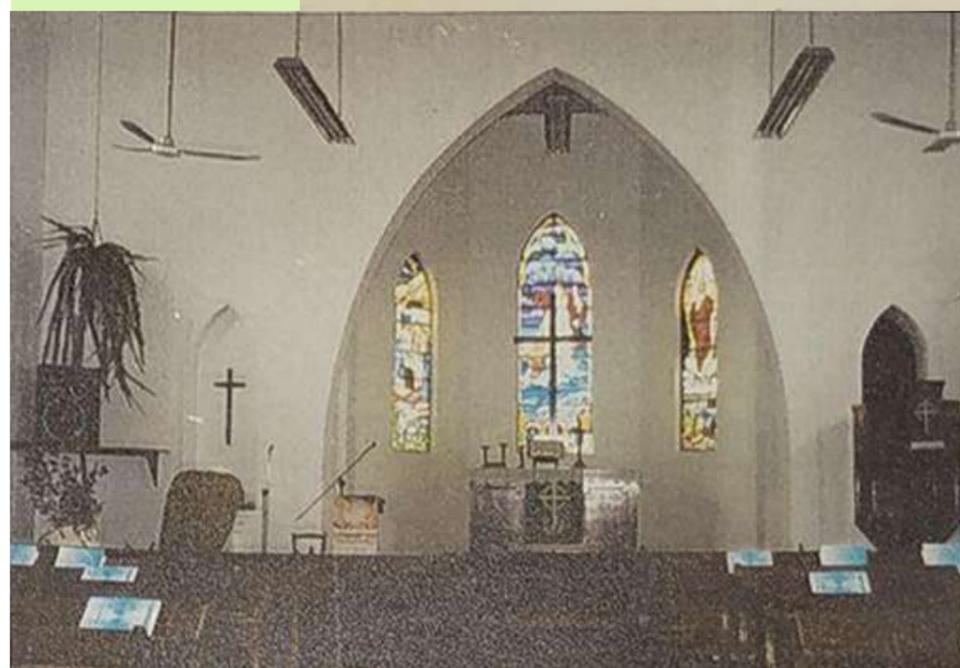
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Abaixo

Altar após a reforma.

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Peter Lauffer, idealizador e financiador da Igreja Evangélica de Sander – "Perts Kirche" – 1902.

Retrato de Pedro Lauffer (aprox. 1890).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB):
Comunidade e Cemitério de Serra Grande II

Endereço: Estrada Geral da Serra Grande

Meio: Rural

Acesso: Estrada de chão batido

Fundação: Comunidade - 1930

Data da construção da Igreja atual: 20/03/1960

Construção da atual Igreja: pedreiro Lindeman (de Boa Vista do Erval), um servente e a comunidade

Data do levantamento: fevereiro de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Elaine Smaniotto

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul:** arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2000.

DREHER, Martin N. (org.). **Histórias de Vida e Fé:** Luteranos e Luteranas no nordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

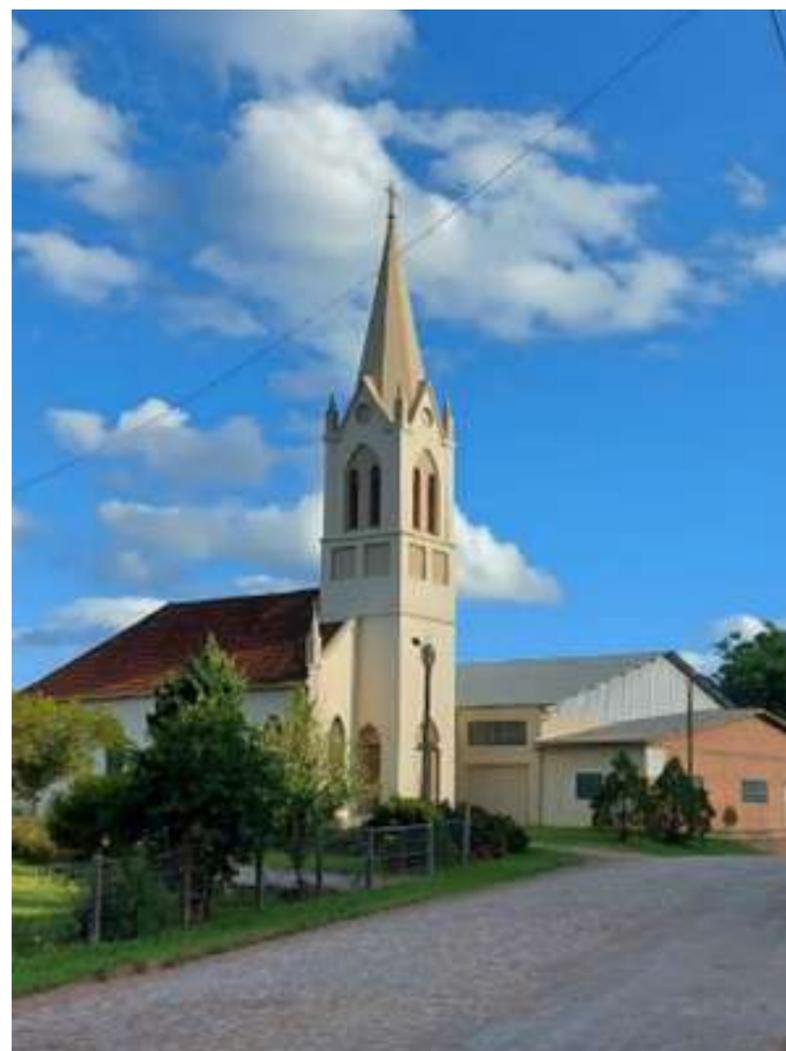
Cristiane Brentano, Maciel Brentano, Diane Willirich Edinger e João Edinger concedidos à Elaine Smaniotto, em fevereiro de 2022.

Histórico da comunidade:

Os primeiros imigrantes alemães de Confissão Religiosa Evangélica Luterana chegaram à atual comunidade de Serra Grande II ainda no século XIX e logo procuraram organizar as atividades de culto. Primeiramente, a comunidade era atendida pelo pastor de Igrejinha, Johannes Rudolf Dietschi. Por volta da década de 1930, foi construída uma igreja de madeira, ostentando no alto de seu campanário um galo, feito em lâmina de ferro e que foi preservado dentro da comunidade. O templo também servia de escola e o professor era o senhor Avelino Sander (DREHER, 2012). As pessoas da comunidade frequentavam muito a igreja porque era um local de fé, educação, encontro, troca de informações e sociabilidade.

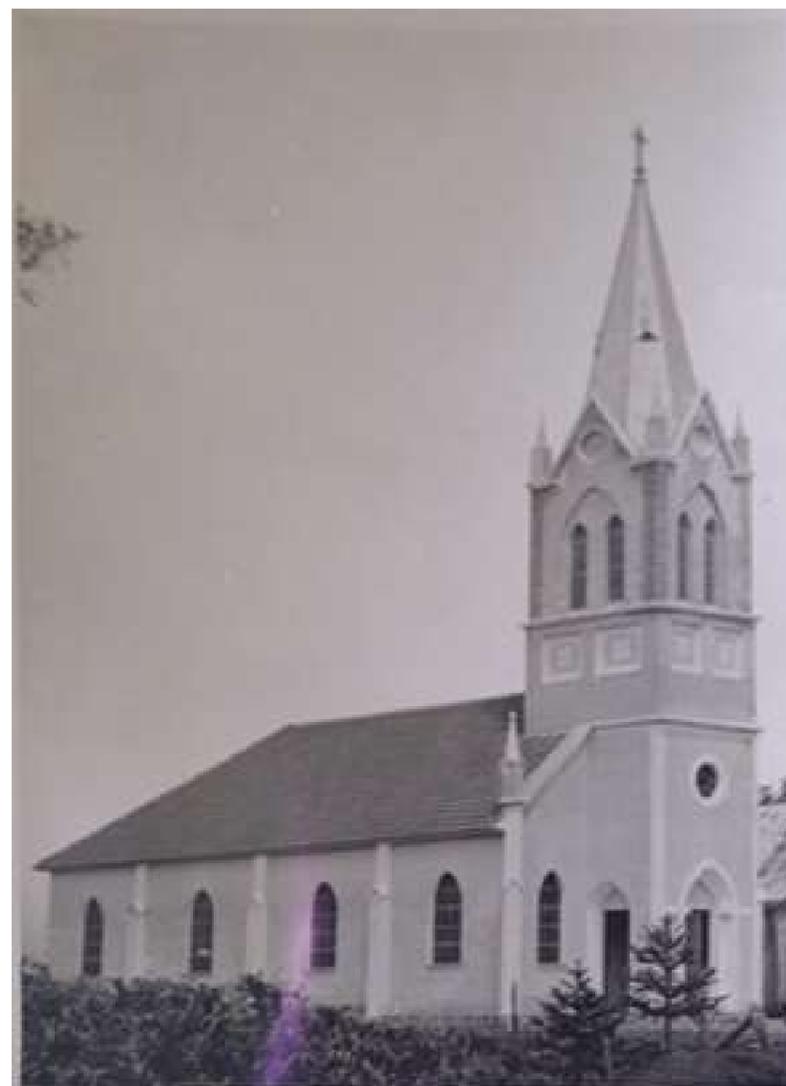
Na década de 1950, o senhor Albino Edinger, conforme seu neto João Edinger, sugeriu ao presidente da comunidade, Hugo Becker, a construção de uma nova igreja, afinal a comunidade contava com aproximadamente 70 famílias e a “Igreja da Paz”, inaugurada em 18 de maio de 1930, precisava ser substituída por outra de maior amplitude. A comunidade confiou no trabalho do senhor Lindeman, que residia em Boa Vista do Erval, para construir a edificação que precisou de 913 dias para ser finalizada. A pedra fundamental é datada em 20 de março de 1960. Durante o período de construção, a comunidade participou por meio de trabalho voluntário e doações. O senhor Albino Edinger doou o telhado. As janelas foram doadas pelos seguintes moradores da comunidade de Serra Grande: Jorge Tausend, Otto Moeller, Walter Tausend, Wilfried Port, Família de Ivo Hörlle, Roberto Marmitt, Reinaldo Hörlle, Willibaldo Schmitz, Carlito Sander, Osvino Rheinheimer, Gelsi Begk, Reinholdo Arend, Plínio Bischoff, Alfonso Klein, Armindo Alves, Hertha Becker Martins, João Delmar Becker, Theno Armindo Haag, Albino Zimpel Filho, Arno Zimpel, Willi Willborn, Albino Edinger e filhos, Imbo Hörlle, Carlos Dreyer, entre outros. Essa construção é prova do fervor religioso da população, principalmente, em um período de prosperidade econômica baseada na produção agrícola (milho, feijão, arroz, mandioca, batata); criação de animais (bovinos, suínos, aves); extração de madeira; comércio e outras atividades como: serraria, ferraria, moinho e frigorífico. No lado direito da igreja, encontra-se o pavilhão de festas e, no fundo, o cemitério.

Atualmente, a Comunidade de Serra Grande II é atendida pela Paróquia Evangélica de Confissão Luterana de Gramado juntamente com outras comunidades como: Linha



Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e o pavilhão de Festas - Serra Grande II (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Comunidade Evangélica de Serra Grande II (década de 1960).

Fonte: Acervo pessoal de Diane Willirich Edinger.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Araripe, Gramado, Linha Marcondes, Quilombo, Serra Grande I e Várzea Grande. A maior participação nos cultos ocorre em datas tradicionais como celebração de Natal, Sexta-feira Santa, Páscoa, Dia das Mães e Dia dos Pais. No templo, também são realizados batismos, confirmações e sepultamentos. Atualmente, a comunidade de Serra Grande II conta com aproximadamente 110 membros.

Descrição da Igreja:

Em alvenaria, fachada simétrica, cobertura em duas águas, com telha francesa. A torre é bem marcada, servindo como átrio no térreo. Arcos ogivais na fachada. Na parte superior da torre há aberturas circulares, marcação de quadrados, arcos ogivais, pináculos e no topo, em formato triangular, uma cruz. No corpo da igreja, dos dois lados da torre existem duas grandes aberturas em arco ogival. Porta em madeira almofadada, duas folhas. Nas paredes laterais da edificação há uma sequência de quatro grandes aberturas. No interior tem planta retangular. Nas janelas, os vitrais apresentam motivos geométricos e na base está o nome dos doadores de cada abertura. O forro acompanha a nave e está na cor marrom, igual a cor dos bancos em madeira dispostos em frente ao altar. Como revestimento de piso, houve a utilização de lajotas na cor marfim. O altar apresenta-se por um arco ogival e no centro um grande vitral.

Descrição do cemitério:

O cemitério representa, simbolicamente, a memória e a identidade da comunidade e pode ser considerado patrimônio histórico, cultural e artístico. O cemitério aqui descrito está localizado nos fundos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – Serra Grande II. O túmulo mais antigo data de 1932 e a epígrafe está no idioma alemão. Algumas sepulturas foram atingidas pela ação do tempo, tornando difícil a identificação. Percebe-se que as representações artísticas estão relacionadas com as vivências e as crenças da época da pessoa ali sepultada. A cruz em concreto, pedra grês, latão ou ferro está presente na maioria das sepulturas, o que remete à simbologia cristã. Todos os túmulos estão virados para a nascente (leste). O cemitério está cercado por taipas.



Túmulo mais antigo desse cemitério:
Johanna Zimpel (1873 – 1932).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.

Ao lado:
Pedra Fundamental: Segundo João Edinger, no interior dessa “pedra” foi feito um compartimento e ali foram colocados pequenos objetos utilizados na década de 1950, como moedas, cédulas monetárias, cartas, etc.
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Ao lado:
Piano que conduz os fiéis nos cantos litúrgicos.
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.

Ao lado:
Galo feito em lâmina de ferro que ficava no alto do campanário da “Igreja da Paz”, inaugurada em 18 de maio de 1930.
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Ao lado:
Taipa em pedras que cerca o cemitério (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Casa Paroquial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)

Endereço: Rua 25 de julho, n. 199, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1937

Uso atual (2022): Casa Paroquial

Fonte:

DREHER, Martin N. (org.). **Histórias de Vida e Fé:** Luteranos e Luteranas nonordeste do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MOELLER, Clarise Elisa. **Memórias...** Três Coroas: Paróquia Evangélica Três Coroas, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa *et al.* **Crônica Histórica.** Três Coroas: s. ed, 2000.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes I.**

Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Juliana Krause concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em janeiro de 2022.

Histórico:

Com a chegada do Pastor Roos, em 1871, inicia a primeira fase da Comunidade Evangélica no território que corresponde, atualmente, a Três Coroas. Apesar de estarem ligados fortemente à paróquia de Igrejinha, o Pastor Roos elaborou os primeiros estatutos paroquiais. Foi substituído pelo Pastor Johannes Schumann, um dos responsáveis pela construção da primeira Igreja Evangélica de Confissão Luterana de Três Coroas (Kleine Kirche), em 1897. Duas novas igrejas foram construídas em 1898: a da Comunidade de São João (Ritterskirche), que naquele período correspondia à comunidade de Baixa Linha Café, bairro que atualmente é o Loteamento Eucaliptos, foi inaugurada em 1900. A outra igreja foi a de Sander (Peterskirche), inaugurada em 1902. De acordo com Martin N. Dreher, os templos foram construídos em mutirão, utilizando-se das habilidades dos membros, bem como do material fornecido por cada um deles (DREHER, 2012).

Durante o período do Pastor Kaselitz, as comunidades adquiriram certa autonomia, inclusive nos registros eclesiásticos, batismos, casamentos e obituários que, a partir de 1900, passaram a ser realizados em Três Coroas. Em 1925, a paróquia foi desmembrada de Igrejinha, quando assumiu o Pastor Otto Hoffmann, tornando-se o primeiro pastor residente, fixando-se em Sander. Ele era ex-oficial da Primeira Guerra Mundial, por isso, uma pastor mais rígido (DREHER, 2012)

Em meados de 1926, com a chegada do Pastor Schulz que tinha ações mais conciliadoras, iniciou a construção de uma Escola Paroquial no bairro Sander.

Em 1935, a Paróquia recebeu um novo pastor, Werner Steinmetzler, que incentivou a construção de um novo prédio para a Escola Paroquial de Sander, situado ao lado da primeira e que funcionou até meados de 1939; atualmente é a sede da Paróquia. Todavia, muitas ideias foram alteradas pelo contexto histórico vivido. Na primeira metade dos anos de 1900, foi exigido que a educação passasse a ocorrer em língua portuguesa, pois desde a primeira constituição republicana, em 1891, já era obrigatório, mas apenas no papel. Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), várias comunidades escolares foram obrigadas a ensinar em português, fato que se alterou no final do conflito. Com o governo de Getúlio Vargas, em 1930, iniciou um processo de estruturação da educação, principalmente, porque foi criado o Ministério da Educação (1930) e, em



Fachada da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Prédio de dois pavimentos, com sótão, que deu lugar à Escola Paroquial e à Casa Paroquial (1937).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



Grupo de alunas de trabalhos manuais (tricô, crochê) com a Sra. Alzira Ruppenthal na Casa Paroquial de Sander – década 1930.

Grupo de Tricô e Crochê (1930).

Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



1937, com o Estado Novo, foram impostas algumas regras, entre elas a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa. Somando-se a isso, em 1939, iniciou a Segunda Guerra Mundial, fato que intensificou ainda mais a proibição de se falar em línguas estrangeiras no país. Nesse sentido Clarise Elisa Moeller (2000) afirma que “a escola paroquial sentiu-se prejudicada e resolveu encerrar suas atividades”, referindo-se ao ano de 1939 e à desistência da comunidade em relação à construção de uma nova escola. Sendo assim, as exigências legais impostas levaram a paróquia a encerrar as atividades escolares.

No ano de 1959, foi construído, sob a gestão do Pastor Caspar Fritz, o Ginásio Paroquial, localizado nos fundos da atual casa paroquial, e que teve sua obra de reforma iniciada em 1963 e finalizada em 1964, nas terras doadas por Otto Sohne.

Em 1971, após a organização de outras comunidades evangélicas no município, como a comunidade de Quilombo e Moreira, mudou-se o nome da paróquia, que até então era “Paróquia Evangélica de Sander,” para “Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas”.

Novamente, em 1975, as instalações da paróquia receberam melhorias. Em 1977, o prédio voltou a funcionar como creche, financiada por empresas privadas de Três Coroas, além de contar com a colaboração dos grupos OASE de Três Coroas e de Sander. No ano de 1986, ocorreram as últimas reformas documentadas no prédio. A Creche Cisne Branco funcionou até meados de 1995 e, na metade dos anos 2000, também abrigou o Lar Juvenil.

Em 2011, a paróquia contava com 3.650 membros (DREHER, 2012), distribuídos em quatro comunidades - Linha Café Alta, Linha Café Baixa, Sander e Centro - e sete pontos de pregação - Canastra, Escola Dom Pedro II, Igreja São João, Linha 28, Moreira, Quilombo Alto e Vila Nova.

Descrição do prédio e uso atual:

O prédio, construído em 1937, não manteve sua estrutura original uma vez que desativou seu sótão, inclusive, cobrindo as janelas que ficavam no telhado. Atualmente, apresenta quatro janelas frontais de madeira; cinco janelas laterais, de cada lado da construção; cinco janelas traseiras, na parte superior, e um anexo com 7 janelas que foram construídas recentemente. Segundo Juliana Krause, atual secretária da paróquia, o prédio é utilizado para a administração das Igrejas da comunidade, recebimento de ofertas e demais afazeres burocráticos ligados à Comunidade Evangélica de Três Coroas.



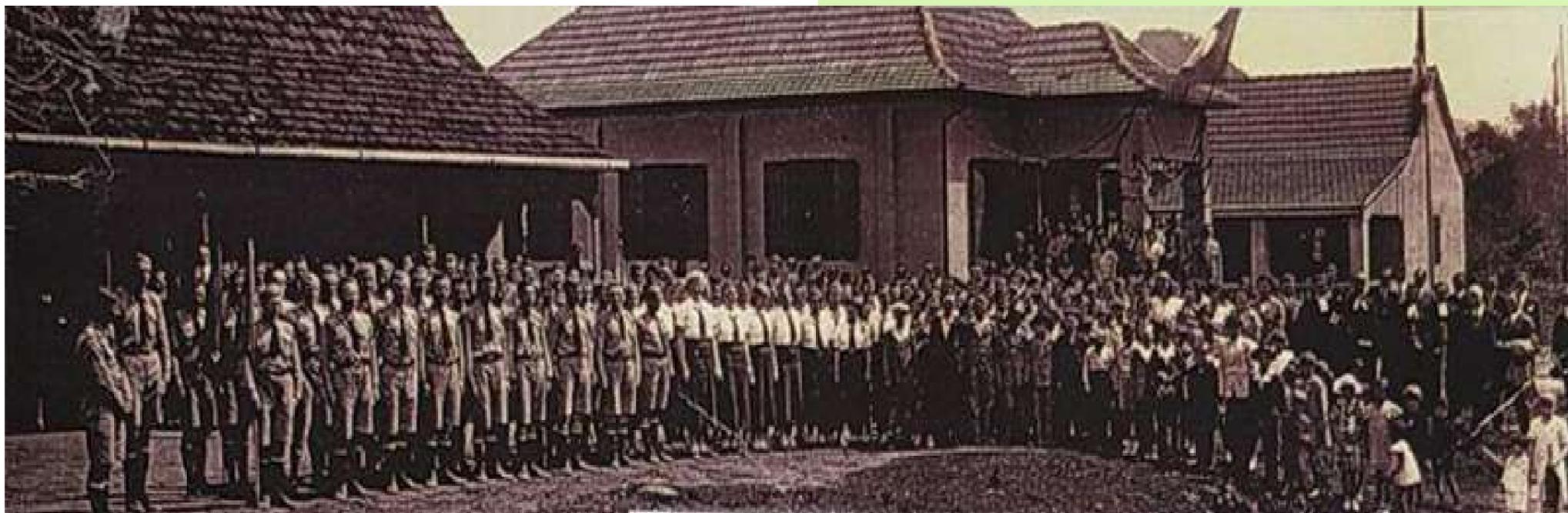
Escola e Juventude Alemã em Sander, antes da 2ª Guerra Mundial, fundada e dirigida por professores e pastores da Alemanha.

*Escola Paroquial em Sander (Final da década de 1930).
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.*



*Alunos e professoras da Creche Cisne Branco (fim da década de 1970).
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.*

*Primeiro prédio da Casa e Escola Paroquial de Sander.
Fonte: Acervo da Paróquia Evangélica do Município de Três Coroas.*





INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Católica - Paróquia Sagrada Família de Três Coroas

Endereço: Rua Doze de Maio, n. 437

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da edificação da Igreja: década de 1960

Data de início da reforma da Igreja: 1978

Inauguração: 12 nov. 1995

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Carolina dos Santos Moraes

Kennedy Felipe Behling Azevedo

Magda Rosí Brodbeck

Elaine Smaniotto

Fonte:

FAES, Marciane; CABRERA JR, Moacir. *In:* DEECKEN, Lorena Pedrinha; MOELLER, Clarise Elisa (orgs.). **Nossas Raízes II:** Três Coroas/RS. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008. p. 269-279.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.) **Nossas raízes I.**

Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

PARÓQUIA SAGRADA FAMÍLIA. Disponível em:

<https://partrescoroa5.wixsite.com/sagradafamilia/nossa-paroquia> e

<http://www.mitranh.org.br/paroquias/49/sagrada-familia-tres-coroas>.

Acesso em: 2 maio 2022.

Histórico:

A história da Paróquia Sagrada Família perpassa a própria história de Três Coroas. Inicialmente, grupos de católicos organizaram-se e construíram capelas que, esporadicamente, recebiam bispos da arquidiocese de Porto Alegre que chegavam de trem para realizar trabalhos de evangelização/sacramentos. Conforme a comunidade foi se desenvolvendo economicamente, outros cristãos foram chegando, construindo suas casas e comércios, trabalhando na área rural e, em grande parte, mantendo sua fé cristã sob a jurisdição da Paróquia de Taquara – Diocese de Novo Hamburgo. Em 1959, foi criada a Paróquia Sagrada Família de Três Coroas que passou a atender as seguintes capelas: Nossa Senhora do Rosário (Canastra Alta); São Miguel Arcanjo (Canastra Baixa); Santo Antônio (Amoreiras); Santa Terezinha (Moreira); São Francisco de Assis (Quilombo Alto); Santa Cecília (Sander); Nossa Senhora do Caravaggio (Figueira); Sagrado Coração de Jesus (Linha Café Alta); São João Batista (Linha Café Baixa); Nossa Senhora da Glória (Linha 28); Nossa Senhora Aparecida (Vila Nova); Menino Jesus de Praga (Vila Dreher); Nossa Senhora da Salette (Quilombo Baixo).

A construção do edifício da Igreja Católica acompanha a história da qual é testemunha e do espaço em que se localiza. Primeiramente, uma modesta construção e, na década de 1970, em sua Visita Pastoral, o bispo Urbano Allgayer dá o parecer sobre a necessidade de um novo projeto para a Igreja matriz, determinando que deveriam ser aproveitados os alicerces da construção existente. Em 25 de setembro de 1988, com a presença do Monsenhor Oto Erbes ocorre a pré-inauguração da nova igreja, com modernas salas para catequese. Nos meses de setembro e outubro de 1991, foram colocados os vitrais com cenas da Sagrada Família.

A torre da igreja e os três sinos foram inaugurados em 1995.

No dia 8 de janeiro de 1961, foi celebrada a festa da Padroeira Sagrada Família. A partir da década de 1970, o Dia da Padroeira passou a ser celebrado em dezembro, pois se acreditou que seria uma data mais apropriada para as festividades.



Paróquia Sagrada Família (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Carolina S. Moraes.



Primeiro Prédio da Paróquia Sagrada Família (s/d).

Fonte: Acervo pessoal de Lorena Pedrinha Deecken (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



Placa fixada na estrutura da Paróquia (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Carolina S. Moraes.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Em 1979, foi introduzida a celebração da novena preparatória na qual “cada dia um casal de festeiros convidava casais “noveleiros” que entravam na igreja em procissão ao som de bandinhas e foguetório” (Faes, Cabrera Jr. 2008, p. 272). Também, nesse mesmo ano, foi criado um Coro Misto que, no final do ano, cantava a Missa do Galo, seguindo essas atividades até 1989.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que o Batismo, a Eucaristia e a Confirmação/Crisma pertencem aos três sacramentos da iniciação Cristã da Igreja Católica. Os primeiros batismos registrados na Paróquia Sagrada Família datam de 22 de janeiro de 1960, na Capela São José. A celebração da primeira Eucaristia realizada nessa paróquia ocorreu no dia 30 de outubro de 1960, e foram aceitas ao sacramento 36 crianças. Na década de 1930, foram feitos os primeiros registros de Confirmações/Crisma realizadas na capela de Sander. Na década de 1960, foi registrado o primeiro casamento na Paróquia Sagrada Família: Urbano Knorst e Maria Joana Ferreira, na Capela São Miguel, no bairro Canastra Baixa.



*Espaço da Comunidade Católica (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Carolina S. Moraes.*

Descrição da Igreja:

A Igreja está situada em terreno plano, acima do nível da rua, cujo acesso se dá através de rampas de concreto nas laterais e uma escada ao centro. A edificação tem partido retangular, com planta composta pela nave, torre, altar, sacristia, capela e volumetria, situada nos fundos, que é destinada às demais atividades da Igreja, como reuniões e ensinamentos de catequese.

A torre sineira, que se destaca do volume da nave, tem vinte e três metros de altura, três sinos e está posicionada à esquerda, resultando em uma configuração assimétrica, projetando-se ligeiramente à frente. A volumetria da nave e altar constitui-se de um pavimento com pé direito duplo, tendo somente a parte do hall de entrada com pé direito mais baixo, delimitado por cinco arcos, construídos em alvenaria de tijolos cerâmicos. A parte dos fundos, em volumetria destinada a atividades diversas, possui três pavimentos com acesso por meio de escada em concreto armado.

A edificação tem estrutura em concreto armado e vedação em alvenaria de tijolos cerâmicos, tanto na volumetria principal como na torre. As fachadas são configuradas pelo ritmo das aberturas, as quais são posicionadas entre as colunas e cunhais, demarcados em relevo com alvenaria aparente.

A cobertura da nave, estruturada em madeira, possui duas águas com cumeeira perpendicular à fachada frontal, manto em telhas de fibrocimento e acabamento com platibanda. A cobertura da torre é constituída por laje inclinada de concreto armado em duas águas, cumeeira perpendicular à fachada frontal e uma cruz no topo.

O acesso principal, localizado na fachada frontal, é composto por três portas em madeira com folha dupla de giro e enquadramento em arco pleno com vitrais coloridos. Esse acesso se dá sob alpendre com cobertura de laje inclinada em concreto armado. Sobre esse alpendre, posicionam-se oito vitrais de enquadramento em arco pleno, com formato alongado do tipo seteira.

Em cada fachada lateral, há um acesso por rampa, constituído por uma porta em madeira, com folha dupla de giro, protegida sob alpendre de laje inclinada de concreto. Ainda nas fachadas laterais, as janelas são do tipo basculante, metálicas com vidro de coloração diversa e enquadramento em arco pleno, com formato alongado. Além das portas, são sete janelas na fachada lateral direita e oito, na esquerda.

A torre possui janelas metálicas com vidro de cores diversas. No nível mais alto, há em cada uma das quatro fachadas, um par de aberturas do tipo basculante, com verga reta. Logo abaixo, as demais janelas são posicionadas aos pares também, porém, possuem enquadramento em arco pleno e formato alongado, do tipo seteira.

A torre tem acesso somente até o segundo pavimento que é feito por uma escada em madeira. Nesse ambiente, o forro é em laje aparente que interrompe o acesso até os sinos. O forro na nave é em PVC (Policloreto de Vinil) branco. Sobre o altar, o forro é rebaxado em gesso e pintado na cor branca. O piso é de granilite em toda volumetria da nave; no altar, o piso é em revestimento vinílico, com aparência amadeirada; na torre e volumetria dos fundos, o piso é cerâmico.

As alvenarias da igreja são rebocadas tanto interna como externamente. Internamente estão pintadas na cor azul e, na parte externa, na cor bege.

Nas porções residuais do terreno, estão os acessos e o ajardinamento, compostos por grama, vegetação e pavimento em piso intertravado, formado por blocos de concreto.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Três Coroas

Endereço: Travessa Afonso Saul, n. 50

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: 1980 à 1983

Construtores: Pastor Dario José Stein com a colaboração de Valdir da Rosa Chaves, Acácio Chaves, Pr Pedro Gomes Almeida, Jorge Lemos, entre muitos outros associados da igreja. A construção do templo sede, em Três Coroas, já estava sob a supervisão do Pr Waldemar Hirsch (missionário canadense, encarregado da liderança de vários municípios da Encosta da Serra e Região das Hortências).

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Mara Vargas Antunes

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fonte:

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

MORAES, Isael Araújo de. **Frida Vingren:** uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

VINGREN, Ivar. **Diário do Pioneiro Gunnar Vingren.** Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

Depoimentos:

Concedido à Mara Vargas Antunes, em abril de 2022.

- Pastor Dario José Stein (Gramado/RS)
- Pastor Waldemar Hirsch e Herta Hirsch (missionários canadenses)
- Pastor Ademir Airton Flech (Igrejinha/RS)
- Judita Volkart (Três Coroas/RS)
- Eder Land (filho dos pastores Arno Land e Natalina Land – *in memoriam*)
- Pastor Jorge Nei Borba Antunes (Taquara/RS)
- Leusa dos Santos (Três Coroas/RS)
- Lolita Terezinha Silva Braz

Histórico:

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus teve seu início no Brasil com a chegada dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, no ano de 1910, na cidade de Belém do Pará. A obra de evangelização espalhou-se, rapidamente, pelo Brasil, chegando ao Rio Grande do Sul em 1924.

Em 1965, o Pr. Franquelin começou a obra de evangelismo em Três Coroas. Os primeiros cultos foram realizados debaixo de um pé de laranjeira, na casa da vó França, na Rua das Indústrias. Logo após, uma casa foi alugada na Rua Henrique Juergensen, no centro de Três Coroas, para a realização dos cultos, durante quatro anos. Após, foi alugado um galpão, que era garagem de caminhões do açougue do senhor Rubem Muller, na rua Tristão Monteiro, tendo como responsável o senhor Nelson de Brito, como obreiro.

Em 1971, o missionário canadense, Waldemar Hirsch, veio da Argentina para morar em Novo Hamburgo e fez uma campanha evangelística de uma semana, no cinema onde hoje é a Loja Lebes.

Em 1974, o Pr. Waldemar passou a viver em Três Coroas, impulsionando o crescimento da igreja e também dedicando-se à assistência social, através do INEVAM, que começou a ser um local de abrigo para órfãos na cidade (obteve a concessão do uso das dependências do antigo hospital de Três Coroas em Sander). Waldemar Hirsch residiu em Três Coroas até o final de 1976, quando foi substituído



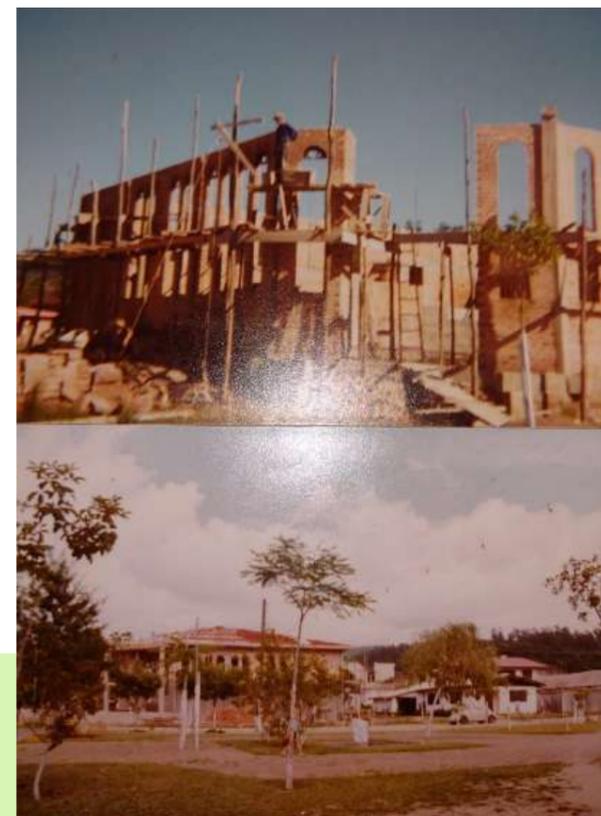
Fachada do templo sede (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Mara Vargas Antunes.



Inauguração do templo sede (13 nov. 1983).

Fonte: Acervo pessoal de Dário José Stein.



Etapas da construção do templo sede (1980 – 1983).

Fonte: Acervo pessoal de Dario José Stein.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



por Pr. Valdemar Fontoura, tanto na igreja quanto como encarregado do orfanato INEVAM. Em 1979, foi substituído pelos pastores Arno Land e posteriormente pelo pastor Dario José Stein.

Com a chegada do Pr. Dario, em novembro de 1979, houve um progresso na evangelização. Nesse período, eram realizados cultos numa tenda no terreno da igreja, no centro de Três Coroas. Ao ser planejado o templo da Assembleia de Deus, de Três Coroas, optou-se por seguir o estilo da igreja visitada em Seul, Coreia do Sul, pelo Pr. Dario José Stein, em 1978. Entre 1980 e 1983, foi construído o atual templo da igreja, sendo inaugurado em 13 de novembro de 1983, pelo Pr. Dario José Stein, sob a presidência do Pr. Waldemar Hirsch (pastor regional da Encosta de Serra). O Pr. Dario permaneceu em Três Coroas até o final de 1985, trazendo também um avanço no trabalho de assistência social que realizou no INEVAM.

Em 1986, o Pr. Ademir Airton Fleck assumiu a igreja de Três Coroas ainda sob a supervisão do Pr. Waldemar Hirsch. Em 1988, houve a intervenção da Convenção de Igrejas Evangélicas e Pastores da Assembleia de Deus no Rio Grande de Sul (CIPADERGS) e a promoção de autonomia da Igreja Assembleia de Deus de Três Coroas, sendo organizados novos estatutos e nova pessoa jurídica. Entre os anos de 1993 e 1995, foi construído um templo no bairro Vila Nova, para melhor atendimento da obra. O Pr. Ademir passou a fazer parte do Grupo Ecumênico de Igrejas Cristãs de Três Coroas (GEIC), trabalhando em harmonia com outras Igrejas Evangélicas da cidade de Três Coroas.

Após 12 anos de trabalho do Pr. Ademir em Três Coroas, em 24 de março de 1998, houve a coligação das igrejas de Três Coroas e Igrejinha através de uma eleição na Assembleia Ordinária de Membros, tendo como presidente, o Pr. Olavo Orildo Martens (de Igrejinha) e, como Pastor Auxiliar, Ademir Airton Fleck (de Três Coroas). Logo após, o Pr. Ademir foi substituído pelo evangelista, Vilson Hoffmann, que foi responsável pela igreja até agosto de 2002. No dia 25 de agosto de 2002, assumiu a igreja o Pr. Jorge Nei Borba Antunes, seguindo o Pr. Olavo como presidente. A partir desse período, houve avanço no trabalho de evangelização e missões, bem como na assistência social. A Igreja de Três Coroas passou a fazer parte do Conselho Municipal da Saúde, através do Pr. Jorge Nei (titular) e do secretário, José Antônio dos Santos (suplente – *in memoriam*). Entre os anos de 2009 e 2012, foi construído o templo na Vila Dreher.

O Pr. Jorge Nei deixou o pastorado da Igreja, em 19 de junho de 2021, após 19 anos de trabalho, trazendo novamente autonomia ao campo eclesial de Três Coroas. Assume, nesse dia, o Pr. Jair da Silva Lima, como presidente, em lugar do Pr. Olavo Orildo Martens, com o objetivo de expandir a igreja para outros bairros.

Descrição :

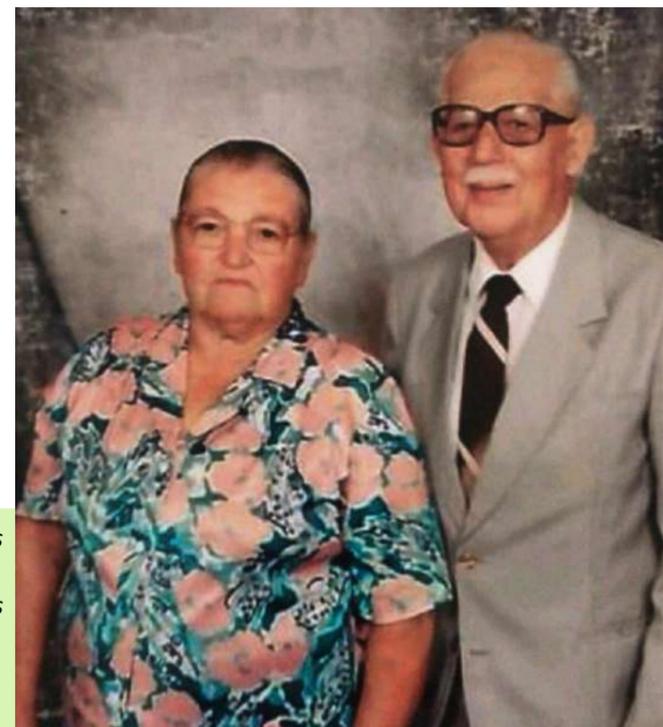
O templo foi construído, inspirado no templo de oração da Assembleia de Deus de Seul, Coreia do Sul, sendo de forma quadrada, com dimensões de 16,5m X 16,5m (272 m²). Tem 38 janelas, 4 portas, apresentando uma fachada em forma de torre, com símbolos semelhantes aos da igreja de Seul. Os símbolos são: a cruz (representando o sacrifício de Jesus para salvação da humanidade), a pomba (como símbolo do Espírito Santo), as chamas de fogo (como símbolo da unção que capacita para o testemunho do poder de Deus) e o globo terrestre (que representa a universalidade da mensagem do evangelho e missões para todo o mundo).



*Tenda onde se realizavam cultos e evangelismo, antes da construção do templo sede em Três Coroas (1982). Na foto estão Pr. Dario e esposa Valmi Stein.
Fonte: Acervo pessoal de Dario José Stein.*



*Fotos dos primeiros batismos realizado pelo Pr. Waldemar Hirsch (década de 1970).
Fonte: Acervo pessoal de Dario José Stein.*



*Pastor Franquelin de Bairros
– pioneiro na pregação do evangelho na cidade de Três Coroas (1965 à 1971).
Fonte: Acervo pessoal de Dario José Stein.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling

Endereço: Rua Arnaldo Port, n. 1211, Águas Brancas

Meio: Rural

Acesso: Via estrada de paralelepípedo

Data da edificação: 1996

Data do levantamento: abril e junho de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fonte:

TEMPLO BUDISTA Chagdud Gonpa Khadro Ling. 2020. Disponível em: <https://www.templobudista.org/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães: Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha(RS): E. G. Engelmann, Volume I**, 2004, p. 443.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs). **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**

Panorama, Taquara, 28 abr. 1995, p. 13.



Propriedade rural em Águas Brancas está sendo preparada para servir como centro religioso

Notícia sobre instalação do Templo Budista.

Fonte: Panorama, Taquara, 28 abr. 1995, p. 13.

Histórico:

O Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling é a sede sul-americana de uma rede de Centros de Budismo Tibetano Vajraiana, fundado por Sua Em^a Chagdud Tulku Rinpoche, e que está localizado na Rua Arnaldo Port, número 1211, no bairro Águas Brancas, em Três Coroas/RS.

Chagdud Tulku Rinpoche nasceu no leste do Tibet (Kham), em 1930 e, em 1959, deixou-o, passando pela Índia e pelo Nepal, durante a ocupação comunista chinesa.

Em 1994, quando visitou o município de Três Coroas, constatou que o local era adequado para a construção de seu novo templo. Em meados de 1996, as obras do templo foram iniciadas, e esse seria o primeiro dos mais de 20 templos que Rinpoche daria origem pelas Américas do Sul e do Norte. Com a morte de Rinpoche, em 2002, sua escolha de sucessão foi sua esposa e aluna, Chagdud Khadro, que assumiu a Diretoria Espiritual dos seus centros na América do Sul.

O Chagdud Gonpa Brasil faz parte de uma rede internacional de centros cuja origem é o Chagdud Gonpa, no Tibete, um monastério fundado no século XV.

Atualmente, o Templo Budista de Três Coroas encontra-se fechado para a visitação devido à pandemia de covid-19, porém, antes dessa situação, ficava aberto à visitação de quarta-feira a domingo.

O nome, em tibetano, Kha significa "céu"; Dro significa "mover-se", "ir", "dançar"; Khadro é a tradução de Dakini, palavra associada a um aspecto da energia iluminada na forma feminina. Já Ling significa "local". Uma tradução possível para Khadro Ling, então, é "Morada das andarilhas do céu".

A comunidade que vive no templo pode se casar e formar famílias. Também é responsável pela manutenção das atividades e dependências do templo, por meio de trabalho voluntário; ele é mantido através de doações.

Templo construído, seguindo uma arquitetura oriental/ estilo tibetano, apresenta-se em dois andares. No primeiro andar, que é aberto para visitação, há 18 estátuas de Arahant, (aquelas que não necessitam mais reencarnar por já terem atingido um estado elevado de iluminação), objetos e espaço para oração. Por meio de desenhos/pinturas feitos nas paredes internas, a origem dessa crença está evidenciada. As cerimônias ocorrem no segundo andar. No andar térreo, há uma loja de *souvenirs* e livros com informações sobre o budismo. As rodas de orações são



Templo Budista Chagdud Gonpa Khadro Ling (2022).

Fonte: Templo Budista (website).



Chagdud Tulku Rinpoche (2002).

Fonte: Templo Budista (website).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



preenchidas com mantras e textos de positividade e, ao girá-las, essa positividade é espalhada pelo mundo.

“Budismo, hoje, refere-se aos ensinamentos transmitidos no séc. VI a.C. por Sidarta Gautama, o Buda Shakiamuni. Em essência, Buda ensinou para as pessoas o caminho da sabedoria, isto é, como alcançar a completa liberdade do sofrimento, a iluminação. O potencial para se tornar um Buda é inerente a todos e, com desejo e empenho, é possível alcançar tal realização. Sabedoria ou prajna, em sânscrito, num sentido comum, significa natureza absoluta, “a mente em estado de absoluta normalidade”.

(<https://www.templobudista.org/obudismo/>).



Centro Budista Chagdud Gompa Brasil, na localidade de Águas Brancas, Três Coroas/RS (2003).

Fonte: Engelmann, 2004, p. 443;555.



Bandeiras de Oração

Hasteamento das novas bandeiras de oração durante a celebração do Parinirvana de Chagdud Rinpoche (2021).

Fonte: Templo Budista (website).



Estupas do Templo Budista

As estupas representam as mentes iluminadas, e cada uma delas corresponde a uma das passagens da vida do Buda (2020).

Fonte: Templo Budista (website).



Interior do Hla Kang durante o Drubchen de Essência do Sidi (2021).

Fonte: Templo Budista (website).



Templo Terra Pura

Abrigo da Estupa com as cinzas de Chagdud Tulku Rinpoche, além d a presença de painéis nas paredes que ilustram e contam a sua historia (2021).

Fonte: Templo Budista (website).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Ponte Coberta Armindo Lauffer
Endereço: Rua Mundo Novo - atravessa o Rio Paranhana.
Meio: Urbano
Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção/fundação: 1955 - Início na gestão de Lauro Hampe Müller e a inauguração ocorreu na gestão de Theófilo Sauer - prefeitos de Taquara.

Data do levantamento: novembro de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
Andrea Helena Petry Rahmeier
Élen Waschburger
Elaine Smaniotto

Fontes:
MOELLER, Clarice E.; DEECKEN, Lorena P. (orgs.) **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**
Panorama, Taquara, 13 maio 1988, caderno especial.

Depoimentos:
Clarise Elisa Moeller concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em novembro de 2021.

Histórico:

A construção da ponte era uma demanda popular desde a década de 1920. Naquele período, os moradores ofereceram ao intendente, João Manuel Corrêa, um carro em troca da construção da ponte. Ele recebeu o carro, porém a obra não iniciou em sua administração. Em 1955, quando a região ainda era distrito de Taquara, a ponte foi efetivamente construída, em pedras grês, com palanques de madeira. A construção da ponte possibilitou a mobilidade da população que dependia, anteriormente, da utilização de pontes pênsil ou passos, onde o rio era mais raso. Em 1956, a ponte já sofreu com a enchente.

Em 1982, ela foi totalmente destruída e coberta pela água durante a famosa enchente que ocorreu na região. Provisoriamente, o exército construiu uma nova ponte para possibilitar a passagem da população até o início da reforma, em 1988, quando recebeu o nome de Armindo Lauffer, em sua homenagem. O design escolhido foi o mais aproximado possível ao colonial germânico, recebendo telhado, iluminação e pistas para ciclistas nas laterais.

Em 1999, o telhado foi destruído por um vendaval, sendo reconstruído novamente em 2002.

Curiosidades: Conta-se que em um dos tradicionais Kerbs, a orquestra contratada acabou despencando da ponte e caindo diretamente no Rio Paranhana (Alzira Robinson).



*Ponte construída pelos militares em 1982.
Fonte: Acervo pessoal de Gilnei Ritter (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).*



*Fachada atual (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.*



*Foto da ponte, após a enchente de 1956.
Fonte: Acervo pessoal de Lorena Deecken (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).*

Ponte Armindo Lauffer



Mais uma obra da Administração Alexandre Behs, moderna ponte de concreto armado no Rio Paranhana, que está sendo construída, estando atualmente em fase de conclusão. Esta ponte com vão total de 71,0m, está sendo construída nos mais modernos métodos de construção, ou seja, através do concreto protendido, e laje pré-fabricada. Será com uma via para veículos, e duas para pedestres, facilitando bastante a ligação entre a rua Mundo Novo, zona central com a zona Industrial, desafogando o trânsito na Ponte da Av. Santa Maria, que atualmente é o único meio de acesso à Av. Santa Maria e consequentemente ao centro da cidade. Seu término está previsto para julho de 1988.

O prefeito Alexandre Behs pretende que esta ponte, seja semelhante à anterior que ali existia, inclusive com cobertura, e através desta obra a atual administração está resgatando mais uma dívida perante a comunidade trescoarense.

*Reportagem do Jornal Panorama.
Fonte: Panorama, Taquara, 13 maio 1988, caderno especial.*



*Enchente de 1982.
Fonte: Acervo pessoal de Carlos Antonio (Facebook: Três Coroas ontem e sempre)*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Sociedade 12 de janeiro

Endereço: Rua 7 de Setembro, n. 947, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Fundação (sociedade): 12 jan. 1924

Construção do prédio: 1949

Uso atual (2021): Salão de festas e eventos, buffet Aconchegus e pista de bolão

Data do levantamento: novembro de 2021

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling de Azevedo

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

ENGELMANN, Erni Guilherme. (coord.) **A Saga dos Alemães: Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha(RS):** E. G. Engemann, Volume I, 2004, p. 495 e 563.

MOELLER, Clarice E.; DEECKEN, Lorena P. (orgs.) **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**

Panorama, Taquara, 15 maio 1976, n. 33.

Depoimentos:

Remi Rost concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em novembro de 2021.

Histórico:

O desenvolvimento econômico da região trouxe a possibilidade de um maior tempo de lazer. Afinal, “não foi só de trabalho que viveram os imigrantes alemães em terras brasileiras”. Assim que puderam dispor de tempo livre, eles buscaram uma maior sociabilidade. Inicialmente, a festa de Kerb servia para celebrar a inauguração do templo religioso, mas com o passar dos anos, tornou-se uma festa familiar e comunitária. Em Sander, geralmente, iniciava com um culto nas dependências da Igreja Evangélica e, depois, o cortejo seguia em direção à Sociedade, com o acompanhamento de uma bandinha musical. Ali, seguia a festa, com muita dança, comida e bebida. Então, em 12 de janeiro de 1924, ocorreu a fusão entre a Sociedade Ginástica Germânica e a Sociedade de Canto, originando a Sociedade Recreativa 12 de Janeiro, que se instalou no salão redondo, funcionando também como hotel. O nome dessa instituição considerou a data da fusão das duas primeiras sociedades. Em 1949, o salão redondo foi demolido e reconstruído em nova configuração. Em Sander, a prática do bolão instigou a criação do grupo de bolão “Avante”, em 1929, pertencente à Sociedade 12 de Janeiro. Formavam-se grupos de casais e também grupos de mulheres que praticavam o esporte. Atualmente, a pista de bolão ainda se encontra em funcionamento, mas, apesar da falta de grupos, o esporte ainda é praticado por alguns poucos jogadores da cidade.

É possível identificar, por meio de fotografias, a realização de eventos políticos, como uma comemoração do Partido Libertador, em frente ao antigo salão redondo, na década de 1940.

Atualmente, o prédio mantém a maior parte das características externas dessa época. O telhado ainda possui as mesmas madeiras que foram instaladas com técnicas de encaixe, sem a utilização de pregos. As características estruturais originais continuam presentes em boa parte dos ladrilhos e lustres que, segundo Remi Rost, foram restaurados para continuarem adornando o local. Na parte traseira da propriedade, até meados dos anos 1980, existiu um jardim externo, porém, em 1981, ocorreu a instalação de piscinas para o uso dos sócios e membros que adquiriram cotas.



Fachada atual da sociedade (2002).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling de Azevedo.



Foto externa do prédio (década de 1950).

Fonte: Acervo da Sociedade Recreativa 12 de Janeiro.



Reforma de 1949.

Fonte: Acervo pessoal de Remi Gilberto Brusius.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



AS SOCIEDADES: A primeira Sociedade fundada em Três Coroas denominava-se Schützverein - Sociedade dos Atiradores, que funcionava no Salão que pertencia a Pedro Deecken. Em 1916, o salão foi comprado por Balduino Robinson; foi demolido e reconstruído, na Rua Mundo Novo, esquina com a Rua 12 de Maio.

A Bruderbund foi a segunda Sociedade e, na década de 1940, passou a ser denominada Lyra, pois era destinada ao canto, "Lied". Todavia, no final dessa década, encerrou suas atividades. (Panorama, 15 maio 1976).



Comemoração do Partido Libertador (década de 1930).
Fonte: Acervo da Sociedade Recreativa 12 de Janeiro.



Ladrilhos originais do prédio (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Salão redondo, internamente (década de 1930).
Fonte: Acervo da Sociedade Recreativa 12 de Janeiro.

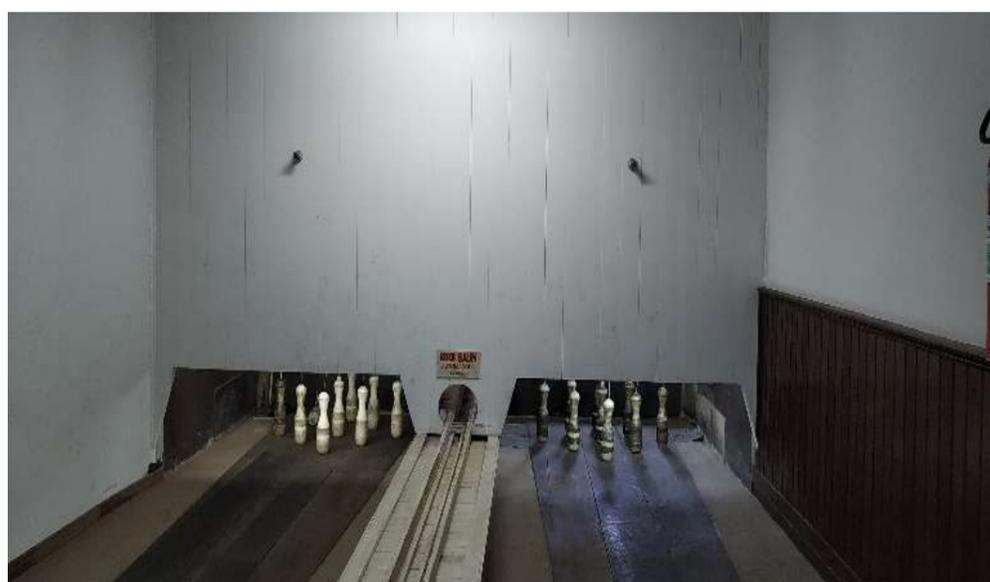
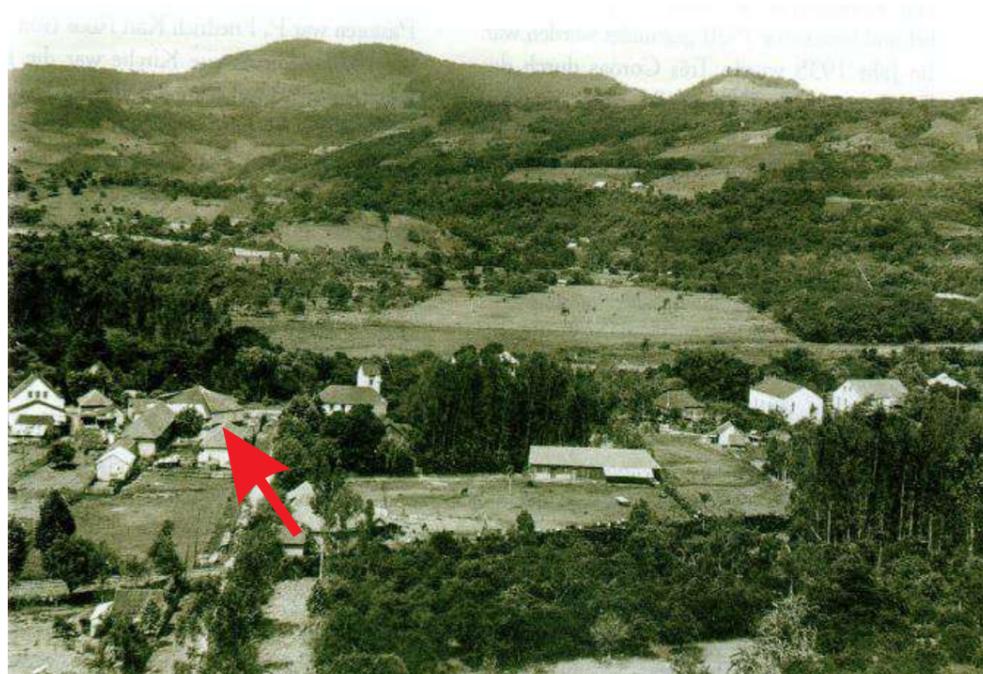


Foto atual da Pista de bolão (2021).
Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Estação Sander, década de 1950. No canto esquerdo da fotografia, aparece o velho salão redondo que, posteriormente, foi substituído pelo prédio novo da Sociedade de Canto 12 de Janeiro de Sander. Foto composição de Ivo Volkart.
Fonte: Engemann, 2004, p. 495 e 563.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Instituto Evangélico de Amparo ao Menor - INEVAM
Endereço: Rua Pedro Sander, n. 230, bairro Sander
Meio: Urbano
Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da fundação/construção: Década de 1930
Proprietários: Instituto Evangélico de Amparo ao Menor - INEVAM
Uso atual (2022): Residência

Data do levantamento: novembro de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Kennedy Felipe Behling Azevedo
 Elaine Smaniotto
 Élen Waschburger
 Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

Jornal de Três Coroas, Três Coroas, 03 jun. 1993, n. p. (Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller).
 Jornal de Três Coroas, Três Coroas, 23 jun. 1996, p. 6. (Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller).
 Panorama, Taquara, 14 mar. 1973, p. 3.
 Panorama, Taquara, 26 ago. 1994, p. 8.
 INEVAM. Site oficial. Disponível em:
<http://inevam.blogspot.com/p/blog-page.html>. Acesso em: 05 abr. 2022.

Depoimentos:

Alexandre Tomljanovic concedido à Kennedy Felipe Behling Azevedo, em novembro de 2021.

Histórico:

Na década de 1930, o Sr. Jacob Pedro Sander doou o terreno onde foi construída a Sociedade Hospitalar de Sander. Naquela época lá clinicavam os médicos: Leopold Frimm, Erich Brudkhorst, David Rudner, Henrich Marschal. Henrique Merten, Hélio de Freitas, Alvarino Lacerda, Angelo Coelho, Saulo de Coelho, Gaspar Miranda, Schuck, Scheffer e vários outros. A Sociedade Hospitalar esteve sob o comando da enfermeira Francisca, tendo como diretor, Rudi Grün, até o encerramento de suas atividades, na década de 1970.

Em 1973, o casal Valdemar Hirsch e Herta Hirsch fundaram o INEVAM que amparava nove crianças. Em 1976, o INEVAM abrigava 34 meninas de 3 a 15 anos (Panorama, 14.03.1973, p. 3). No final da década de 1970, o prédio funcionava como abrigo para cerca de 40 a 50 crianças. Era mantido por meio de doações oriundas do Canadá e também de trescoroenses, como donos de indústrias calçadistas que ajudavam na alimentação, fornecimento de roupas, assistência dentária, psicológica e médica. O Lions Club, Léo Clube e a OASE também contribuíram para a manutenção do local.

No ano de 1999, a instituição recebeu a escritura definitiva. Após o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), passou a atuar no modelo de "Casas-Lares". Depois de 2000, começou, também, a atender alunos da rede pública no turno inverso (INEVAM, 2022).

Atualmente, o espaço destina-se à realização de um brechó de roupas e acessórios que ajuda na manutenção do instituto; aos sábados, são realizadas atividades com crianças.



Fachada da Sociedade Hospitalar de Sander (s/d).

Fonte: Acervo pessoal de Floriano Grin (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



Fachada atual (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Kennedy Felipe Behling Azevedo.



Construção do prédio (década de 1930).

Fonte: Acervo pessoal de Floriano Grin (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Descrição:

Fotografias da década de 1930 mostram a parte frontal externa do prédio e é possível observar a manutenção original, porém, na parte traseira, foi construída uma quadra para esportes; mais ao fundo do terreno, foi construído um anexo.

O INEVAM possui três pavilhões, destinados ao atendimento dos meninos da instituição; no anexo, a área era destinada para as meninas. Há, também, uma quadra aberta para a prática de esportes e atividades físicas.



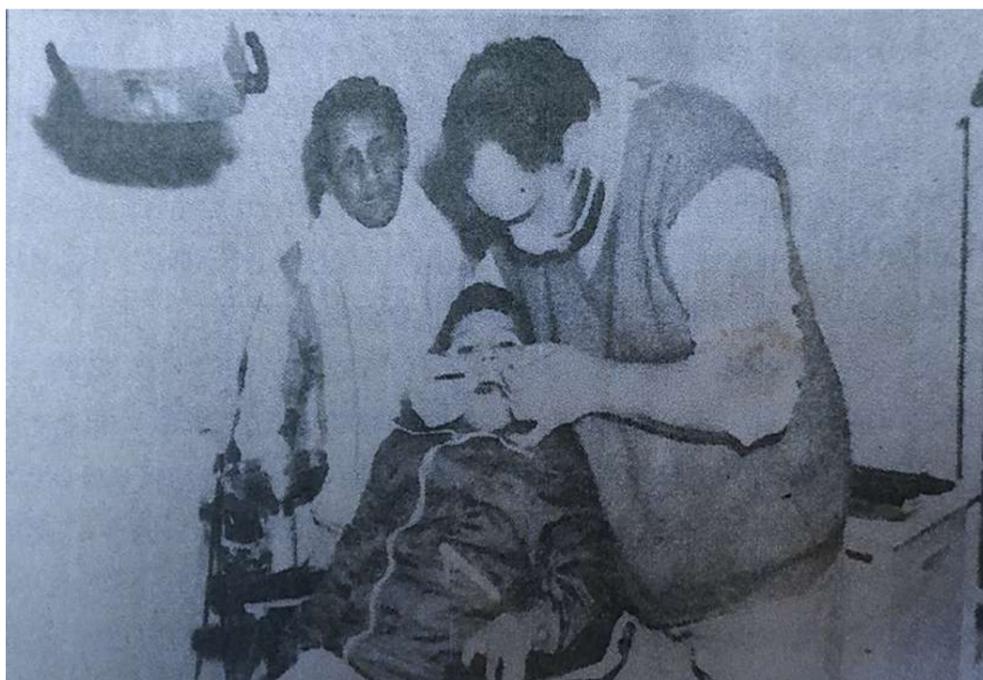
Construção do prédio (aprox. 1934).

Fonte: Acervo pessoal de Floriano Grin (Facebook: Três Coroas ontem e sempre).



Waldemar e Herta (1994).

Fonte: Jornal Panorama, Taquara, 26 ago. 1994, p. 8.



Atendimento odontológico gratuito do Dr. Otavio (1993).

Fonte: Jornal de Três Coroas, Três Coroas, 03 jun. 1993, n.p.



Diretores Moisés e Joel junto aos meninos, colhendo aipim (1995).

Fonte: Jornal de Três Coroas, Três Coroas, 23 jun. 1995, p. 6.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack

Endereço: Rua Luís Volkart, n. 155

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Início da construção: agosto de 1991 **Inauguração:** 6 nov. 1992.

Proprietários: Prefeitura Municipal de Três Coroas

Uso atual (2022): funcionando para eventos

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Braian Lucas Nunes Schuck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fontes:

BRUSIUS, Remi G. Centro de Cultura Remitto René Haack. *In*: DEECKEN, Lorena Pedrinha; MOELLER, Clarise Elisa (orgs). **Nossas Raízes II: Três Coroas**. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008. p. 215 - 218.

Jornal Três Coroas, Três Coroas, 05 nov. 1992.

Panorama, Taquara, 22 nov. 1991, p. 10-11.

Panorama, Taquara, 05 nov. 1992, capa.

Panorama, Taquara, 13 nov. 1992, p. 5.

Panorama, Taquara, 24 mar. 2000, p. 7.

Lei municipal n. 1.143, de 27 de abril de 1993.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas Raízes I**.

Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Lorena Deecken e Carine Setti concedidos à Braian Lucas Nunes Schuck, em maio de 2022.

Histórico:

O Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack foi inaugurado em 06 de novembro de 1992; seu nome foi uma homenagem a Remitto René Haack (1928 - 1991), filho de Arthur e Lúcia Haack. Ele passou sua infância na casa onde, atualmente, é o museu Armindo Lauffer. Foi um cidadão três-coroense que trabalhava em prol da coletividade: atuou como jogador de futebol; diretor e presidente do Esporte Clube Mundo Novo; sócio fundador da Sociedade Recreativa 12 de Janeiro; sócio fundador do CTG Querência do Mundo Novo; primeiro presidente do Sindicato das Indústrias de Três Coroas; foi, também, um dos empresários mantenedores da Creche Cisne Branco, dentre outras ações.

A criação de um espaço cultural foi importante para proporcionar acesso a diferentes manifestações culturais para diversos públicos. A obra foi financiada com recursos do próprio município, além da colaboração da comunidade. O engenheiro Álvaro Behs foi um dos principais responsáveis pela construção, cujo investimento foi de aproximadamente 4 bilhões e 200 milhões de cruzeiros.

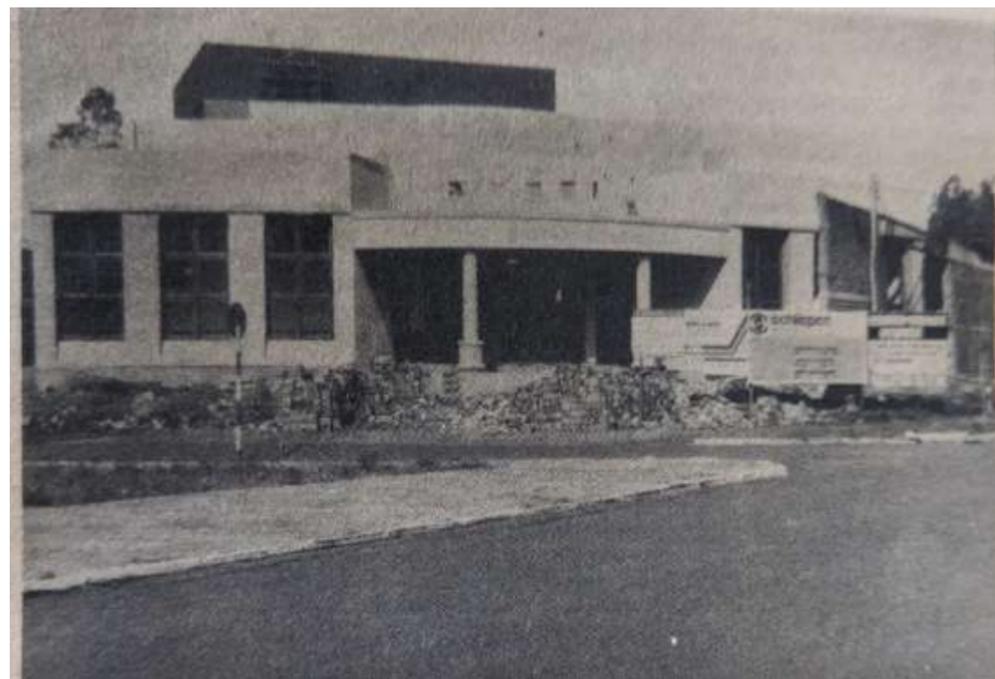
O Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack é referência no Vale do Paranhana e no estado do Rio Grande do Sul por ser um espaço edificado de cultura.

O prédio oferece um auditório com capacidade para 315 pessoas; palco com 179 m² para apresentações e shows; dois camarins para que artistas possam se organizar antes das apresentações; rampas de acesso aos cadeirantes e acomodação para cadeiras especiais. No seu auditório, há uma tela de projeção de 7m x 3m, além de ser um ambiente climatizado. Também apresenta saguão com espaço para exposições móveis, salas para exposições permanentes, salas para cursos profissionalizantes, bilheteria e minibar.



Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



Final das obras de construção da edificação pública (1992).

Fonte: Jornal Três Coroas.

Três Coroas inaugura o maior centro de cultura da região



Prédio de mais de 800 metros quadrados será inaugurado hoje

O prefeito de Três Coroas, Ricardo Schmidt Müller, entrega hoje à noite aquela que considera como a principal obra de sua administração. O Centro Municipal de Cultura, construído totalmente às expensas da própria Prefeitura, será o maior da região em termos de espaço físico para a prática de atividades voltadas a esta área. Uma intensa programação, que inclui exposições, peças de teatro e sessões de cinema marca o acontecimento.

Páginas 9 e 10

Notícia divulgada sobre a inauguração do Centro de Cultura.

Fonte: Panorama, Taquara, 6 nov. 1992, capa.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Já na inauguração e nas primeiras semanas, foram oferecidas peças teatrais, sessões de cinema, festival de corais, palestras, exposição de arte, danças, show surpresa com o cantor argentino, naturalizado brasileiro, Dante Ramon Ledesma. O público compareceu e aprovou o novo espaço cultural.

Em 1993, por Lei orgânica, foi sancionado o nome do espaço como: Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack, através da Lei municipal n. 1.143 de 27 de abril de 1993.

Na tela do auditório do Centro Municipal de Cultura do município de Três Coroas, vários filmes e documentários foram projetados, entre os anos de 1994 até 2016, por meio da empresa Oficina Produtora, contudo, devido à falta de equipamento digital adequado, ficou inviável a continuação da projeção de filmes.

Para apresentação de peças teatrais, o prédio não oferece equipamentos de iluminação e de som profissional, cabendo aos organizadores do evento providenciá-los. O espaço tem grande potencial para a realização de eventos, mas necessita de alguns reparos, de modernização da técnica existente e de aquisição de novos equipamentos para facilitar as apresentações.

Em 1999, ocorreu o 4º Festival de Teatro Escolar que lotou o Centro de Cultura e do qual participaram cerca de 1500 alunos da rede escolar municipal.

Além dos eventos já citados, no ano de 2000, quando o município completou 41 anos, o Centro Cultural sediou show de músicas: sertaneja, popular, gaúcha, autoria própria, infantil e feminina. Também foi palco da 2ª edição de festivais de bandas de rock (categorias cover e autoral). A fita ou CD cover "Demo" foi analisada por uma comissão para escolha das vinte músicas, dez para cada categoria. Os vencedores receberam como prêmio espaços para entrevistas em veículos de comunicação do Estado, além de troféus padronizados. O evento teve o apoio da rádio FM de Porto Alegre, especializada em rock.

Atualmente, várias atividades, como palestras, formaturas, desfiles, cultos, seminários, fóruns, formações, reuniões, festivais, aulas de teatro, dança e canto utilizam espaços dessa importante edificação pública e cultural.



Prefeito e convidados fizeram o corte inaugural

Prefeitos e convidados no ato do corte da fita inaugural. Fonte: Panorama, Taquara, 13 nov. 1992, p. 5.



Programação de filmes na semana da inauguração. Fonte: Jornal Três Coroas, Três Coroas, 5 nov. 1992, p. 7.



Este prédio será derrubado para construção do Centro Cultural de Três Coroas

Prédio que foi demolido para a construção do Centro Cultural. Fonte: Panorama, Taquara, 22 nov. 1991.



Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack finalizado (1993). Fonte: Acervo da Secretaria Municipal do Turismo e Cultura - Três Coroas.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Parte II

LUGARES DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E FORMAS DE EXPRESSÃO SOCIAL/CULTURAL



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Populações Indígenas em Três Coroas

Período: Século XIX - XXI

Data do levantamento: novembro de 2021 a março de 2022

Pesquisadores: Andrea Helena Petry Rahmeier

Dalva Neraci Reinheimer

Elaine Smaniotto

Élen Waschburger

Fonte:

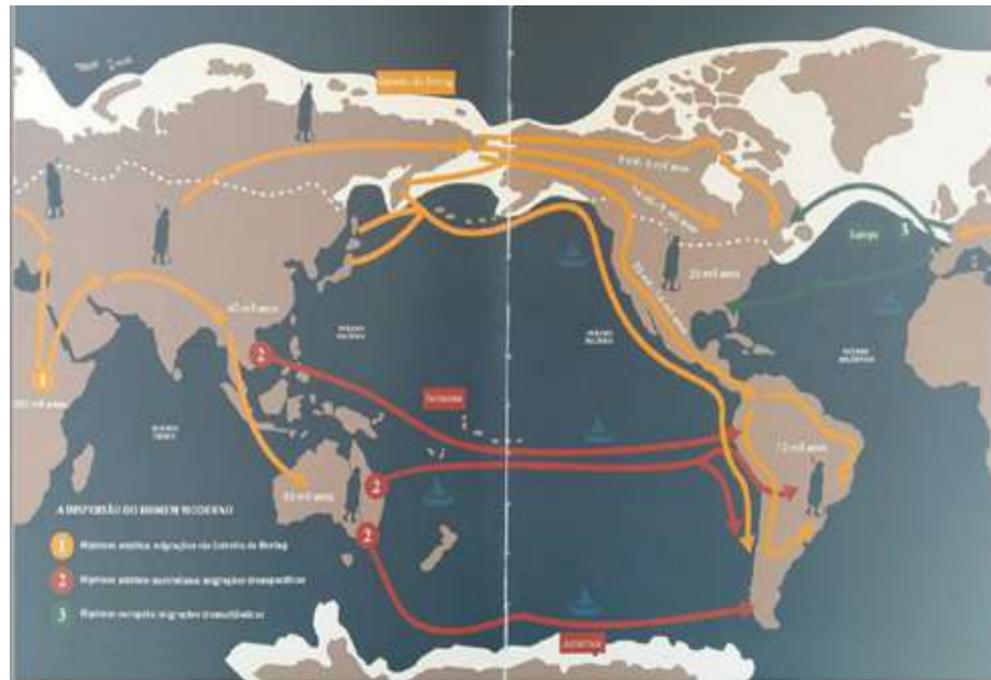
Acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL). História Ilustrada do Rio Grande do Sul. In: Série de Fascículos publicados por Já Porto Alegre Editores. Encartados em Zero Hora, 1998.

MUSEU DA UFRGS. **12000 anos de História:** Arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

PIVETTA, Marcos. Como nossos pais. **Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 182, p. 20-23, abr. 2011.

Depoimentos:

Antonio Carlos Soares concedido à Elaine Smaniotto, em dezembro de 2021.



A dispersão do homem moderno 1.
Fonte: Museu da UFRGS, 2013, p. 12.

O homem moderno – Homo Sapiens, surgiu no continente africano entre 300.000 e 200.000 anos atrás e se espalhou para a Ásia, Europa, Oceania e América. Há basicamente três hipóteses sobre quatro ondas migratórias que povoaram o continente americano:

- 1) Hipótese Asiática: Migrações via Estreito de Bering;
- 2) Hipótese Asiático- Australiana: Migrações Transpacíficas;
- 3) Hipótese Europeia: Migrações Transatlânticas. Para mais detalhes, veja o mapa “A dispersão do homem moderno 1”.

Uma outra teoria é a defendida por Niède Guidon: que o ser humano veio da África para o Brasil. Veja o mapa “A dispersão do homem moderno 2”.

Seja qual for a teoria, sabemos que o ser humano chegou no nosso estado em três ondas, ou momentos específicos, por volta de 12.000 anos atrás.

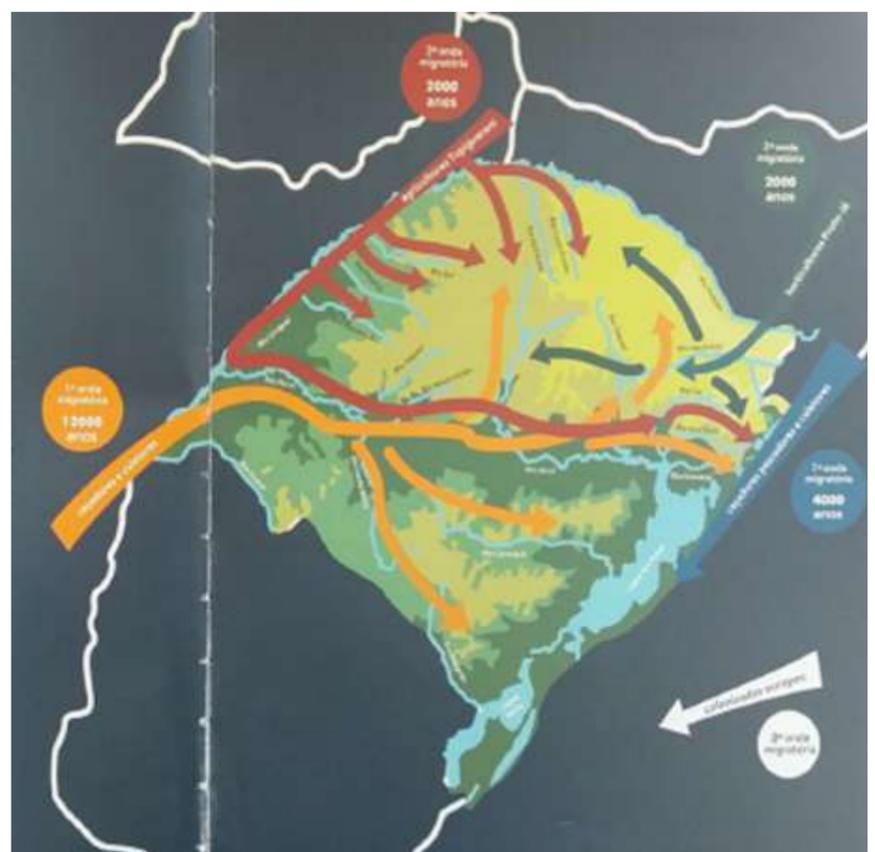
A primeira onda migratória chega ao estado por volta de 12.000 A.P., sendo representada por grupo de caçadores e coletores que viviam de forma igualitária em pequenos bandos dispersos por diversas áreas. Inicialmente, a ocupação restringe-se ao oeste gaúcho, mas, com o tempo, e conforme mudanças climáticas alternavam o clima, a fauna e a flora do estado, outras regiões tornaram-se atrativas. Assim, a partir de 10.000 A.P., os grupos que se encontravam exclusivamente sobre as imediações do Rio Uruguai e seus afluentes [...], por volta de 6.000 A.P., começam o habitat dos grandes Campos de cima da Serra e o litoral. A cultura material dos mais antigos habitantes do Rio Grande do Sul é marcada por uma indústria lítica de larga escala, na qual se destacam as pontas de projéteis. Por volta de 4.000 A.P., começam a ser construídos os sambaquis no litoral Norte, destacando-se os instrumentos confeccionados sobre ossos e pedra polida, incluindo os artísticos zoólitos. Em 3.000 A.P., no litoral sul, sudoeste gaúcho, edificam os cerritos, construções arquitetônicas de terra junto às áreas alagadiças. A partir de 2.500 A.P., os habitantes dessa região incorporaram a cerâmica aos demais utensílios.

A segunda onda migratória chega ao estado por volta de 2.000 A. P., representada por grupos falantes das línguas Tupi-Guarani e Macro-Jê, sendo o primeiro oriundo da Amazônia e o segundo, do planalto central brasileiro. Esses grupos são caracterizados por maior sedentarismo, vivendo em aldeias fixas, nas quais praticavam agricultura/horticultura. Apresentam indícios de constituírem sociedades complexas emergentes. Como inovação tecnológica, surge a cerâmica que é produzida em larga escala, destacando-se as grandes urnas funerárias dos guaranis. O grupo Jê, por sua vez, destaca-se por sua complexa engenharia de terra com a construção de casas subterrâneas, montículos funerários e grandes estruturas anelares cerimoniais.

A terceira onda migratória é do conquistador europeu que altera, radicalmente, o modo de vida das populações nativas. Relatos históricos mencionam os inúmeros conflitos entre as populações nativas e os colonizadores, ocorrendo o genocídio do Charrua e Minuano, enquanto o Guarani e os Jê são absorvidos pela cultura do europeu. Hoje seus descendentes encontram-se em aldeamentos indígenas localizados em diferentes lugares do Estado. (MUSEU DA UFRGS, 2013, p. 16).



A dispersão do homem moderno 2.
Fonte: Pivetta, 2011, p. 22.



Três ondas Migratórias do Rio Grande do Sul.
Fonte: Museu da UFRGS, 2013, p. 16.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Três ondas migratórias do Rio Grande do Sul:

Então, a partir do Segundo grupo de novas populações que adentraram no atual estado do Rio Grande do Sul, surgiram culturas diferenciadas da anterior que ocuparam o planalto, os vales de rios, o litoral e a campanha, trazendo consigo o conhecimento da horticultura e da fabricação de cerâmica. Essas populações ocuparam o vale do Paranhana. Hoje temos a materialidade das populações indígenas pré-coloniais, através dos seus vestígios, proporcionando a comprovação da ocupação dos povos indígenas no atual território de Três Coroas. Esses grupos perderam território, por meio do processo de colonização/imigração criado pelo governo imperial, que trouxe à região as primeiras levas de imigrantes ou migrantes europeus.

Para a região do município de Três Coroas, foram identificadas as vasilhas e oito sítios arqueológicos, nas localidades de Sander, Arroio Kampf, Canastra e Rodeio Bonito, envolvendo a cultura material dos povos tupis-guarani, Taquara e Umbu. Segundo o arqueólogo Antonio Carlos Soares, "existem outros artefatos como raspadores, talhadores, percutores, feito em pedras lascadas, atribuídos aos ancestrais dos Kaingangs, que necessitam de pesquisas nos registros do MARSUL e na bibliografia para que se possa inferir sobre seus usos e suas origens"

A Lei nº 11.645/08 estabeleceu novas diretrizes para a educação nacional, incluindo no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena".

Sigla do Sítio			Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul					
			Tabela de Sítios Arqueológicos - Três Coroas/RS					
UF	BH	Nº	NOMENCLATURA	LOCALIDADE	TIPO DE CULTURA MATERIAL	CATÁLOGO	PESQUISADOR	DATA PESQ.
RS	S	296	A. Iraparú-1	Sander	Tupiguarani	494-496	Miller	01/66
RS	S	299	A. Lamp-1	Arroio Kampf	Tupiguarani	500	Miller	01/66
RS	S	300	A. Lamp-2	Arroio Kampf	Tupiguarani	501	Miller	01/66
RS	S	301	A. São Paulo	Canastra	Taquara	502	Miller	01/66
RS	S	302	Canastra Alta	---	Umbú?	503	Miller	01/66
RS	S	320	Rodeio Bonito-1	Rodeio Bonito	Tupiguarani/Taquara	527	Miller	02/66
RS	S	321	Rodeio Bonito-2	Rodeio Bonito	Tupiguarani/Taquara	524-526	Miller	02/66
RS	S	347	Três Coroas	---	Tupiguarani	1866-1875	Miller	



VASILHA GUARANI PRÉ-COLONIAL

Oriunda do sítio arqueológico registrado como "RS-S-300: A. Lamp-2", da localidade Arroio Kampf, em Três Coroas, é uma (cambuchí caguabá), uma espécie de copo utilizado para beber.

As talhas (cambuchí), que eram pintadas com motivos que remetem à cosmologia guarani pré-colonial, tinham alto valor cerimonial na sociedade, inclusive, poderiam se tornar urnas e itens funerários.

Fonte: Acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (MARSUL)
Av. Sebastião Amoretti, 6310, Km 04, Alto Santa Rosa, Taquara/RS.
Fotografia: Antonio Carlos Soares Arqueólogo / Diretor/ Museu Arqueológico do RS.



Fonte: Fascículo 2 – História Ilustrada do Rio Grande do Sul. In: Série de Fascículos publicados por Já Porto Alegre Editores. Encartados em Zero Hora, 1998. p. 23.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Territórios dos povos negros

Período: Século XIX e início do século XX

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Alex Juarez Müller

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães: Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha (RS):** E. G. Engelmann, Volume III, 2007.

Lei Municipal n. 667, de 29 de agosto de 1986.

MAGALHÃES, Dóris Rejane Fernandes. A ocupação portuguesa e alemã no Vale do Paranahana. *In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel et al. (orgs.).*

Raízes de Igrejinha. Porto Alegre: EST, 2008.

MAGALHÃES, Mana Lima et al. Era um hino de fábrica apitando: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS), Brasil.

Etnográfica, v. 17, n. 2, p. 269-29, 2013.

MOREIRA, Paulo R. Staudt; MUGGE, Miquéias H. **Histórias de Escravos e senhores em uma região de imigração europeia.** São Leopoldo: Oikos, 2014.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas Raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

PDDUA (Plano Diretor de Diagnóstico Urbano e Ambiental) de Três Coroas. 2016. Disponível em:

https://issuu.com/ufrgs.ntu/docs/trescoroas_relatorio_2_diagn_stico.

Acesso em: 6 jun. 2022.

Depoimentos:

Pedro Senir Farencena e Natalina Rosa da Costa concedidos à Alex Juarez Müller e Elaine Smaniotto, em maio de 2022.

Histórico:

No Rio Grande do Sul, a história da população negra sofreu um processo de apagamento em prol de uma imagem de estado branco.

No caso específico da historiografia sul-rio-grandense, percebemos que tal assunto - a presença de escravos entre imigrantes alemães - sempre apresentou lacunas, gerando um véu de invisibilidade que encobre as populações afrodescendentes residentes nas áreas de imigração europeia, com reflexos até a atualidade (MOREIRA; MUGGE, 2014, p. 16).

As pesquisas realizadas pelos historiadores Paulo R. S. Moreira e Miquéias H. Mugge (2014) comprovam que vários imigrantes europeus “conheceram intimamente a escravidão negra [...] possuíram cativos, os alugaram, os açoitaram, os venderam, os alforriaram” (2014, p. 20). Em Três Coroas, na Linha Vinte e Oito, encontramos registros de utilização de mão de obra escravizada negra por colonizadores europeus no preparo da terra, para atividades agrícolas e instalação de propriedades.

Mulheres e homens negros cativos e posteriormente livres viveram nesse espaço geográfico que (tentou) esquecer-los, mesmo com sinais bastante visíveis de sua presença, seja na área econômica (agricultura, pecuária, indústria, comércio), cultural (Clubes negros e desfiles/festas de carnaval) ou religiosa (Candomblé, Batuques, Terreiros).

O processo de exclusão e invisibilidade das populações negras tem sido historicamente confrontado e colocado em xeque, seja pelo modo de vida dessas populações, através de suas associações e manifestações culturais, de suas formas de sociabilidade e de afirmação étnica, seja pela luta política protagonizada pelo movimento negro, ou, ainda, pela disputa que ocorre no plano das ideias e dos conceitos, presente no espaço acadêmico e nos movimentos sociais (MAGALHÃES et al., 2013, p. 271).

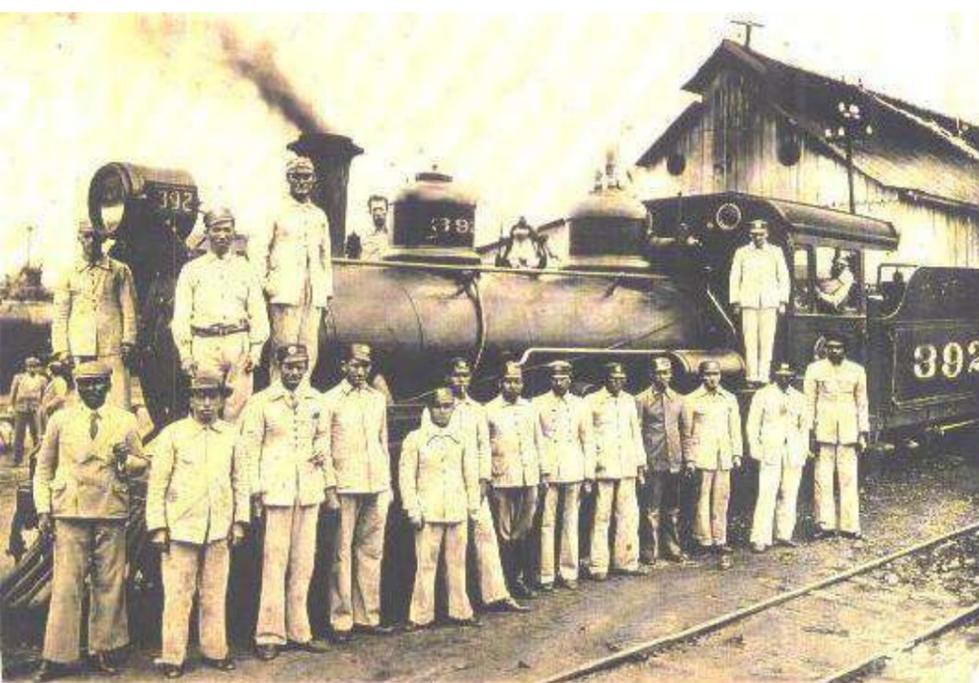
O município de Três Coroas é habitado por populações das mais diversas procedências, entre as quais se encontram os descendentes de



*Trabalhadores no preparo do solo para atividades agrícolas (início do século XX).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Trabalhadores na construção da Estrada de Ferro Taquara – Canela
(Período estimado: décadas de 1910 - 1930)
Fonte: Engelmann, 2007, p. 53 e 655.*



*Ferrovários no depósito de locomotivas em Taquara (década de 1930).
Fonte: Acervo Espaço Cultural Museu do Trem – Gramado/RS.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



africanos. A raiz dessa cultura está ligada ao sistema escravista implantado no Brasil, a partir do século XVI, e legalmente abolido em 13 de maio de 1888. Aqui é importante destacar que a abolição da escravidão foi antecedida por medidas que visavam restringir o acesso dos negros a terra – Lei de Terras de 1850 e, com as políticas de imigração europeia e ideologias racistas, impediu-se aos descendentes de africanos o acesso a direitos básicos e à distribuição de riquezas, o que explica a situação dessa população hoje.

No território do município de Três Coroas, encontram-se diversas memórias afro-brasileiras que indicam a presença de negros desde, pelo menos, meados do século XIX, tais como: a origem do nome da localidade de Quilombo, os trabalhadores que construíram a linha férrea, os trabalhadores que labutavam na ferrovia, os trabalhadores que desenvolviam serviços gerais, tropeiros e carreteiros, entre outros.

Outros dados que podemos apontar, como o que consta na descrição das características de alguns moradores que deram nome às ruas da cidade. Também há um documento no qual consta que Augusto Koch, um dos primeiros moradores da região: “[...] pela dificuldade que tenha de, sozinho com sua família, poder preparar e arrumar terras de sua propriedade, trouxe para cá uma leva de escravos negros, as quais, depois

de lhe terem prestado grandes serviços no preparo e instalação de sua propriedade, depois que a terra já lhe dava os primeiros frutos, deu-lhes carta de alforria, voltando eles livres para as suas terras de origem.” (Lei Municipal nº 667, de 29/08/1986)

Também se sabe que as localidades com nome de Quilombo são espaços que foram utilizados por pessoas escravizadas que fugiram dos seus escravizadores. Conforme Moeller e Deecken (2001), o Vale do Quilombo teria sido espaço de refúgio para pessoas escravizadas em Vacaria. Bem como Dóris Magalhães (2008) informa que as terras na encosta do planalto tinham uma ocupação diversificada e cita que no documento de demarcação de terras de João Petry, em 1882, na localidade de Quilombo (Gramado), existiam posseiros, cujos nomes eram Manoel Ignacio de Souza e seu filho Narcizo, afro-brasileiros.

Outra informação importante, nestas memórias, são os turmeiros, responsáveis pela manutenção e preservação da estrada de ferro. Depois da construção da ferrovia, eles foram morar no atual bairro Vila Nova. Moravam, conforme Moeller e Deecken (2001), em 6 ou 7 casas localizadas perto da extinta Forever”. Também era de conhecimento público que uma parcela significativa dos ferroviários era composta por trabalhadores negros como se pode observar na fotografia no pátio de locomotivas, na cidade de Taquara.

Na localidade de Linha Café Baixa, instalaram-se, nas primeiras décadas do século XX, Maria Eva Leodária Feles e Antônio Rosa Pereira. Ele era carreteiro - transportava lenha, farinha e outros produtos; ela plantava fumo e trabalhava em atafonas. Casaram-se e uma de suas filhas foi Natalina Rosa da Costa, ainda moradora da localidade onde residiam os pais. Natalina nasceu em 25 de dezembro de 1947, estudou no Grupo Escolar Três Coroas, conhecido atualmente como Colégio 12 de Maio. Casou-se com Pedro Ferreira da Costa (falecido em 10/08/2020), filho de Vergínia Ferreira da Costa e Orlando Ferreira, ambos vieram de Padilha – Taquara. A família de Natalina participava das festas promovidas pela Igreja Católica e, eventualmente, frequentava a Associação Bailante Flor do Sul, em Taquara, um salão para negros, de propriedade da Dona Palmira.

A partir de todas essas informações, não temos dúvidas que os descendentes de africanos foram importantes para a história do município. Esperamos que logo tenhamos mais estudos sobre territórios do povo negro.

Considerando a Lei 11.645/2008 que altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

Considerando a Lei 12.288/2010 que instaurou o Estatuto da Igualdade Racial no Brasil, e a Lei 13.694/2011 que instaurou o Estatuto da Igualdade Racial no Rio Grande do Sul, estabelecendo, dentre outras coisas, a obrigatoriedade do poder público de promover “o resgate, a preservação e a manutenção da memória histórica legada à sociedade gaúcha pelas tradições e práticas socioculturais negras” (RIO GRANDE DO SUL, 2011).



Localidade de Quilombo (2016).

Fonte: Plano Diretor de Diagnóstico Urbano e Ambiental de Três Coroas. 2016, p. 278.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Ylê de Iemanjá e Oxalá – Terreiro do Pai de Santo Dagoberto
Endereço: Rua Viamão, n. 190, Bairro Vila Nova
Período: 2001 - 2022

Data do levantamento: janeiro de 2022.

Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto

Fontes:

OLIVEIRA, Vinicius Pereira de; GOMES, Denis Pereira; SCHERER, Jovani de Souza. **Histórias de batuques e batuqueiros:** Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. Pelotas, RS: Ed. dos Autores, 2021.

ORO, Ari. **Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente.** *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/MHgZxZM6Nw5qzMqZHyy7dQg>.

Acesso em: 11 jan. 2022.

SPERONI, Aline. **As religiões afro-gaúchas.** Disponível em:

<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/produto-as-religoes-afro-gauchas.pdf>.

Acesso em: 10 jan. 2022.

Depoimentos:

Dagoberto Glaser concedido à Camila Brum e Elaine Smaniotto, em janeiro de 2022.

Histórico:

Três Coroas tem um tecido social plural e multiétnico. Devemos lembrar de que os povos indígenas viram seu território sendo ocupado por portugueses que trouxeram com eles africanos, que foram largamente escravizados; posteriormente, vieram imigrantes europeus, com destaque para os alemães e italianos. Dentro deste “território multiétnico, malgrado a posição superior que os brancos ocuparam em relação aos negros e aos índios, ocorreram, de alguma forma, trocas culturais em diferentes direções, sendo uma delas a aproximação dos não-brancos, de diferentes etnias e de diferentes camadas sociais, às religiões afro-brasileiras” (ORO, 2002, p. 361). Nesse sentido, observa-se a presença de brancos e não brancos no Centro Ylê de Iemanjá e Oxalá, que é de matriz africana.

Os terreiros são espaços multiétnicos, mas como se explica isso? Para o antropólogo Ari Pedro Oro, “a procura de terreiros por parte dos brancos pobres geralmente está associada à busca de solução para problemas práticos como doenças, desemprego ou dificuldade econômica, ou problemas legais, geralmente relacionados à sua condição desfavorável de classe. Já os brancos de maior poder aquisitivo o fazem na busca de solução de problemas existenciais como os de sentido, identidade, afetivos, etc. Também o caráter misterioso, exótico e fascinante da religião dos orixás, associado à sua eficácia simbólica, contribui para a atração de brancos” (ORO, 2002, p. 362).

As religiões de matriz africana, no estado do Rio Grande do Sul, materializam-se de acordo com a raiz religiosa seguida. De acordo com Ari Oro, o batuque é uma religião que cultua doze orixás e divide-se em “lados” ou “nações”, tendo sido, historicamente, as mais importantes, as seguintes: Oyó, Jeje, Ijexá, Nagô e Cabinda. Segundo o Censo de 2010, o Rio Grande do Sul é o estado do Brasil com maior percentual de pessoas autodeclaradas como adeptas de religiões de matriz africana.

Segundo Dagoberto Glaser, os primeiros terreiros que existiram na cidade de Três Coroas foram:

- Terreiro da Mãe Teresa: Funcionava, aos sábados, com sessões e atendimentos; através de cartas, de segunda a sexta feira; mas, com sua partida a "orum"(céu), cessaram as atividades.



Momento em que Dagoberto recebe axés de facas e búzios, habilitando-o para abrir a Casa de Religião - Ylê de Iemanjá e Oxalá. Entrega realizada pelo Babalorixá Pai Ge de Iemanjá, da cidade de Gravataí, no dia 08 de maio de 2001.
Fonte: Acervo pessoal de Dagoberto Glaser.



Batuque realizado no terreiro do pai Dagoberto de Oxalá (2015).
Fonte: Dagoberto Glaser (Fabebook: Babalorixa Dagoberto de Oxala).



Homenagem a Iemanjá, realizado em Tramandaí (2013).
Fonte: Dagoberto Glaser (Fabebook: Babalorixa Dagoberto de Oxala).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUITETÔNICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



- Terreiro de Mãe Valdira de Oxum: Localizado na Avenida David Breyer, nº34, bairro Vila Nova, funcionava com sessões, nas segundas e sábados à noite; demais atendimentos, através de búzios, de segunda a sexta-feira.

A partir de 2001, funciona, na cidade de Três Coroas, o Ylê de Iemanjá e Oxalá – Terreiro do Pai de Santo Dagoberto, da linhagem Jejê e Cabinda que se dedica ao serviço de apoio espiritual. Trata-se de um grupo formado por, aproximadamente, 40 a 60 filiados que se reúne, com periodicidade, para atividades religiosas, culturais e sociais (arrecadação e doação de alimentos e roupas para famílias carentes).

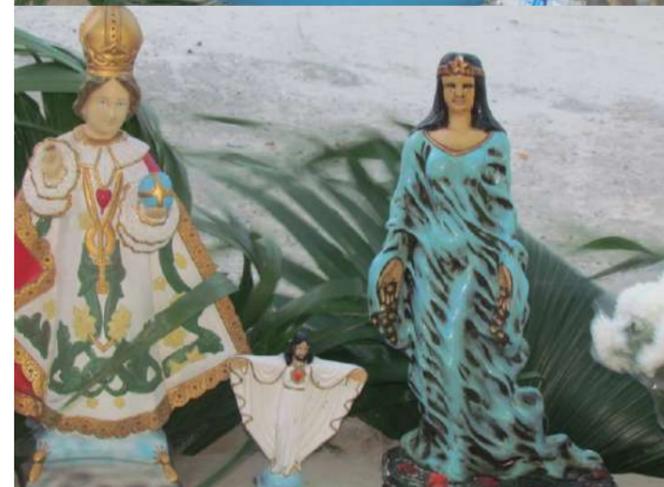
A Casa do Orixá – Ylê de Iemanjá e Oxalá foi fundada, em 2001, pelo Pai de Santo Dagoberto que promove vários rituais, ensinamentos e ações como: 1) Iniciação (lavagem da cabeça com água corrente das cascatas da região do Vale do Paranhana); 2) Desenvolvimento (sessão para abrir chakras - centros energéticos distribuídos pelo corpo); 3) Entidade (mediunidade); 4) Aprontamento (prática de sacrifício de um animal - oferenda de animais aos Orixás – oferece-se o axorô, ou seja, o sangue, que simboliza o axé de vida); 5) Abrir a própria Casa. O fundador dessa Casa adquiriu muitos de seus conhecimentos, a partir da década de 1980, na Casa de Valdira de Oxum. Devido ao falecimento de Valdira, Dagoberto deu sequência, abrindo uma nova Casa que se localiza na Rua Viamão, Bairro Vila Nova, no município de Três Coroas. Dagoberto enfatiza que “da casa de mãe Valdira de Oxum, sou o único que segue as funções de quimbanda, pois fiz parte da casa de mãe Valdira por oito anos até a sua partida” (GLASER, 2022).

Na Casa do Pai de Santo Dagoberto -Ylê de Iemanjá e Oxalá, estão expostos objetos significativos para esse segmento religioso: 1º) Chave – Orixá Bará que abre caminhos; 2º) Espada de Ogun (São Jorge), Espada de Oiá (Santa Bárbara) e a lança que representam a luta diária, o enfrentamento; 3º) Erechin – Oiá lansa, rainha dos mortos, que guia a ancestralidade das pessoas; 4º) Machadinha de um gume – Xangô Agodô e a Machadinha de dois gumes – Xangô Aganju, tidos como donos da justiça; 5º) Arco e flecha – Odé lotin, simboliza a caça, a fartura e a prosperidade; 6º) Roda – Obá que representa o discernimento; 7º) Folhas de ervas ou árvores – Ossanha que cura os males físicos; 8º) Vassoura de palha – Xapana que oferece proteção espiritual; 9º) Abebê (espelho) – Oxum – orixá feminina, dona do amor e da riqueza; 10º) ncora, Rmo – Iemanjá, dona das águas salgadas; 11º) Paxorô (objeto utilizado nas danças), Oxalá.

Os instrumentos sonoros, enquanto meios de comunicação e de informação, proporcionam a materialização e a exteriorização das forças vitais. Nos rituais e festividades, são utilizados, principalmente, o tambor, o agogô e a sineta.

O Terreiro do Pai de Santo Dagoberto - Ylê de Iemanjá e Oxalá também preserva o Congá - um altar onde ficam as imagens dos caboclos, pretos-velhos, santos católicos e outros elementos presentes nas crenças de matriz africana. As sessões, abertas ao público, são realizadas aos sábados, à noite. (Atualmente suspensas devido à pandemia – Covid 19)

De acordo com o Pai de Santo Dagoberto, é necessário dialogar sobre os problemas de preconceito e discriminação relacionados às religiões de matriz africana e seus praticantes; também definir ações que poderiam contribuir para diminuir a intolerância religiosa. Sendo assim, a educação possui um papel fundamental para a construção de uma sociedade mais tolerante, que respeite e aceite as diferenças, que saiba valorizar a cultura africana na sociedade brasileira.



Homenagem a Iemanjá, Imbé (2017).
Fonte: Dagoberto Glaser (Facebook: Babalorixa Dagoberto de Oxala).



Mãe Valdira de Oxum (1999).
Fonte: Acervo pessoal de Dagoberto Glaser.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Abadá Capoeira
Período: década de 1990 até 2022

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Camila Brum
Richard Bohrer de Souza
Carolina dos Santos Moraes
Elaine Smaniotto

Fontes:

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas:** o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.
DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve História do Brasil:** 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.
FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. História da Capoeira. **R. da Educação Física**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2. sem. 2002.
OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Por uma historiografia da Capoeira no Brasil. *In:* OLIVEIRA, Josivaldo Pereira; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero:** ensaios sobre a História Social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 26-41.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. **Brasil:** uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
PIRES, Antônio L. C. Simões; SOARES, Carlos E. L. Capoeira na Escravidão e no Pós-Abolição. *In:* SCHWARCZ Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade:** 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Depoimentos:

Vinícius Félix concedido à Richard Bohrer de Souza, em abril de 2022.

A capoeira, enquanto atividade lúdica e combativa, praticada no Brasil, a partir da virada dos séculos XVIII e XIX, remete aos africanos que aqui foram trazidos e escravizados. No decorrer dos séculos, tornou-se símbolo de resistência e de orgulho racial.

A capoeira, como símbolo nacional, vem dessa força, da resistência e de tudo aquilo que a cultura africana precisou enfrentar através de anos de entrada forçada em solo brasileiro. Entretanto, assim como o futebol, ela também foi utilizada pelos governos militares, do período que vai de 1964 até 1985, com o intuito de melhorar a imagem do governo que, ao se apropriar de símbolos que representam a força da nação, vislumbraram o ideal de uma melhor aceitação das massas populares aos conturbados processos políticos referentes ao período.

A Capoeira foi introduzida nas Forças Armadas e nas escolas de ensino básico; apareceu no teatro, no cinema e na televisão de forma positiva, proliferando em quase todos os municípios do Brasil e em vários países do mundo; venceu as barreiras do preconceito produzido pelos estereótipos criados durante o século XIX e grande parte do século XX para seus praticantes: negros, marginais, vagabundos etc. Na atualidade, sua simbologia alcança a questão da nacionalidade e da sua formação afro-brasileira. A Capoeira em sua produção total (movimentos de agilidade, golpes, cantos, baterias etc.) historicamente, influencia diferentes manifestações culturais, como o samba em seus estilos, maculelê, bumba meu boi, samba de caboclo, frevo, batuque; e se deixa influenciar numa simbiose com todos eles, tornando-se uma cultura híbrida, com a manutenção de uma estrutura própria (PIRES; SOARES, 2018, p. 143).



Batizado da capoeira (anos 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Deecken.



Batizado da capoeira (anos 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Deecken.



Roda de Capoeira antes de um batizado (anos 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Deecken.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Histórico do Abadá Capoeira na cidade de Três Coroas:

O grupo Abadá Capoeira teve sua origem na década de 1980, na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente na Favela da Rocinha. Idealizado pelo Mestre Camisa (José Tadeu Carneiro Cardoso), o grupo formou-se na busca de expandir a capoeira pelo Brasil. Nesse contexto, o Abadá Capoeira chega até a cidade de Três Coroas, no ano de 1996, sob instruções do Mestre Gororoba.

A afirmação do grupo em Três Coroas foi acontecendo aos poucos. Em um primeiro momento, foram em média de 40 a 45 alunos pagantes que aqui começaram a propagar a capoeira. Dentre as pessoas envolvidas que mais se destacam no engajamento dessa popularização, destacam-se: Wilson Alexandre Eger (Quick), Vinícius Félix (Cachoeira), Tiago Deecken (Gibi), Luigi Moraes (Shiryu), Isac Model (Model), Sheila Soares (Polaca).

Ainda no ano de 1996, os primeiros alunos de Três Coroas já passaram pela troca de cordas, elemento simbólico que representa a elevação do nível em que o aluno está adentrando. Na troca de graduação, o praticante passa por um batizado, no qual recebe a corda de cor diferente. Cada cor representa o grau de avanço em que ele se encontra, além de praticar o esporte com os professores, instrutores ou, até mesmo, algum mestre, durante o ritual de batizado.

Nos anos de 1997 e 1998, com o acompanhamento de Wilson Alexandre Eger (Quick), a capoeira foi praticada nas seguintes instituições de ensino: E.M.E.F. Águas Brancas, E.M.E.F. Rui Barbosa, E.M.E.F. Olavo Bilac e E.M.E.F. Balduino Robinson.

Os eventos de batizado de capoeira, realizados pelo grupo Abadá, ocorriam, inicialmente, na cidade de Porto Alegre, entretanto, com o aumento significativo de alunos três-coroenses praticantes, esses eventos começaram a acontecer também em Três Coroas, ocorrendo o primeiro batizado no ano de 1998. Porém, nos primeiros anos do século XX, o número de praticantes foi diminuindo, talvez pelo fato de os responsáveis possuírem diversos afazeres que dificultavam a conciliação junto à capoeira.

Nos Anos 2010, o Abadá Capoeira voltou à ativa sob a supervisão do Graduado Camelo, entretanto, no período compreendido entre 2010 e 2011, o retorno não foi o esperado e devido ao número reduzido de alunos inscritos, o grupo licenciou-se das atividades relacionadas à capoeira na cidade. Em 2013, retornam as atividades, quando Quick assume a liderança, depois de um período afastado; em 2015, graduou-se como instrutor. Em meados de 2017, Quick afastou-se do Abadá Capoeira. O instrutor e professor Sombrinha (que veio do Rio de Janeiro) assumiu o controle do grupo, no ano de 2018. Em 2019, Sombrinha sagrou-se campeão mundial de capoeira.

Sombrinha e o graduado Vinícius Félix (Cachoeira) passam a desenvolver os trabalhos do grupo com mais intensidade em Três Coroas e também em outras cidades próximas, como Gramado, São Francisco de Paula, Ivoti, Igrejinha, Parobé e Taquara. Atualmente, o Abadá Capoeira tem mais de 500 alunos nessas diferentes localidades, e o intuito do grupo continua o mesmo: levar a cultura e a História de nossos antepassados às diferentes gerações e classes sociais das parcelas da sociedade influenciadas pelo grupo.

Atualmente, Sombrinha e Cachoeira são os principais responsáveis pelo desenvolvimento da Capoeira em Três Coroas e nas demais cidades citadas. Os dois são vinculados ao Abadá Capoeira, do Rio de Janeiro. Sombrinha pertence ao núcleo do Professor Sombrão e Cachoeira, ao núcleo do Professor Jaques; ambos são alunos do Mestre Camisa, maior referência da capoeira no Brasil.



Apresentação do grupo Abadá Capoeira - 63 Anos do município de Três Coroas. Praça Affonso Saul (8 maio 2022).

Fonte: Acervo pessoal de Carolina dos Santos Moraes.



Apresentação do grupo Abadá Capoeira - 63 Anos do município de Três Coroas. Praça Affonso Saul (8 maio 2022).

Fonte: Acervo pessoal de Carolina dos Santos Moraes.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Festa de Kerb
Período: meados do século XIX até 2022

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Bruno Felipe Trein
Elaine Smaniotto

Fontes:

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas Raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller, Lauri Weber e Edela Weber, concedido à Bruno Felipe Trein, em abril de 2022.

Histórico:

O Kerb é uma festividade que vem sendo realizada em Três Coroas, desde as primeiras décadas da chegada dos imigrantes europeus e seus descendentes. Inicialmente, as festas eram realizadas com o objetivo de lembrar da inauguração da Igreja de um determinado local, reunir os parentes e os membros da sua respectiva comunidade e também de outras. A palavra Kerb vem de Kirchewefest (festa da inauguração da igreja). Essa festividade mobilizava as comunidades de tal forma que algumas famílias economizavam ao longo de meses para poder desfrutar da melhor forma possível da festa. Os títulos de Rei e Rainha do Kerb estão presentes desde os primeiros anos da festa; as comunidades tinham seus próprios meios de escolher pessoas para liderar o evento. Ainda nos primeiros anos, o Kerb durava em média três dias, começando com uma celebração religiosa, pela manhã; em seguida, a degustação de alimentos como pão, cuca, linguça, morcilha, torresmo, pernil assado, chucrute, batata, repolho, rabanete, doces variados, dentre outros, e cervejas caseiras para os adultos. A festividade gerava alteração na rotina da comunidade, inclusive, sendo responsável pela suspensão das aulas durante os dias de festa. Algumas casas eram transformadas em hospedarias, e camas eram feitas até no chão. Ao longo dos anos, o Kerb foi mudando muito, em alguns casos, perdendo o caráter religioso.

A partir da década de 1990, foi criada a AREKERB, associação que passou a fomentar as festividades do Kerb. Com isso, essa festa nas comunidades associadas à AREKERB passou a ser gerenciada e organizada, conforme as normas e estatutos da associação. Em Três Coroas, com o passar dos anos, o Kerb sofreu algumas mudanças: no início, geralmente as bandinhas começavam a tocar após o culto e, por vezes, passavam em algumas casas, as festividades duravam 3 dias; atualmente, a festa não ocorre após o culto e acontece somente por uma noite.

O dia do evento geralmente ocorre da seguinte maneira: no sábado pela manhã, há um desfile em um caminhão enfeitado, onde os casais organizadores da festa desfilam pela cidade para divulgar o baile. O caminhão estaciona em locais combinados e o dono do estabelecimento oferece comida e bebida a esses casais. Geralmente, na mesma noite, começa o baile, quando é oferecida a janta com grande variedade de alimentos; após, começa a música e a dança da Polonaise (dança coletiva do Kerb). As comunidades associadas à AREKERB escolhem seus representantes (rei e rainha) do baile; há também o casal que são os reis dos reis.

Por vezes, a escolha dos sucessores dos cargos a rei e rainha é feita por sorteio, ou por indicação do casal vigente no cargo. Para isso e muito mais, a AREKERB possui um estatuto com uma cadeia hierárquica para tomar decisões. Os membros pagam uma mensalidade e devem seguir algumas normas, por exemplo, vestir-se com os trajes que acreditam ser de origem germânica nas festividades do Kerb. Essa associação também atua em ações sociais e algumas festas para arrecadar fundos.



*Baile de Kerb em Sander (década de 1950).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Baile Linha-Café (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Lauri e Edela Weber.*



*Baile em Sander (meados dos anos 2000).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: *Weihnachtstoss* - Doce de Natal

Período: Séculos XIX - XXI

Data do levantamento: dezembro de 2021

Pesquisadores: Dalva Reinheimer
Elaine Smaniotto

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller concedido à Elaine Smaniotto, em dezembro de 2021.

Histórico:

A alimentação dos imigrantes alemães que vieram habitar a região do Vale do Paranhana, na metade do século XIX, não foi um transplante direto das regiões de onde eles partiram. Foi necessário adaptar receitas e gostos aos ingredientes e sabores aqui encontrados. Nessa perspectiva destacam-se os tradicionais doces natalinos que, além de serem saboreados, enfeitam as mesas de muitas famílias de origem germânica e de outras origens também. Sendo assim, apropriados, apreciados e desfrutados por toda a comunidade, tornam-se parte de um patrimônio coletivo.

Clarise Elisa Moeller recorda que aprendeu a fazer os doces natalinos quando criança, junto com sua mãe que aprendeu com a avó, que aprendeu com a bisavó, e assim se mantém a tradição natalina, preservada e adaptada por famílias como: Moeller, Lauffer, Hirt, e tantas outras. Clarice recorda que

enquanto a mãe fazia a massa, as crianças estavam ao redor da mesa na expectativa do gosto doce. A mãe pegava as forminhas e recortava uma estrela, um passarinho, um cavalinho, um anjinho, uma árvore, uma bota, e ia colocando tudo em formas untadas. Enquanto isso, a lenha no forno já havia queimado e ali as formas eram colocadas. Mais um pouco, e os doces já estavam douradinhos. Ao retirar as formas do forno, alguns docinhos ficavam grudados e quebravam. Esses podiam ser comidos logo. Um dia depois, é chegado o momento no qual a mãe, com o auxílio das crianças, decorava os doces. Era passada uma merengada em cada um, em seguida, espalhava-se açúcar colorido ou bolinhas de enfeite por cima. Coisa mais linda uma mesa cheia de doces coloridos!

Esses saberes e fazeres expressam memórias familiares. “No ato de comer e cozinhar em grupo são transmitidas também as memórias de um passado mais distante, nem sempre vivenciado pelos indivíduos, mas, presente na memória coletiva”. (FRIEDRICH; SOARES, 2014, p. 649).

Clarise lembra-se dos sabores, das cores e dos aromas do café da tarde com os doces natalinos: “quem nunca experimentou tugar uma bolacha de Natal no café ou leite? A bolacha derrete na boca!” Neste sentido, o “comer” é um ato social, constituído de atitudes, ligado aos usos e costumes de um determinado grupo. Ela também rememora que era costume ofertar pacotes de doces – *niscatuch* (amendoim açúcarado dentro de um cone) com 5 ou 8 bolachas de Natal (1 de cada modelo) para alguém a quem se queria bem.

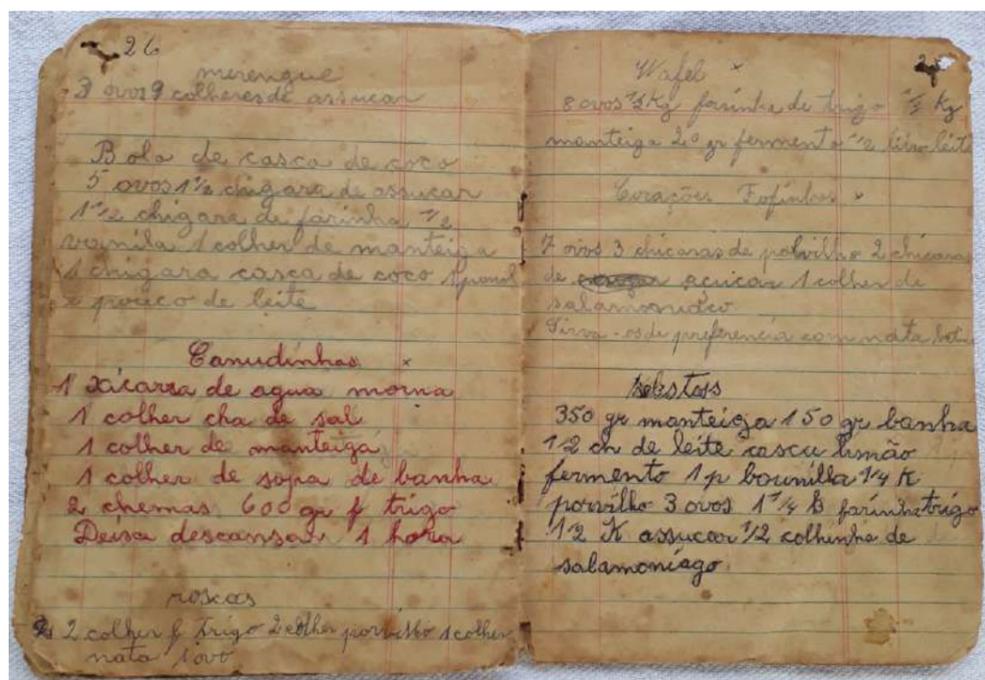
Como eram feitas as bolachas de Natal?

Em uma bacia, misturava-se a farinha de trigo e o fermento. Em seguida, o açúcar, a banha, os ovos, um de cada vez, amassando até que a massa soltasse das mãos. Em uma mesa, a massa era aberta com um rolo e era recortada no formato desejado, usando cortadores para doces. E assim aquela massa ia ganhando formas de animais, estrelas, anjinhos, flores, dentre outros. Em seguida, os doces eram levados ao forno a lenha.



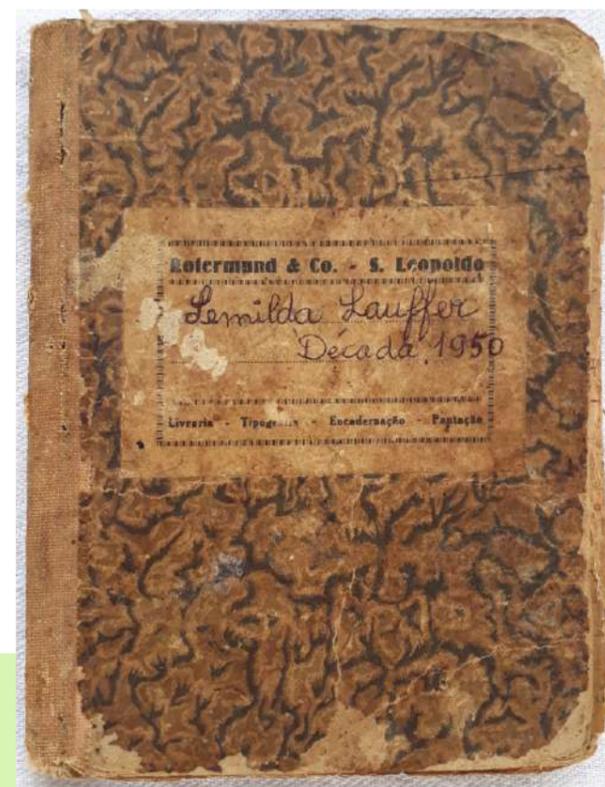
Doces de Natal (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Caderno de receitas (década de 1950).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Caderno de receitas
(década de 1950).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise
Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Uma vez assados, esperava-se esfriar. Para permanecerem firmes, eram colocados em latas. Após 1 ou 2 dias, retirava-se o excesso de farinha, solta com um pano, em seguida eram decorados, conforme a criatividade de cada família. Geralmente eram enfeitados com açúcar colorido (azul, verde, amarelo, rosa, vermelho) bolinhas de uma ou várias cores. Os doces eram guardados em vidros ou latas bem fechadas.



Moldes para fazer o Doce de Natal (década de 1940).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Máquina de moer carne e de fazer bolachas diversas.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Forno a lenha para assar pães, cucas, bolachas e batatas.
Propriedade de Clarise Elisa Moeller.

Receita básica para o Weihnachtstoss - Doce de Natal na contemporaneidade
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.

Ingredientes:

2 xícaras de margarina
3 xícaras de açúcar
4 ovos
¼ xícara de leite
1 pacote de açúcar de baunilha
5 xícaras de farinha de trigo
1 colher de chá de sal

Modo de fazer:

Misture bem a margarina o açúcar e os ovos;
Acrescente a farinha de trigo e o sal;
Amasse bem e deixe repousar na geladeira por uma hora;
Abra a massa com o rolo e, se necessário, acrescente mais farinha;
Corte figuras, coloque em uma forma untada, leve ao forno e deixe até dourar;
Enfeite com glacê colorido e confeitos diversos;
Guarde em latas e sirva naqueles momentos especiais.

OBS: Nessa receita, podem ser acrescentados outros ingredientes como: chocolate em pó, canela, cravo, nozes raladas ou outros temperos de variados sabores.



Recipientes para armazenar os doces até o Natal.
Fonte: Acervo de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Bordados artesanais

Data do levantamento: dezembro de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Dalva Reinheimer

Elaine Smaniotto

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller concedido à Elaine Smaniotto, em dezembro de 2021.

Histórico:

A prática do bordado fazia parte das atividades de várias mulheres. Várias peças eram bordadas: toalhas (mesa, chá, louça), protetores de utensílios, centros de mesa, cortinas, colchas, peças íntimas femininas, lençóis, almofadas, travesseiros, enxovais de criança, letras, monogramas e os Wandschoner – protetores de parede.

Dentre os costumes trazidos por imigrantes europeus, destacam-se os Wandschoner “protetores de parede”. Eram peças que não podiam faltar no enxoval das moças, e elas as bordavam nas noites, ou quiçá, nos dias frios! Em casas de imigrantes e descendentes, geralmente na parede da cozinha, acima do fogão a lenha, havia um pano bordado e, na maioria das vezes, era de tecido branco de linho ou de algodão cru, com dizeres no idioma alemão, italiano.... Talvez esses protetores tivessem a função de cobrir manchas indesejadas, fechar alguma fresta aberta nas casas de madeira ou enfeitar a residência e encantar as visitas. Também poderiam ter uma função sentimental, religiosa, uma vez que as frases retratavam passagens bíblicas, ditos populares, valores humanos, folclóricos, engraçados, moralizantes, poéticos, educativos. Clarise Elisa Moeller lembra que “o pano de parede era bordado a mão e pendurado na parede da cozinha, da sala ou até mesmo do quarto da casa, com mensagens de fé, amizade, solidariedade, justiça, honestidade, de valorização do trabalho da mulher”. Algumas frases bordadas em pano de parede:

- “Rosas, tulipas e cravos florescem e murcham, mas o nosso amor, nunca”.
- “Como a paz reina entre as flores, também deverá reinar entre nós”.
- “A alegria enriquece”.
- “A paz do Senhor esteja nesta casa”.
- “O sonho da mulher é um feliz lar e do homem um coração em que possa confiar”.

Em Três Coroas, Augusta Lauffer era bastante conhecida pelas moças que se preparavam para casar. Clarise Elisa Moeller conta que Augusta ficou viúva, ainda jovem, com duas crianças pequenas – Oscar e Evinha. Fridolino Lauffer também perdeu a esposa, tendo três crianças pequenas para criar: Mircon (pai de Clarise), Julita e Rudi. Augusta e Fridolino conheceram-se e constituíram uma nova família.

Nas décadas de 1940 e 1950, Augusta Lauffer, do lar, esposa do agricultor Fridolino, agora com 5 crianças, além de realizar as atividades domésticas, também fazia moldes para bordados em peças para o enxoval de moças da localidade de Sander e de outras localidades.

As moças levavam o tecido e escolhiam o desenho. Geralmente, na parte da tarde ou à noite, Augusta realizava todo o procedimento, seguindo os seguintes passos: esticar e fixar o tecido; colocar o molde em cima do papel manteiga (molde/papel/tecido); perfurar o desenho com agulha fina; retirar o molde; misturar querosene com anil; umedecer um pano nessa mistura e aplicar em cima do papel manteiga perfurado, fazendo com que o líquido penetrasse no tecido. Aí era só esperar secar e entregar para a moça que, logo em seguida, iniciava o bordado. Clarice contou que Evinha, filha de Augusta, ensinava moças e senhoras a bordar ponto de haste, ponto cheio, ponto crivo, rococó e também a fazer tricô.



*Meninas na aula de bordados - Escola Paroquial de Três Coroas (1935).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*“Deus te abençoe” (década de 1950).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



*Bordados (década de 1940).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.*



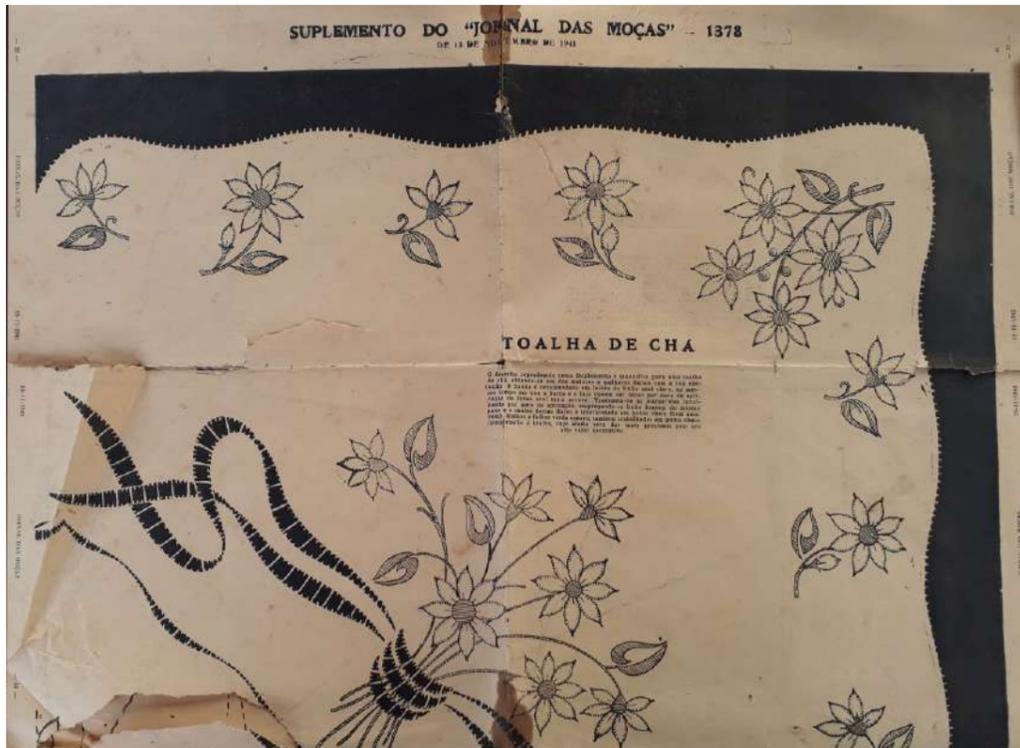
INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Geralmente os produtos – querosene, anil, agulha, revistas de moldes para bordar, tecidos, linhas coloridas – eram comprados na loja da Adélia Roennau, mais conhecida como Dona Moci. Seu estabelecimento comercial localizava-se na localidade de Sander, ao lado do Hotel Thomas e próximo da estação do trem. Muitas das encomendas chegavam por meio deste meio de transporte – o trem.



Wandschoner: "A alegria enriquece" (década de 1940).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Jornal da Mulher – Suplemento do Jornal da Moças, 31 out. 1946 - Moldes utilizados por Augusta Lauffer.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Jornal da Mulher – Suplemento do Jornal da Moças, 31 out. 1946 - Moldes utilizados por Augusta Lauffer.
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Bordados (década de 1940).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Linha Férrea
Período: Década de 1900 até 1960

Data do levantamento: fevereiro a abril de 2022.

Pesquisadores: Camila Brum
Richard Bohrer de Souza
Elaine Smaniotto

Fonte:

CAVALCANTE, Wanderley *et al.* (orgs.). **Gramado:** dos primeiros povoadores à chegada do trem (1919). Uberlândia: Tavares & Tavares, 2020.

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães:** Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha: E. G. Engemann, Volume I, 2004. Volume III, 2007.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO NACIONAL. História das Ferrovias no Brasil. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/609>. Acesso em: 13 abril 2022.

HOBBSAWM, Eric J. **A era do capital**, 1848 - 1875. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

JABLONSKI, Caio Leonardo; SOUZA, Richard Bohrer de. Emancipações e os novos municípios originários de Taquara do Mundo Novo no século XX. *In:* RAHMEIER, Andrea Helena Petry *et al.* (orgs.). **Migrações, educação e desenvolvimento:** convergências e reflexões. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

Panorama, Taquara, 15 maio 1976, p. 10-19.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.) **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

SCHNORR, Renato Francisco; FERNANDES, Doris Rejane. Pelos caminhos do trem: memórias e percepções na retirada dos trilhos. *In:* REINHEIMER, Dalva *et al.* (orgs.). **Caminhando pela cidade:**

apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

Depoimentos:

Liani Delsi Klein concedido à Elaine Smaniotto, em fevereiro de 2022.

Transporte sobre trilhos:

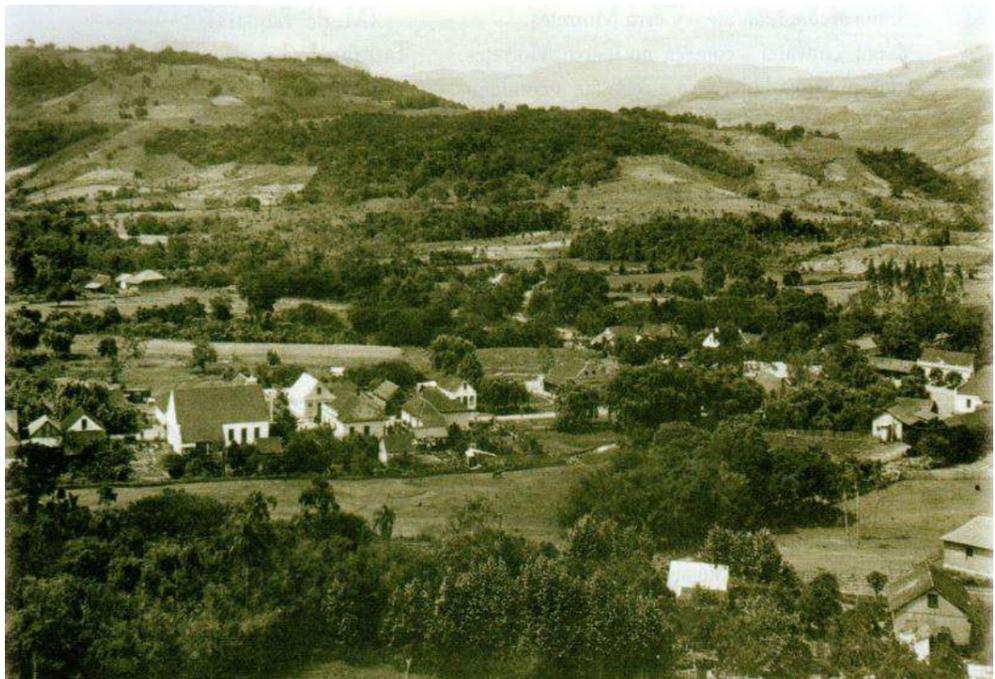
Os trilhos surgiram antes do veículo ferroviário. Gregos e romanos já utilizavam o trilho. Cavavam sulcos paralelos em pedras lisas, colocadas no solo, assim deslizando as rodas de seus carros. Na Inglaterra, os primeiros trilhos datam de 1555, quando vigas paralelas de madeira foram colocadas no solo para possibilitar que as rodas dos vagões com cargas deslizassem mais suavemente, assim, aliviando a força dos animais de tração. No século seguinte, chapas de ferro foram colocadas sobre a madeira para evitar o rápido desgaste das rodas sob o atrito. No final do século XVIII, foi iniciado o uso combinado de rodas e trilhos. Devido à frequência de cargas pesadas, o uso de chapas de ferro nos trilhos provocava constantes desgastes, então, por volta de 1857, passou-se a utilizar trilhos de aço e, dessa maneira, o aço impôs-se definitivamente na fabricação dos trilhos.

A história das ferrovias no território brasileiro data de 30 de abril de 1854, quando Dom Pedro II inaugurou o primeiro trecho de linha férrea - a Estrada de Ferro Petrópolis, ligando Porto Mauá a Frago, no Rio de Janeiro, totalizando 14 km de extensão. Porém, a chegada da via a Petrópolis ocorreu somente em 1886.

A construção de linhas férreas, a partir do final do século XIX, foi alavancada por recursos externos, sobretudo, dos britânicos. Desta forma, as linhas passaram a interligar os centros de produção agrícola e de mineração aos portos de exportação. Além disso, desde seu surgimento no Brasil até a metade do século XX, o trem representou o progresso. Seu desenvolvimento está estritamente ligado à expansão e ao fortalecimento



Estação ferroviária e trem em Sander (período estimado: décadas de 1910 - 1940)
Fonte: Cavalcante, 2020, p. 113.



Estação Sander (período estimado: décadas de 1910 - 1940).
Fonte: Engemann, 2004, p. 563.



Estação Férrea no Mundo Novo, hoje, Três Coroas/RS
(período estimado: décadas de 1910 - 1940).
Fonte: Engemann, 2007, p. 101.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



do comércio e ao avanço do capitalismo, através de um novo formato de transportes, mais veloz e eficiente do que os modelos antigos em que eram utilizados cavalos e carruagens. Em síntese, o trem proporcionou um avanço financeiro e tecnológico no transporte de pessoas e produtos. Sua importância foi determinante para que as trocas mercantis internas se tornassem mais eficientes, possibilitando um aumento industrial significativo. Além disso, o advento do trem auxiliou as pessoas a ter acesso a novos locais, proporcionando processos de expansão a novos territórios e à formação de novas cidades.

Histórico na cidade:

No dia 15 de agosto de 1903, foi inaugurada, em Taquara, a linha de Viação Férrea do Rio Grande do Sul - de Novo Hamburgo a Taquara. Em 1924, foi ampliada a linha V.F. de Taquara para Canela, passando pela localidade de Três Coroas. É importante lembrar que Taquara era o centro de rede da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, em relação aos distritos de Parobé, Igrejinha, Três Coroas, Gramado e Canela e para o município de São Leopoldo e seus distritos. Nos anos de 1930, havia dois trens diários e quatro carros-motores.

A importância desse novo meio de transporte para a localidade de Três Coroas foi imensa, pois, proporcionou um contato comercial mais intenso e independente com as localidades do Vale dos Sinos e com a Capital, Porto Alegre/RS. Além disso, o desenvolvimento econômico que veio junto com a chegada da ferrovia proporcionou ao município, até então, um distrito pertencente ao município de Taquara/RS, autonomia administrativa, pois, por meio de processos comerciais independentes, provindos da chegada da linha férrea, a localidade foi adquirindo uma administração interna. A cidade teve 2 estações: a Estação Sander e a Estação Mundo Novo (fotografias). O trecho até o Bairro Sander foi inaugurado em 1 de junho de 1914 (Panorama, 15 maio 1976). A localidade desenvolveu-se, proporcionando a chegada de novos moradores e um consequente aumento populacional. Formaram-se indústrias e casas comerciais. O trem trazia mercadorias para serem vendidas nos comércios que iam surgindo, ao mesmo tempo em que levava para o Vale dos Sinos e para a capital - Porto Alegre, produtos por aqui cultivados, como o feijão. Também é importante pontuar que o trem carregava pequenas encomendas e parte delas destinava-se para o correio: correspondências, jornais e pedidos para as indústrias calçadistas. Liani Delsi Klein lembra que o trem partia de Porto Alegre com destino final de linha em Canela, passando por Três Coroas por volta das 10h 30min. Nos anos de 1962 até 1964, Liani recebia as malas postais (sacos em lona da cor bege), transportava até a Agência dos Correios e Telégrafos e, em seguida, os destinatários vinham retirar. Assim acontecia o intercâmbio de muitos produtos e informações.

O desenvolvimento e autonomia proporcionados pela chegada da ferrovia deram a Três Coroas possibilidades de se tornar município emancipado, e esse feito ocorreu em 12 de maio de 1959, isto é, quase 50 anos após a chegada da linha férrea até a localidade. O desenvolvimento estrutural, econômico e administrativo proporcionaram autonomia suficiente para a cidade conseguir sua emancipação política do município de Taquara.

No ano de 1963, foi fechado o tráfego entre Taquara e Canela. Em seguida, começou o processo de retirada de trilhos e articulação de políticas para a construção de rodovias.



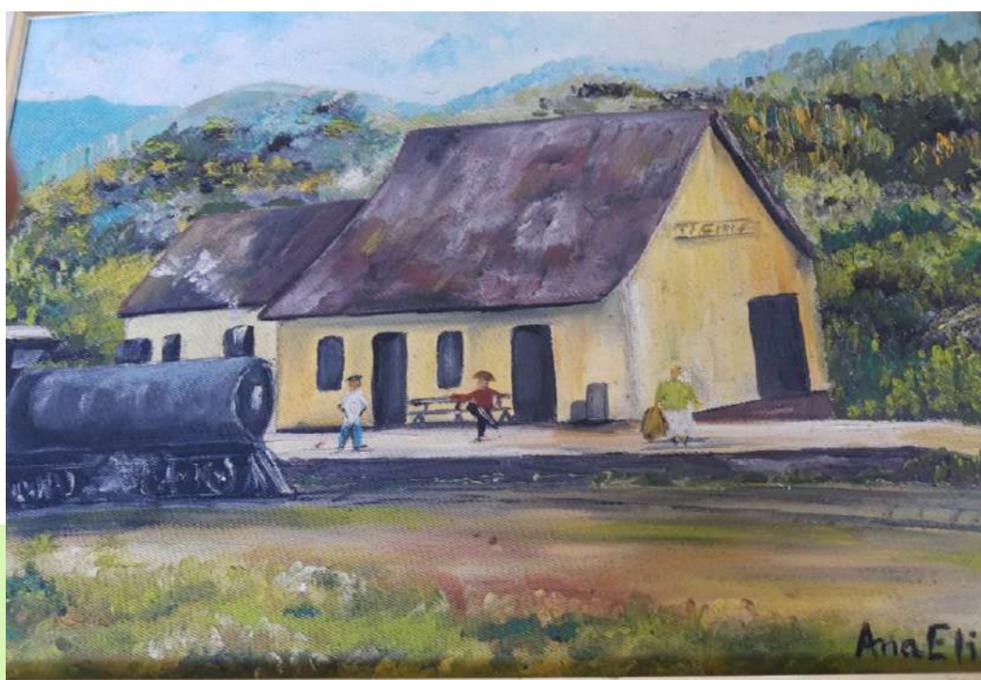
Estação ferroviária e trem em Mundo Novo, atual, Três Coroas (período estimado: décadas de 1910 - 1940).

Fonte: Cavalcante, 2020, p. 113.



Construção da Estrada de Ferro Taquara – Canela realizada por trabalhadores de origem europeia, africana e americana (período estimado: décadas de 1910 - 1930).

Fonte: Engemann, 2007, p. 53.



Pintura de Ana Elisa Petry. A menina de blusa verde representa a condutora de malas postais - Liani Delsi Klein. Durante os anos de 1962 até 1964, transportava as malas postais da Agência dos Correios e Telégrafos para a Estação Férrea do Mundo Novo.

Fonte: Acervo pessoal de Liani Delsi Klein.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Praça Affonso Saul e Rua Coberta

Período: 1987 - 2022

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Braian Lucas Nunes Schuck

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

Jornal NH, Novo Hamburgo, 10 maio 2012.

CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira.** Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2007.

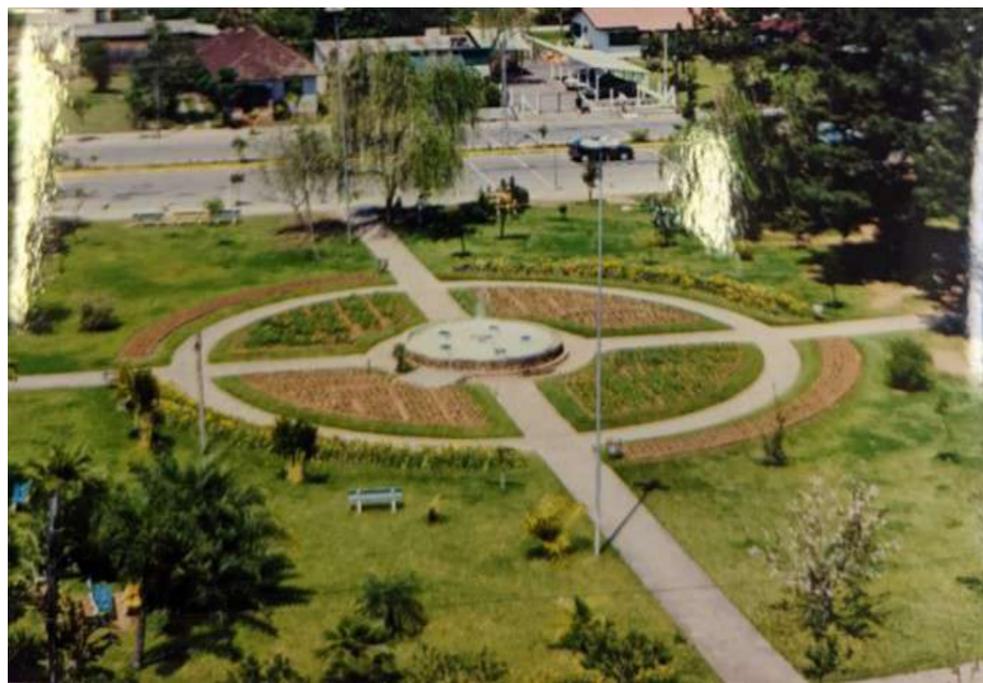
DEECKEN, Lorena P.; MOELLER, Clarise Elisa (orgs.). **Nossas Raízes II:** Três Coroas/RS. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

Lei municipal n. 386, de 26 set. 1978.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs). **Nossas Raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Lorena Deecken e Carine Setti, concedido à Braian Lucas Nunes Schuck, em maio de 2022.



Praça Affonso Saul (1989-1992).

Fonte: Acervo do Museu Armindo Lauffer.

“As praças representam espaços de sociabilidade propícios ao encontro e ao convívio. Na cultura ocidental, esses espaços têm desenvolvido um papel essencial. Toda cidade possui uma praça que se destaca como símbolo urbano, palco de eventos históricos, espaço agregador, ou local de confluência. As praças são espaços permanentes no desenvolvimento das cidades. Sua função e morfologia estão atreladas aos processos de formação política, social e econômica próprios da gênese urbana” (CALDEIRA, 2007, p. 04).

Histórico:

A Praça Affonso Saul localiza-se na quadra entre a Av. Santa Maria, Rua Carlos Gomes, Rua Germano Volkart e Travessa Affonso Saul, conforme Plano Diretor de Três Coroas. Em 1978, a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e o executivo sancionou a lei de criação da praça (Lei n. 386, de 26 set. 1978) que criava a praça com o nome em homenagem a Affonso Saul, primeiro prefeito da cidade. Em 1987, foi realizado um concurso entre os alunos das escolas do município para desenharem como queriam que fosse a nova praça. O vencedor foi um aluno chamado Solon Stopassola Stahl, da Escola 12 de Maio. Seu desenho inspirou o projeto arquitetônico e, no mesmo ano, iniciaram os trabalhos, com a construção do quiosque, do palco com uma pira e de um chafariz com luzes coloridas, recebendo também um trabalho de jardinagem que ajudou a embelezar a praça. Em 1987, a praça foi inaugurada.

Atualmente, a Praça Affonso Saul é considerada a principal da cidade e ali se encontram: a Biblioteca Pública Municipal (a partir de 2012), a Casa do Artesão, áreas para leitura, bancos para sentar, um chafariz alusivo à canoagem, prática esportiva que levou Três Coroas a ficar conhecida mundialmente.

Recentemente, foram instalados os “cachorródromos” que proporcionam água natural para cães; água quente e água gelada para os humanos. Também houve a ampliação e a manutenção de áreas verdes (plantas e flores) que contribuem para o bem-estar do ser humano.

Ao lado da praça Affonso Saul, ocupando uma área de 1.491m², foi inaugurada, em 24 de agosto de 2013, a Rua Coberta. Ela possui um estilo rústico/clássico, com sua base em madeira e vigas com pedras expostas. Desenvolvida com uma iluminação inteligente, economizando energia em dias quando não há eventos, com acendimento parcial das luzes. A Rua Coberta foi construída para ser um espaço público de lazer, promoção de eventos, como feiras, exposições, festas, confraternizações, dentre outros.



Praça Affonso Saul. Em 2019, o chafariz foi limpo e reativado (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



O construtor Ramão Rodrigues edificou o quiosque juntamente com outros pedreiros de fora da cidade (2011).

Fonte: Acervo da família Rodrigues.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Um exemplar *Handroanthus Umbellactus* (Sond.) Mattos ou *Tabebuia umbellata* (Sond.) Sandwith, conhecido popularmente por Ipê Amarelo, plantada em 25 de julho de 1974. Tombada em 2013 como Patrimônio Ambiental (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Construção do novo espaço cultural - Biblioteca e quiosque - inaugurados em 10 de maio de 2012.
Fonte: Jornal NH, Novo Hamburgo, 10 maio 2012, p. 04.



Ato de tombamento do ipê amarelo (05. jun. 2013).
Fonte: Secretaria de Educação e Desporto de Três Coroas.



Rua Coberta (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.



Monumento das Etnias (1999).
Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Praça Francisco Leal e decks

Período: 1987 - 2022

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Braian Lucas Nunes Schuck

Carolina dos Santos Moraes

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

DEECKEN, Lorena P.; MOELLER, Clarise Elisa (orgs). **Nossas Raízes II:** Três Coroas/RS. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

DIAS, Veridiana Pereira Dias. **Cidade verde:** a eleição dos símbolos para a construção da imagem da cidade de Três Coroas. 2010. Monografia (Graduação em História) - Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT, 2010.

Panorama, Taquara, 11 maio 1990, p. 9.

Panorama, Taquara, 25 maio 1990, p. 5.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas Raízes I.** Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.

TCA. **Três Coroas ganha pista de skate, BMX e roller.** 2016. Disponível em:

<https://www.tca.com.br/news/tres-coroas-ganha-pista-de-skate-bmx-e-roller/>.

Acesso em: 21 jun. 2022.

Depoimentos:

Lorena Deecken e Carine Setti, concedido à Braian Lucas Nunes Schuck, em maio de 2022.

Histórico:

Em 1983, foi aprovada a criação da Praça Francisco Leal (Lei municipal n. 578, de 14 set. 1983), localizada à Rua da Indústria, esquina Av. Santa Maria. O nome é uma homenagem a um soldado chamado Francisco da Silva Leal que, com 28 anos de idade, foi levado pela correnteza e morreu afogado em uma inundação, quando tentava salvar pessoas. Ele deixou viúva e um filho de 5 anos de idade.

A praça é conhecida pelos moradores da cidade como Pracinha dos Bombeiros; localiza-se nas duas margens do Rio Paranhana, entre as duas pontes de acesso ao centro. Nesse local, há quadras de esportes, quartel dos bombeiros, pista de skate e parquinho infantil. A praça já recebeu etapa de Circuito Gaúcho de Bmx Freestyle Street Amador, competições de skate, basquete, além de campeonatos de futebol e de vôlei. Nesse sentido, o lazer exerce uma das funções sociais da cidade, portanto faz parte do planejamento urbano.

Em 2008, foi iniciada a construção de uma trilha de deques de madeira que estão presentes em ambos os lados do rio Paranhana. Durante a construção, a flora foi bastante danificada, porém com auxílio da comunidade, foi realizado o plantio de árvores, visando evitar futuros desmoronamentos e outros eventos adversos.

Esse cuidado demonstra a importância da preservação dos espaços ao longo do Rio Paranhana, considerados como patrimônio cultural da cidade, tornando-se um lugar de memória coletiva do espaço natural.



Praça Francisco Leal está sendo remodelada

Remodelação da Praça Francisco Leal.

Fonte: Panorama, Taquara, 11 maio 1990, p. 9.



Reestruturação da Praça Francisco Leal permite a prática de diversas modalidades esportivas

Reestruturação da praça.

Fonte: Panorama, Taquara, 25 maio 1990, p. 5.



Praça Francisco Leal: Um espaço apropriado para os esportes de Skate, BMX e Roller.

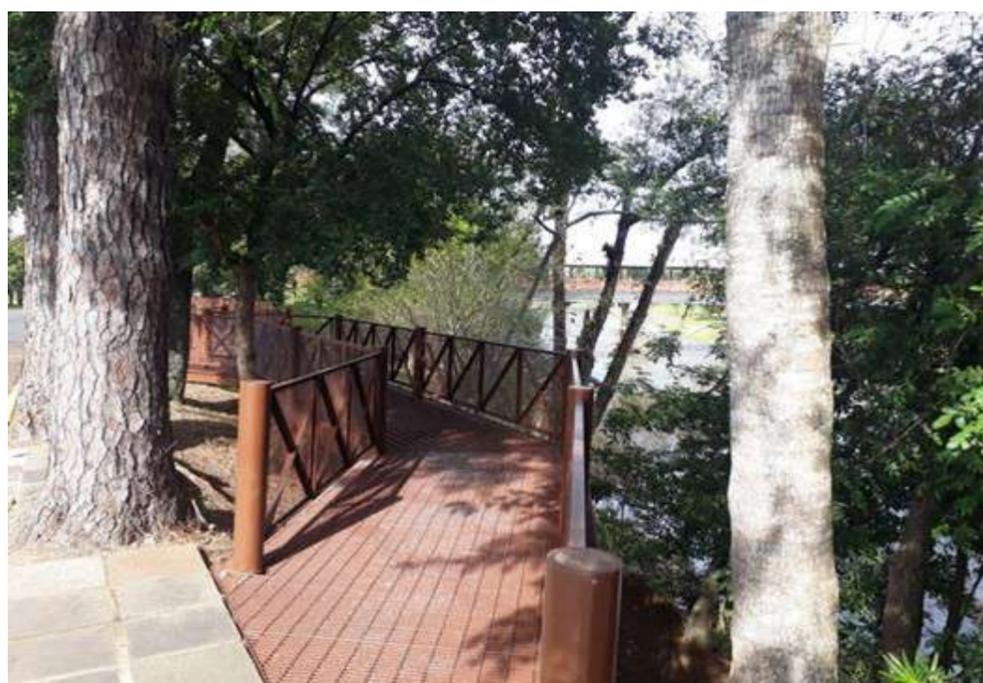
Fonte: TCA, 2016.



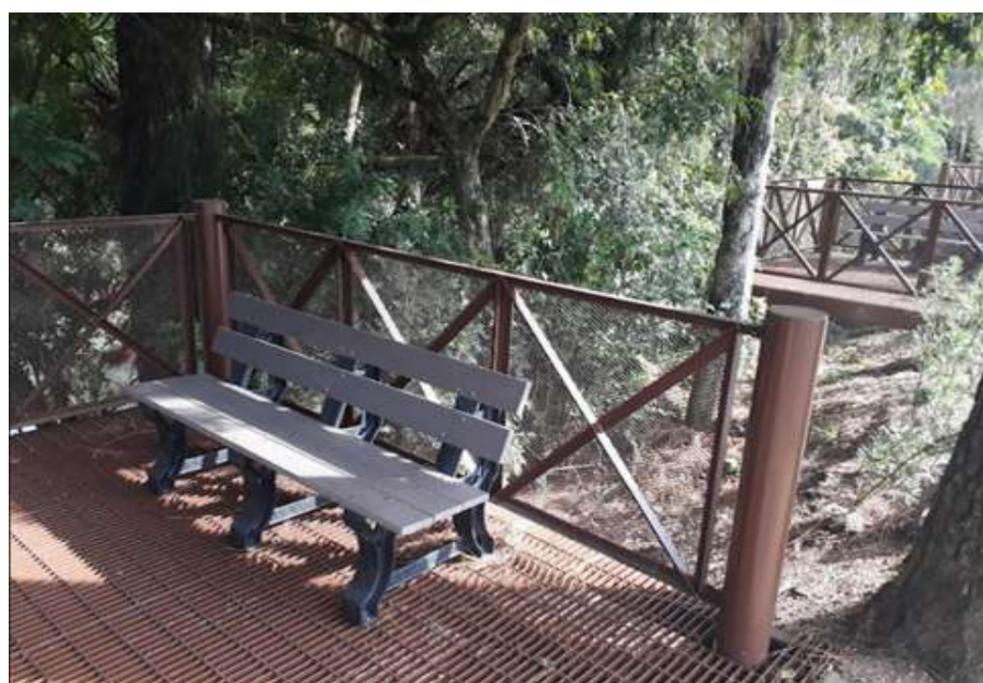
INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



*Praça Francisco Leal (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Braian Lucas Nunes Schuck.*



*Deck - Rua América (fundo a Ponte Coberta Armino Lauffer) (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.*



*Deck - Rua América (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Esporte Clube Mundo Novo

Endereço: Rua Mundo Novo, n. 42

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Período: década de 1910 a 2022

Uso atual (2022): Sede do Esporte Clube Mundo Novo

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Élen Waschburger

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães:** Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha (RS): E. G. Engemann, Volume I, 2004, p. 438, 555.

Panorama, Taquara, 15 maio 1976, p. 14.

TREIN, Bruno Felipe. **1970:** A ditadura convocou o futebol para seu time. Monografia (Graduação em História) - Faculdades Integradas de Taquara, 2020.

Depoimentos:

Douglas Rambor concedido à Richard Bohrer de Souza, em abril de 2022.



Der Sportklub Mundo Novo

E.C. Mundo Novo (1915).

Fonte: Acervo pessoal de Douglas Rambor e E.C. Mundo Novo.

Breve histórico do futebol:

O futebol tal qual conhecemos hoje em dia, ou como muitos denominam, futebol moderno, teve sua origem na Inglaterra, em meados do século XIX. Entretanto, o esporte que foi se adaptando ao longo dos séculos, apresenta-se em diferentes locais e temporalidades diferentes ao longo da História. Seja na Idade Antiga, Medieval ou Moderna, essa modalidade esportiva foi se inserindo nos meios sociais de diferentes comunidades, até consolidar-se no modelo mais semelhante ao que conhecemos atualmente.

Hoje, o futebol é o esporte mais popular do Brasil e é também símbolo da união popular. Mas de que forma esse esporte atravessou o Oceano Atlântico e atingiu o conceito de representação de uma nação inteira?

Charles Miller (1874-1953) viajou até a Inglaterra e, na volta, trouxe consigo um jogo, uma modalidade esportiva que caiu nas graças da população brasileira. Tal esporte coletivo logo passou a caracterizar as massas populares, pois, para sua prática, não necessitava de muitos recursos, apenas uma bola e indivíduos dispostos a praticar o novo esporte.

Histórico:

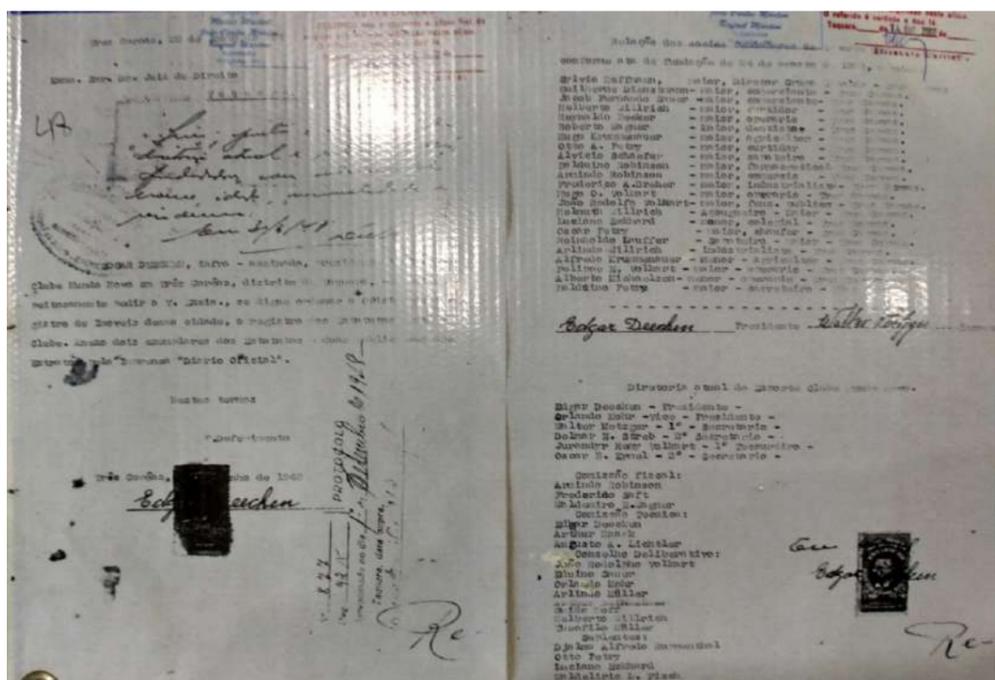
Embora o futebol ainda estivesse se popularizando no Brasil, a primeira informação (oral e popular) que se tem em relação ao Esporte Clube Mundo Novo remonta ao ano de 1915. De acordo com o conhecimento popular, o clube surgiu nos anos 1910, mais precisamente em 1915, entretanto, outras informações populares dizem respeito ao surgimento do clube na década de 1920, porém, pouca documentação existe para comprovar essa versão.

Documentações mais exatas confirmam a fundação do E.C. Mundo Novo, em 24 de agosto de 1934, tendo como fundadores: Sylvio



E.C. Mundo Novo no Estádio Morumbi/SP (1965).

Fonte: Acervo pessoal de Douglas Rambor.



Estatuto da Fundação do Clube (1934).

Fonte: Acervo pessoal de Douglas Rambor e E.C. Mundo Novo.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Hoffmann, Guilherme Dienstmann, Jacob Fernando Sauer, Helberto Willrich, Reynaldo Becker, Roberto Wagner, Hugo Krummenauer, Otto A. Petry, Alvício Schaefer, Balduino Robinson, Frederico A. Dreher, Hugo O. Volkart, Helmuth Willrich, Luciano Eckard, Oscar Petry, Reinhold Lauffer, Arlindo Willrich, Alfredo Krummenauer, Felipe E. Volkart, Alberto Michaelsen e Balduino Petry.

Desde a fundação oficial, em 1934, até a atualidade, o clube mantém-se ativo. Seu estádio está localizado na Rua Mundo Novo, nº 42, centro de Três Coroas. Nesses quase 88 anos de existência, o clube que nasceu amador, profissionalizou-se e, posteriormente, voltou ao amadorismo. Mesmo que o E.C. Mundo Novo seja um clube amador na atualidade, sua história possui alguns momentos peculiares e singulares.

Entre as décadas de 1940 e 1950, havia uma disputa entre os times dos distritos (Três Coroas ainda pertencia a Taquara) que formavam uma chave e os times da sede de Taquara formavam outra chave. O E.C. Mundo Novo disputava com outros times dos distritos de Gramado, Igrejinha e Parobé (Canela não participava mais, pois sua emancipação ocorreu em 1944), enquanto as equipes existentes em Taquara também competiam de forma interna; na final, o campeão dos distritos enfrentava o campeão de Taquara. O E.C. Mundo Novo participou poucas vezes desse torneio, porém, vale o registro de que sua participação foi significativa para a história do clube.

Em 1948, o E.C. Mundo Novo filiou-se à Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Uma das pessoas mais importantes para a sua concretização foi o senhor Edgar Deecken, pois ele foi a Porto Alegre fazer a filiação do time junto à FGF, considerando-se que nesse período a locomoção até a capital gaúcha não era algo tão simples. O E.C. Mundo Novo foi time profissional entre 1965 e 1982.

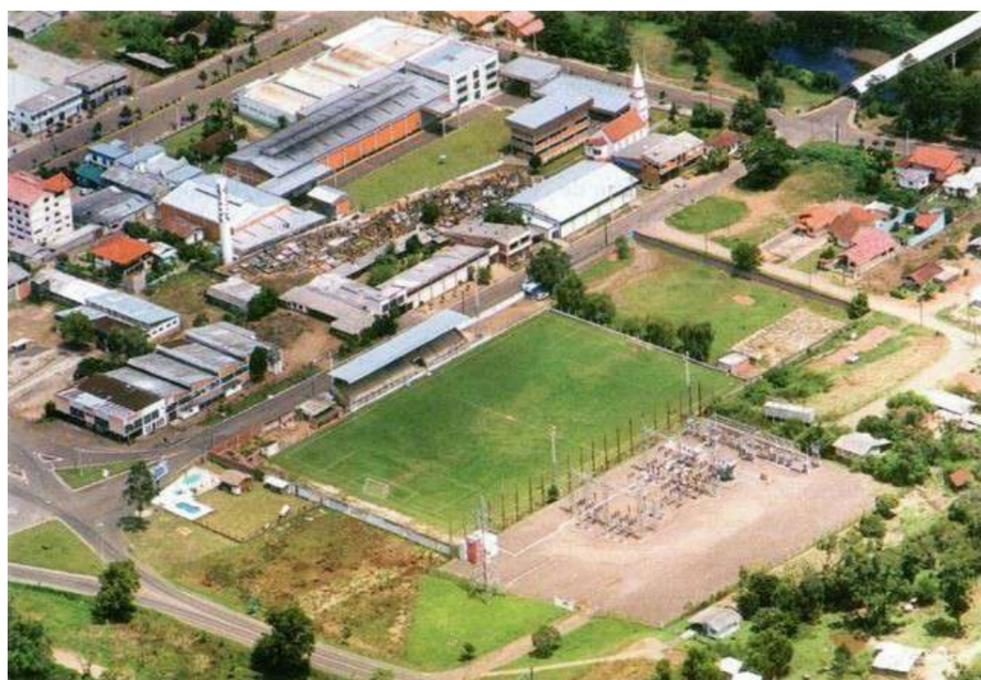
O processo de profissionalização do clube deve-se muito ao senhor Armindo Alzemiro Volkart (popular Pive), pois ele dedicou tempo e dinheiro para a concretização do sonho, tanto é que uma das formas de homenageá-lo foi dando seu nome ao estádio devido à sua dedicação ao clube. Entre 1965 e 1982, o time participou das divisões de acesso do Campeonato Gaúcho (Terceira e Segunda Divisões) e também de algumas edições da Copa do Governador, na década de 1970.

Outro fato inusitado que vale ressaltar na história do E.C. Mundo Novo foi que, em 1965, o time fez uma excursão até São Paulo, para um jogo amistoso contra a equipe da Volkswagen. A experiência e a disputa interestadual configuram um grande feito para um clube de uma pequena cidade do interior gaúcho, mesmo que a equipe três-coroense tenha saído derrotada.

Desde 1983, o Clube voltou ao amadorismo, porém, continua na ativa até a atualidade. O estádio, de vez em quando, é alugado para outras equipes, além de ser palco de eventos esportivos, como a Copa Cidade Verde, que, por mais de dez anos, foi sediada pelo município de Três Coroas e teve o Estádio Armindo Alzemiro Volkart, do Esporte Clube Mundo Novo, como principal local das competições, recebendo a abertura e o encerramento dos eventos.



Time do E.C. Mundo Novo (década de 1940).
Fonte: Acervo pessoal de Douglas Rambor.



Campo do E.C. Mundo Novo (década de 1940).
Fonte: Engelmann, 2004, p. 438, 555.

ESPORTES

Existiu no início do século, aqui em Três Coroas, a "Sociedade de Ginástica" onde se praticavam todas as modalidades de ginásticas e esportes, pelo método introduzido pelos grandes ginastas Jahn e Black. Era frequentado tanto por jovens como por pessoas idosas. Funcionou até a década de vinte, quando encerrou suas atividades.

O esporte bretão, conhecido futebol, foi o último a surgir em nosso meio.

O primeiro clube de futebol, aqui fundado, foi o "Esporte Clube Mundo Novo", em 1918, e que continua em plena atividade até os dias atuais possuindo um grande patrimônio e uma longa história esportiva, cheia de glórias.

Em Sander, o primeiro clube foi o "Ipiranga", fundado no mesmo ano, e que foi por muitos anos o rival do "Mundo Novo", disputando entre si muitas reñhaidas partidas. Sander esta hoje representado pelo "Grêmio Esportivo Sandense", nome que substituiu o de Flamengo, ao se tornar pessoa jurídica, em 04.04.1965, também já de gloriosas partidas. Pertence a categoria de Amador.

Também como Amador, desponta na Linha 28 o "América Futebol Clube", também já com arraigadas tradições e com grande número de simpatizantes.

Equipes do Ipiranga de Sander e Esporte Clube Mundo Novo prontas para um clássico. Jogavam de calças e suspensórios.

Reportagem sobre os times de futebol de Três Coroas.

Fonte: Panorama, Taquara, 1976, p. 15.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Grêmio Esportivo Sandense

Endereço: Rodovia ERS 115

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Fundação: 15 de maio de 1962

Uso atual (2022): Sede do Grêmio Esportivo Sandense

Data do levantamento: março de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fontes:

Conexão Notícias, 04 dez. 2020, p. 15.

ENGELMANN, Erni Guilherme (coord.). **A Saga dos Alemães: Do Hunsrück para Santa Maria do Mundo Novo. Igrejinha (RS): E. G. Engelmann, Volume I, 2004, p. 441, 555.**

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**

'Vem, Alice' visita o Sandense, de Três Coroas, RS. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3108528/>. Acesso em 3 mar. 2022.

Panorama, Taquara, 15 maio 1976, p. 14.

Panorama, Taquara, 17 maio 1991, p. 16.

Depoimentos:

Jair Luiz Scherer e Paula Cristina D. Fassbinder concedidos à Elaine Smaniotto, em março de 2022.

Histórico:

O Grêmio Esportivo Sandense, localizado na Rodovia RS/115, bairro Sander, em Três Coroas, está em funcionamento desde 15 de maio de 1962. O Clube Esportivo Sandense, conhecido carinhosamente pela população três-coroense como Sandense, é originário do time Flamengo Futebol Clube que não existe mais. Embora tenha sido fundado em 1962, a oficialização do clube saiu apenas em 1965, quando foi publicado seu estatuto no Diário Oficial do Estado. As cores escolhidas foram preto e branco. Seu primeiro presidente foi Arlindo Möller, que esteve à frente do clube nos anos de 1962, 1967 e 1968.

Em 1972, o clube filiou-se à Federação Gaúcha de Futebol. Participou ativamente de competições, tais como Campeonato Estadual de Amadores, campeonatos promovidos pelo CMD - Conselho Municipal de Desporto -, pela LIFIPA - Liga de Futebol Infantil do Paranhana -, pelo ASSORE - Associação Regional de Esportes -, pelo CODESINOS - Conselho de Desporto do Vale do Rio dos Sinos - e pela Liga Metropolitana de Futebol - anos de 1993 e 1994. O futebol de campo do clube contou com várias categorias - 1º quadro, 2º quadro, Veteranos, Juniores e Escolinhas. Atualmente, mantém apenas as categorias de base.

Os títulos conquistados, ao longo da história do clube, e que mais se destacaram foram: 1º Lugar do Campeonato Municipal Varzeano, nos anos de 1986, 1987, 1988, 1991, 1993, 1994, 1995 e 1998, sendo que a equipe principal conquistou o Campeonato Municipal Varzeano, nos anos de 1986, 1988, 1990, 1993, 1994, 1997 e 1999. Devido às cinco conquistas de cinco títulos intercalados, o clube recebeu, em 1993, o troféu móvel Armando Brusius. Além disso, também conquistou o título de campeão juvenil da Copa ASSORE, em 1998, e com a categoria adulta, em 1999, durante a 4ª Copa ASSORE.

Em 2022, o clube completa 60 anos e, durante essas décadas de história, já promoveu bailes de Kerb, de Casais, escolha do Rei e Rainha do



*1ª Sede Social Sandense (década de 1960).
Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Sandense.*



*Sede atual (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Joel Ribeiro de Menezes.*



*No centro da fotografia, está o campo do Grêmio Esportivo Sandense, situado à margem esquerda da rodovia ERS 115, Três Coroas/RS (2003).
Fonte: Engelmann, 2004, p. 441.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Kerb, concurso tradicional de festas típicas alemãs, além de sediar escolhas da Garota Verão, amistosos, jogos do Campeonato da Copa Cidade Verde, jogos do Campeonato de Pais e Professores, festa de associações, entre outros eventos envolvendo a comunidade local.

O Grêmio Esportivo Sandense participou, em 2014, do quadro do Globo Esporte do Rio Grande do Sul, Vem Alice, no qual a jornalista esportiva mostrou o desenvolvimento do projeto do clube com as categorias de base.

A área pertencente ao clube é, de aproximadamente, 31.000 metros quadrados, sendo que a atual sede foi construída em 1977, tendo inaugurado seu campo, em 12 de maio de 1991, com as seguintes dimensões: 105m por 68m. Além disso, o clube conta com um Ginásio de Esportes, inaugurado em 2005, construído através de uma comissão de obras. A quadra tem 45 metros de comprimento, 33 metros de largura e 15 metros de altura.



GRÊMIO ESPORTIVO SANDENSE/1988 - Diretoria e colaboradores
Da esquerda para a direita - 1ª fila: Talmu Train, Jorge Krummerauer, Luiz Patry, Eloi Bledorn, Lauri Adams, Egidio Walber, Petri Da esquerda para a direita - 2ª fila: Arsenio Schilling, Ofelia Schilling, Rudy Keller, Handke, Ademir Henrich, Paulo Streesburger, Remy Hilbert e Luiz Adams; 3ª fila: Arsenio Schilling, Ofelia Schilling, Rudy Keller, Nélita Brocker, Ruberto Brocker, Cleusa Muck, Erni Herrmann, Mécia Ellwanger, Flávio Ellwanger, Iréa Wilbert, Idete Bledorn, Eleni Walber, Marlise Henrich, Lia Ellwanger, Hilario Ellwanger, Eva de Silva, Klaus Becker, Elaine Trott e Carlos Henrique Trott.

Diretoria e colaboradores (1988).

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Sandense.



Prefeito e dirigentes do clube desataram a fita inaugural

Notícia sobre inauguração da nova sede.

Fonte: Panorama, Taquara, 17 maio 1991, p. 16.



Sala de troféus (2022).

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Sandense.



ARLINDO MÖLLER
1962, 1967, 1968

Primeiro presidente.

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Sandense.



Contrato de partida de futebol (1978).

Fonte: Acervo do Grêmio Esportivo Sandense.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Rio Paranhana

Data do levantamento: abril a junho de 2022

Pesquisadores: Camila Brum
Richard Bohrer de Souza
Elaine Smaniotto

Fontes:

BRUBACHER, João Paulo *et al.* Avaliação de bases SRTM para extração de variáveis morfológicas e de drenagem. **Geociências**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 381-393, 2012.

DEECKEN, Lorena Pedrinha; MOELLER, Clarise Elisa (orgs). **Nossas Raízes II: Três Coroas/RS**. Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs). **Nossas Raízes I. Três Coroas, RS**: Gráfica Sohne, 2001.

OLIVEIRA, G.G; VALENTE, P.T; GUASSELLI, L.A. Espacialização das áreas de inundação nos municípios de Igrejinha e Três Coroa, bacia hidrográfica do Rio Paranhana/RS. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA*, 9., 2012. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

Disponível em:

<http://www.sinageo.org.br/2012/trabalhos/2/2-192-420.html>. Acesso em: 31 maio 2022.

PDDUA (Plano Diretor de Diagnóstico Urbano e Ambiental) de Três Coroas. 2016. Disponível em:

https://issuu.com/ufrgs.ntu/docs/trescoroas_relatorio_2_diagn_stico. Acesso em: 6 jun. 2022.

PREFEITURA DE TRÊS COROAS. 62 anos de emancipação política.

Disponível em: <https://www.trescoroas.rs.gov.br/>. Acesso em: 28 maio 2022.

REINHEIMER, Dalva. **A navegação fluvial na República Velha Gaúcha**, iniciativa privada e setor público: ações e implicações dessa relação. São Leopoldo: Oikos editora, 2010.

REINHEIMER, Dalva *et al.* (orgs.) **Caminhando pela cidade: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.

SANTOS, Claudir dos. **No rio que corre ligeiro: a canoagem em Três Coroas**. Três Coroas: JM2D, 2020.

TCA. Hidrelétrica do Rio Paranhana é tema de discussão na FACCAT. 2019. Disponível em: [https://www.tca.com.br/news/central-hidreletrica-no-rio-paranhana-](https://www.tca.com.br/news/central-hidreletrica-no-rio-paranhana-e-tema-de-discussao-na-faccat/)

[e-tema-de-discussao-na-faccat/](https://www.tca.com.br/news/central-hidreletrica-no-rio-paranhana-e-tema-de-discussao-na-faccat/). Acesso em: 21 jun. 2022.

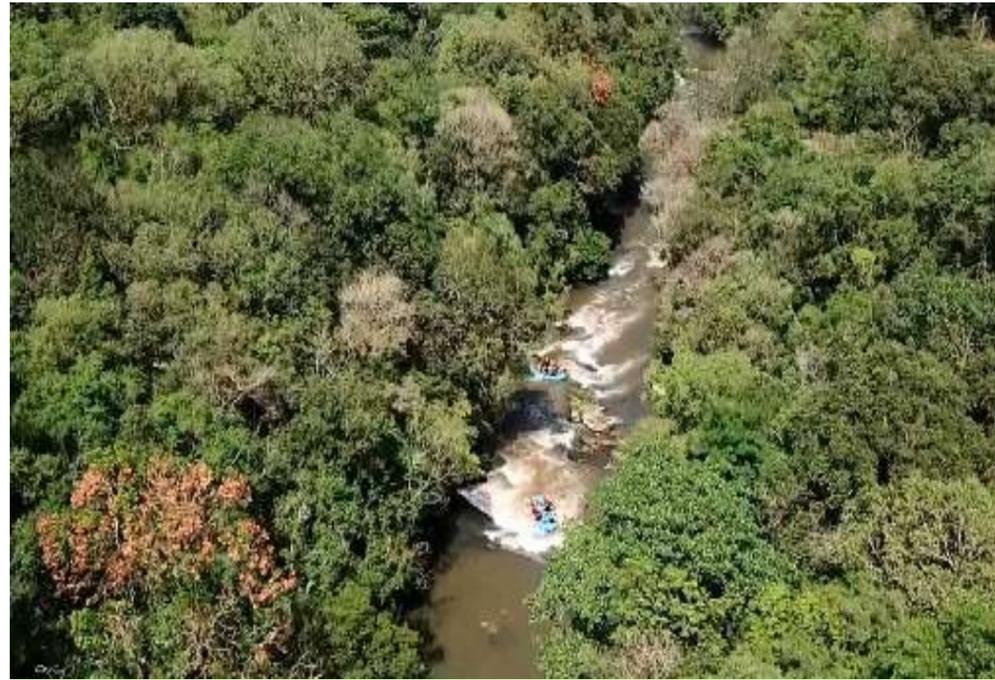
Depoimentos:

José Lúcio Stein Barth concedido à Elaine Smaniotto, em junho de 2022. Claudir dos Santos concedido à Richard Bohrer de Souza, em abril de 2022.

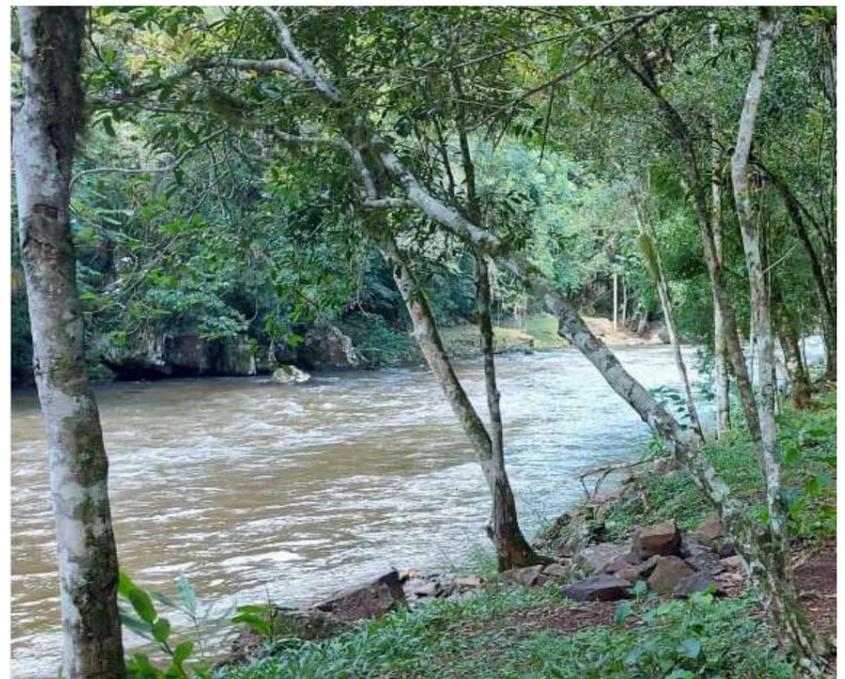
Ao longo da História, os rios foram de grande importância para o crescimento e desenvolvimento das comunidades. São inúmeros exemplos: Egito, Inglaterra, China, Iraque, Índia... A partir de bacias hidrográficas, mudanças aconteciam, elevando o status de comunidade para reino, império, nação, cidade, estado, ou alguma outra nomenclatura oriunda do desenvolvimento socioeconômico dos povos ribeirinhos.

No Rio Grande do Sul, os rios tiveram grande importância na ascensão socioeconômica das cidades que iam se formando, pois a ligação entre os distritos e a capital proporcionou ao interior fortalecer sua economia.

Em Três Coroas, o Rio Paranhana (palavra de origem indígena que significa "rio das corredeiras") foi importante para a economia local dar os primeiros passos em direção à sua independência administrativa que só viria, em definitivo, após a chegada da linha férrea. Entretanto, o rio foi importante para o transporte de algumas mercadorias que eram



Rio Paranhana (2021).
Fonte: Prefeitura Municipal de Três Coroas.



Rio Paranhana (2022).
Fonte: Acervo pessoal de Elaine Smaniotto.



Área da barragem que se localiza entre o Parque das Laranjeiras e o início da localidade de Passo do Louro, limite entre Três Coroas e Canela (Fotos: André Amaral).
Fonte: TCA (2019).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



produzidas no município, porém, essa prática comercial era mais eficiente em épocas em que o rio estivesse com um maior volume de água, uma vez que, no passado, esse rio não tinha o mesmo volume de água que tem atualmente.

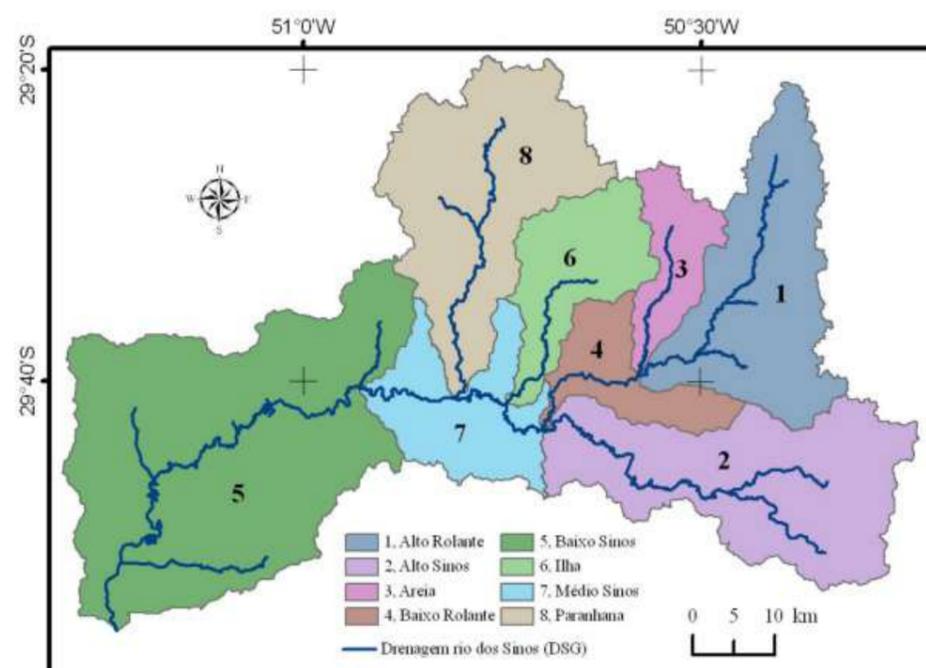
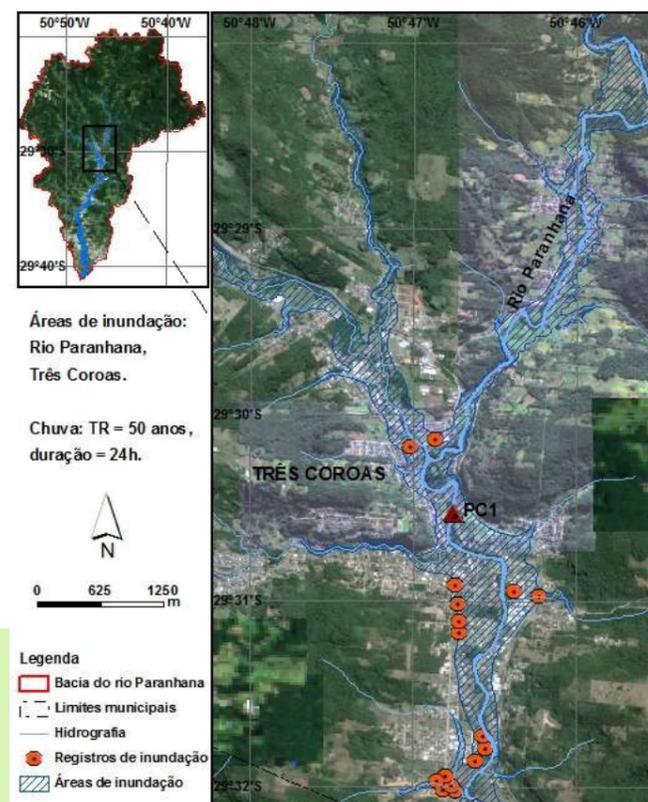
O Rio Paranhana, segundo maior afluente do Rio dos Sinos, corre no sentido nordeste-sul a partir das bordas do Planalto, com nascentes em Canela, Gramado e São Francisco de Paula, na Serra da Canastra; sua rede hídrica constitui-se a partir das águas transpostas da Bacia do Caí, e tem uma extensão de 80,6 Km. Apresenta, em função do relevo da região, grande variação altimétrica: em extensão de 8 quilômetros, varia de 800 m a 200 m, no sentido nordeste-sul. Na sede municipal de Três Coroas flui em terreno de planície, em cota altimétrica média de 56 m. Atravessa nesta costa, os municípios já citados (Canela, Gramado, São Francisco), Três Coroas, Igrejinha, Parobé e Taquara (PDDUA, 2016, p. 76).

Outro grande destaque que o Rio Paranhana proporcionou ao município relaciona-se ao esporte. Em meados do início da década de 1980, Três Coroas começou a receber os primeiros canoístas em seus veios hidrográficos. Inicialmente de forma amadora, a Canoagem passa a cair cada vez mais nas graças da população três-coroense que, em pouco tempo, passou a organizar eventos, buscando a profissionalização da modalidade, além de transformar o esporte em um dos símbolos da cidade.

Nesse contexto, o Rio Paranhana confere uma maior importância cultural à sociedade três-coroense, pois com os eventos realizados em virtude da Canoagem, o município entra no mapa mundial das modalidades esportivas e também do turismo. O Mundial de Canoagem de 1997 é exemplo disso. Ele foi realizado em Três Coroas, no Parque Municipal das Laranjeiras, e proporcionou ao município um status dentro do mundo do esporte, além de fomentar o desenvolvimento e o fortalecimento turístico em volta do Rio Paranhana que permanece até a atualidade. (Ver fichas da Canoagem e do Parque Municipal das Laranjeiras).

Atualmente, o Rio Paranhana é a principal fonte de captação de água da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) para a região, especialmente, para os municípios de Igrejinha, Três Coroas e Parobé. As principais fontes poluidoras desse rio são o esgoto doméstico e o lixo, por isso é necessário ter consciência de que a saúde do rio também é a saúde de toda a população.

As prefeituras de Três Coroas e Igrejinha, devido às constantes enchentes em áreas habitadas, provocadas pelas fortes chuvas, realizaram ações de desassoreamento em pontos diversos do Rio Paranhana, com licença ambiental e acompanhamento de geólogo e técnicos. Em Três Coroas, foram realizadas drenagens de cascalhos nos seguintes trechos: “ao lado da Rua Martinho Lutero, próximo à rua 25 de Julho e na junção com o Arroio Moreira” (Correio do Povo, 08 jun. 2020).



Trabalhos de desassoreamento no intuito de evitar enchentes do rio Paranhana (Foto: Prefeitura de Três Coroas).
Fonte: Correio do Povo, 08 jun. 2020.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Parque Municipal das Laranjeiras

Endereço: Localidade de Linha Café Alta

Período: 1989-2022

Proprietários:

- 10,7% da área atual do parque pertencia a Edvino Ruppenthal e Arminda Edi Ruppenthal (área de 64.269,46 m²) até 1989;
- 89,3% da área atual do parque pertencia a Alvício Port e Erna Gilda Port (área de 536.505,00 m²) até 1994;
- 100% da área atual do parque pertence à Prefeitura Municipal de Três Coroas (600.774,46 m²).

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Andrea Helena Petry Rahmeier

Dalva Neraci Reinheimer

Elaine Smaniotto

Fontes:

CERTEAU, Michel de Certeau. **A Invenção do Cotidiano:** Artes de Fazer. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

Decreto Municipal n. 1193, de 07 de junho de 1989.

IPHAN. Livros de Registro. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>. Acesso em: 23 abril 2022.

Panorama, Taquara, 30 nov. 1990, p. 9.

Panorama, Taquara, 26 jan. 1996, p. 8.

Parque das Laranjeiras. Disponível em:

<https://portaldafolha.com.br/2020/09/11/ceee-vai-assumir-barragem-de-laranjeiras-que-passa-por-manutencao>.

Parque das Laranjeiras. Disponível em: parquedaslaranjeiras.com.br.

REINHEIMER, Dalva. **A navegação fluvial na República Velha Gaúcha.**

São Leopoldo: Oikos, 2010.

SANTOS, Claudir dos. **No rio que corre ligeiro:** a canoagem em Três Coroas. Três Coroas: JM2D, 2020.

Web Adventure. Disponível em: webadventure.com.br.

Depoimentos:

Cristian Krummenauer concedido à Andrea Helena Petry Rahmeier, Dalva N. Reinheimer e Elaine Smaniotto, em abril de 2022.

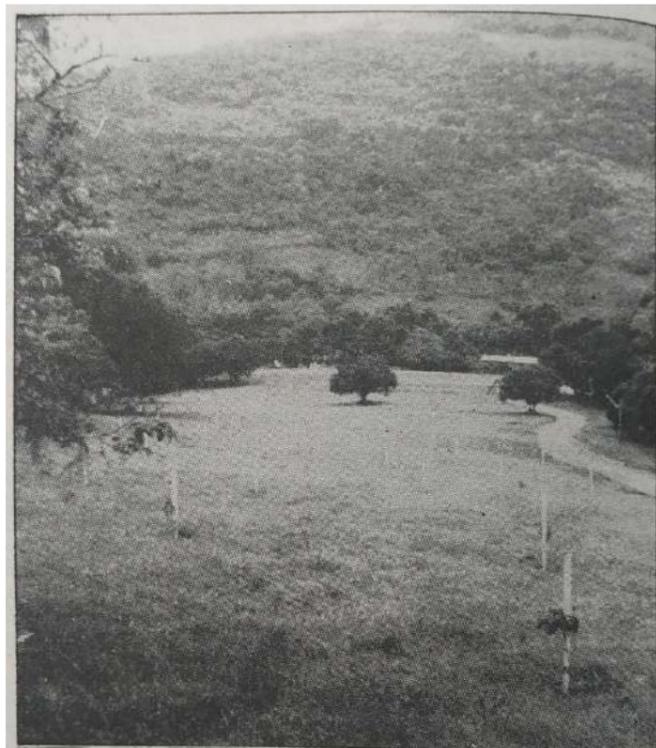
Claudir dos Santos concedido à Richard Bohrer de Souza, em abril de 2022.

Espaços e lugares:

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no Livro de Registro de Lugares, constituem-se espaços passíveis de registro, enquanto patrimônio cultural, os lugares “que possuem sentido cultural diferenciado para a população local, onde são realizadas práticas e atividades de naturezas variadas, tanto cotidianas quanto excepcionais, tanto vernáculas quanto oficiais. Podem ser conceituados como lugares focais da vida social de uma localidade, cujos atributos são reconhecidos e tematizados em representações simbólicas e narrativas, participando da construção dos sentidos de pertencimento, memória e identidade dos grupos sociais” (IPHAN, 2022).

O Parque Municipal das Laranjeiras:

Está situado às margens do Rio Paranhana – ex- arroio Santa Maria, na divisa com o município de Canela, distante 15 km do centro da cidade de Três Coroas. A aquisição do local pelo poder público municipal ocorreu em



Beleza natural do Parque das Laranjeiras é deslumbrante

Parque das Laranjeiras.

Fonte: Panorama, Taquara, 30 nov. 1990, p. 9.



Ampliação da infraestrutura.

Fonte: Panorama, Taquara, 26 jan. 1996, p. 8.



Foto aérea (2021).

Fonte: Parque das Laranjeiras (website).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



dois momentos: o primeiro, em 5 de julho de 1989; o segundo, em 20 de dezembro de 1994, totalizando uma área de 600.774,46 m².

O rio Parahana que serpenteia o relevo acidentado com vasto revestimento florestal é a principal atração do Parque. Esse rio possibilita a prática de várias aventuras esportivas, como canoagem, rafting, rapel, tirolesa, arvorismo, mountain bike, tracking e passeio de quadriciclo.

Atualmente, o Parque Municipal das Laranjeiras possui uma ampla infraestrutura com pousada, restaurante, mercado, bar, espaço destinado a estacionamento de automóveis e ônibus, banheiros, área de camping, quadras de vôlei e futebol.

Histórico:

Na memória da população de Três Coroas, o Parque Municipal das Laranjeiras recebeu essa denominação pelo fato de ali existir uma variedade de laranjeiras que saciava a fome de animais silvestres e de seres humanos que transitavam ou residiam na área.

Na década de 1980, iniciaram as atividades de competições de canoagem. No ano de 1988, um grande festival de canoagem ocorreu na área da Pedreira, que é uma área particular, e após o sucesso desse evento, houve um engajamento entre os adeptos da Canoagem junto à Prefeitura Municipal de Três Coroas, para a aquisição de terras no intuito de criar um local de melhor prática e propagação do esporte (segundo Cristian Krumenauer). Em 1989, um grupo de esportistas três-coroenses, liderados por Flávio Belotto, apresentaram um projeto para a Prefeitura sobre a criação de uma pista e um parque de eventos para um melhor desenvolvimento da prática da Canoagem no município. O então prefeito, Ricardo Schmitt Müller, aprovou a ideia e assim a Prefeitura formalizou a compra das terras para a construção do Parque das Laranjeiras. A partir daí, o engajamento dos envolvidos foi fundamental para a concretização da construção do Parque e da pista de Canoagem. Referente a isso, podem ser citados alguns nomes dos envolvidos: Flávio Belotto, Fábio Fritz Haack, André Behs, Ludiero Michalski, Leonardo Selbach, Jorge Fernando Krummenauer, Leonardo Selbach, Márcio Tomazoni, Gustavo Selbach, Christian Krummenauer, entre outros.

Primeiramente, o Poder Municipal comprou de Edvino Ruppenthal e Arminda Edi Ruppenthal uma área de 64.269,46 m², quase sete hectares de terras. Ali se encontra a melhor corredeira, popularmente conhecida como a Corredeira do S. Em virtude da questão geográfica, do nível da água do rio e do posicionamento das pedras em forma de curva em S, com ondas de refluxo, é adequada para a execução de provas de Canoagem Slalom (o competidor, com auxílio do remo, desce corredeiras, passa por obstáculos naturais ou artificiais, no menor espaço de tempo, evitando sofrer penalidades). Também é própria para provas de descida que tem seu início no barramento abandonado da barragem das Laranjeiras, tendo 4 km de descida de rio e terminando no ponto de chegada da pista de canoagem Slalom, dentro do Parque Municipal das Laranjeiras.

Um ano após esta aquisição, em 1990, foi realizado o campeonato Pan Americano de Canoagem Slalom, na pista do Parque Municipal das Laranjeiras, consolidando a modalidade desportiva. Além disso, as corredeiras do rio proporcionavam treinamento para atletas. No ano de 1992, quatro atletas locais representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos, em Barcelona (Espanha), concretizando-se, assim, o reconhecimento nacional de Três Coroas enquanto Capital Brasileira de Canoagem em rios de corredeira.

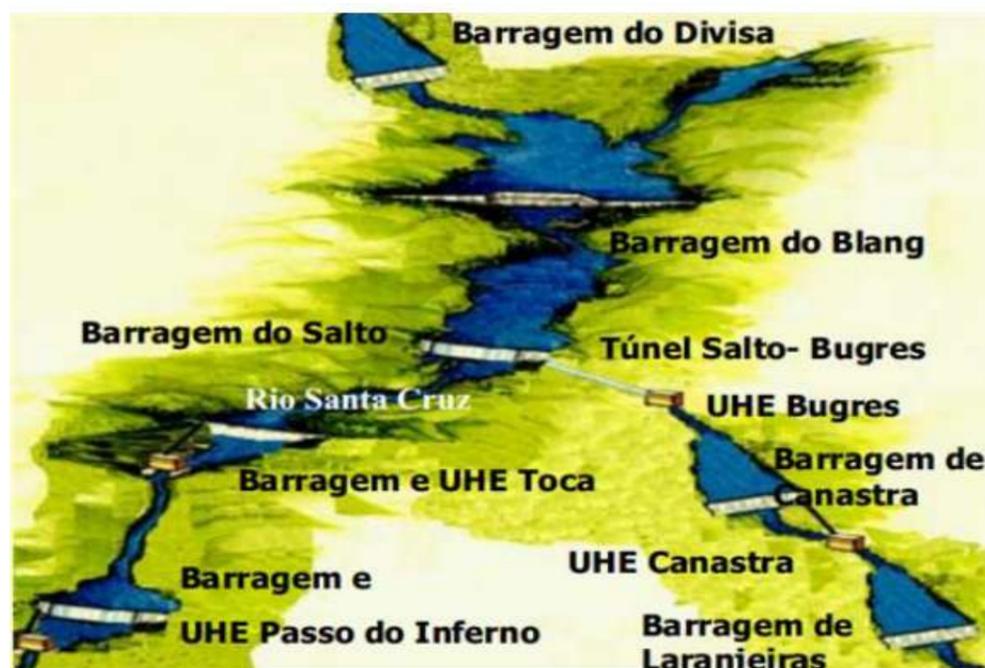
A segunda etapa de aquisição de área territorial do Parque Municipal das Laranjeiras ocorreu em 20 de dezembro de 1994, quando o municipal comprou uma área de 536.505,00 m² que pertencia a Alvício Port e a sua esposa, Erna Gilda Port, totalizando mais de 60 hectares. Isso ocorreu,



O maior evento do Município, é a realização do Festival Brasileiro de canoagem que acontece anualmente, atraindo milhares de pessoas que assistem o desempenho de canoístas do Brasil e Exterior, tornando este evento na confraternização da canoagem Brasileira.

Evento realizado no Camping da Pedreira, antes da criação do Parque da Laranjeiras (década de 1980).

Fonte: Acervo pessoal de Jorge Fernando Krummenauer.



Barragens do Sistema Salto.

Fonte: Assembleia Legislativa do RS (2019).



Barragem das Laranjeiras.

Fonte: Google Maps (2022).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



principalmente, por duas razões: 1ª - a possibilidade de Três Coroas tornar-se a Capital Mundial da Canoagem Slalom (Campeonato Mundial de Canoagem Slalom no ano de 1997); 2ª - o surgimento de outras modalidades esportivas de grande relevância, como provas de Mountain Bike da categoria Cross Country (atletas percorrem percursos com subidas e descidas, em trilhas e estradas de terra, em diferentes tipos de terreno e obstáculos naturais). Nesse local, passou a existir uma pista com obstáculos complexos que até então não havia em território nacional: dar um salto por cima da estrada geral da Linha Café.

No decorrer dos anos, houve uma ampliação de explorações econômicas ligadas à natureza e ao turismo de aventura, dando ênfase para o Rafting nas corredeiras do Rio Paranhana e outras atividades que contemplassem toda a exploração da área territorial do referido Parque. Além disso, os eventos, na década de 1990, proporcionaram uma aproximação da comunidade não somente ao esporte, mas a inúmeras atividades culturais que foram organizadas dentro do Parque Municipal das Laranjeiras.

Uma das especificidades do Parque é a Barragem das Laranjeiras que é de propriedade do Estado do RS e foi construída no final da década de 1950 e início da década de 1960. Atualmente, está sob gerência da Companhia Estadual de Geração e Transmissão de Energia Elétrica (CEEE-GT). Essa barragem faz parte do sistema do Salto que é composto por uma sequência de barramentos de unidades de geração e foi o último barramento a ser construído. No ano de 2021, foi realizada uma significativa manutenção na estrutura do barramento, por apresentar falhas de contenção de água, assim, evitando problemas e desastres ambientais. O controle das águas é feito diretamente a partir do sistema de geração na usina de Canastra (ver imagem), portanto, a Barragem das Laranjeiras não tem controle na evasão de água, por se tratar de uma obra que não foi finalizada. Isso demanda um constante acompanhamento do sistema de evasão e quem determina é o Estado/RS. Desde a década de 1980, os poderes estadual e municipal e a iniciativa privada atuam de forma conjunta no uso desse recurso para a prática esportiva ou turístico. É oportuno lembrar que, em virtude da complexidade exigida na técnica de treinos e provas de Canoagem, no ano de 1996 e 1997, fez-se o uso de baixar e levantar as comportas da barragem, armazenando na parte de traz e abrindo as comportas para ter um nível padrão de água, durante todo o período da competição.

De acordo com Cristian Krummenauer (2022), a criação do Parque Municipal das Laranjeiras proporcionou o desenvolvimento de uma modalidade esportiva em nível nacional e também a exploração turística em uma parceria público/privado em Três Coroas. Atualmente, outros empreendimentos estão sendo desenvolvidos no entorno do Parque. A experiência de atividades desenvolvidas no Rio Paranhana foi apresentada em eventos de âmbito nacional (RJ e SP) e internacional (Madri/Espanha). “O Rafting de Três Coroas foi um dos poucos produtos selecionados pelo público europeu como um produto de relevância”. A atividade, explorada por mais de 40 anos, continua tendo importância turística, econômica, social e cultural.

Atividades disponíveis no Parque das Laranjeiras



Canoagem



Rafting



Prática de rapel



Mountain bike categoria Cross Country



Tirolesa



Arvorismo

Fonte: Parque das Laranjeiras (2022).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Canoagem e Associação Trescoroense de Canoagem (Asteca)

Data do levantamento: dezembro de 2021

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Élen Waschburger

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

AMBIENTE. Dezembro de 2016. Disponível em:

www.ihu.unisinos.br/observatorios/vale/ambiente/por-uma-ecologia-humanitaria-e-nao-destrutiva. Acesso em: 6 dez 2021.

LEMOS, Andrea Cristina Conceição. **Análise Geológico-geomorfológica da bacia hidrográfica do rio Paranhana/RS para reconhecimento de ambientes vulneráveis**. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

SANTOS, Claudir dos. **No rio que corre ligeiro: a canoagem em Três Coroas**. Três Coroas: Editora JM2D, 2020.

SCHLEDER, Iran. Tradicional na Canoagem Slalom, Três Coroas recebe o Brasileiro da modalidade. 2010. Comunicação CBCa. Disponível em:

http://www.canoagem.org.br/imprensa/noticia/titulo/radicional_na_canoagem_slalom_tres_coroas_recebe_o_brasileiro_da_modalidade/paginas_id/166/noticias_id/1748#gsc.tab=0. Acesso em: 6 dez 2021.

Panorama, Taquara, 6 dez. 1991, p. 13

Panorama, Taquara, 15 dez. 1989, p. 13

Panorama, Taquara, 31 ago. 1988, ed. especial.

A canoa é o meio de transporte aquático mais antigo da humanidade. Acredita-se que, pelo menos, três milênios antes de Cristo, já fosse utilizada para prática de pesca e caça. Porém, como esporte, o histórico é mais recente. Registros históricos comprovam que a canoagem teve início, em 1840, na Escócia, através de John McGregor e sua inovadora canoa. Desde então, tem conquistado praticantes e o público em geral. Porém, a modalidade slalom, mais praticada na cidade Três Coroas, surgiu em 1932, tendo sua inspiração no ski. O esporte, entretanto, só foi contemplado pelos Jogos Olímpicos na edição de Munique - 1972. Para alguns estudiosos, esse esporte teve seu início tardio nos Jogos Olímpicos devido à Segunda Guerra Mundial.

No município:

O três-coroense Claudir dos Santos, autor do livro “No rio que corre ligeiro”, afirma que “brincar no rio era uma diversão de muitos trescoroenses naquelas temporadas de verão, em um tempo ainda distante dos smartphones. A chegada da canoagem chamou a atenção de todos. Alguns que não estavam entre os primeiros praticantes do esporte na cidade, mais tarde acabaram se aproximando dele” (SANTOS, 2020, p.13).

Em 1987, Flávio Belloto, primeiro presidente da Associação Trescoroense de Canoagem (ASTECA), apresentou a modalidade Slalom (o atleta rema por um percurso em corredeiras, definido por balizas, sem cometer penalidades e no menor tempo possível).

Ele conheceu essa modalidade durante uma viagem para Minas Gerais, na qual alguns dos praticantes se disponibilizaram para vir até Três Coroas e ensinar a quem tivesse interesse. Embora a modalidade Slalom seja a mais conhecida dos habitantes do Vale do Paranhana, antes dela, em 1985, ocorreu o 1º Festival de Canoagem, contemplando as modalidades descida e velocidade (Panorama, 31 ago. 1988, edição especial).



Primeiro local utilizado pela Asteca para guardar os barcos (década de 1980).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Belloto.



Primeiras competições de Canoagem em Três Coroas (década de 1980).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Belloto.



Asteca competindo no Rio de Janeiro (década de 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Flávio Belloto.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



No ano de 1987, ocorreu um Festival de Canoagem, no qual os atletas da equipe Asteca se saíram muito bem, dando início, então, à frequente prática do esporte no Rio Paranhana. Encontramos, em 1996, a primeira referência à participação feminina nas competições (Panorama, 19 set. 1996).

Entre os dias 25 a 29 de setembro de 1997, a cidade de Três Coroas foi sede do Mundial de Canoagem, do qual atletas do Brasil e de outros países participaram.

Os anos 90 foram de inteiro domínio dos atletas de Três Coroas, e nesta época a hegemonia dos canoístas gaúchos era quase absoluta. A realização de grandes eventos na cidade, como Campeonatos Sul-americanos e até o Mundial em 1997, colaborou muito para a disseminação da Canoagem Slalom em todo o Brasil”, lembrou João Tomasini Schwertner, presidente da Confederação Brasileira de Canoagem, que competiu no Campeonato Brasileiro de 1988 (SCHLEDER, 2010, s.p).

A Associação Trescoroense de Canoagem (ASTECA) foi fundada em 12 de março de 1986. Sua fundação surgiu com o intuito de obter auxílio do poder público municipal para que os atletas pudessem desenvolver a modalidade e, assim, participar de eventos esportivos em outras localidades. A partir da criação da Asteca, a canoagem passou a desenvolver-se e popularizar-se de forma mais intensa em Três Coroas. Foi criada uma escola de canoagem, para a inserção de novos atletas ao meio esportivo, aumentando o contingente de praticantes dessa modalidade no município, fator determinante para a fundação do Parque Municipal das Laranjeiras, local propício para a sua prática.

O Paranhana e a canoagem:

O rio Paranhana, como local de prática da canoagem, é ideal para a modalidade Slalom, devido à sua formação geográfica - pois possui um relevo ondulado e escarpado. Por estar localizado na encosta da serra, os índios que habitavam a região deram-lhe o nome de Paranhana, que significa “águas em movimento” ou “rio das corredeiras”.

Por isso, o rio Paranhana é ideal para a prática da canoagem, seja para diversão, seja para prática esportiva. Como o rio possui uma correnteza ideal para descidas de canoa, a modalidade Slalom adaptou-se rapidamente à estrutura do rio. A primeira pista de Canoagem Slalom foi no Camping da Pedreira, mas, atualmente, localiza-se no Parque Municipal das Laranjeiras, todos em torno do rio Paranhana. Na competição de 1987, houve mais de 10 mil pessoas participando do evento (Panorama, 31 ago. 1988, reportagem especial).

Canoagem leva o vale do Paranhana às Olimpíadas

Dois três-coroenses e um canoísta de Igrejinha ficaram com as três vagas brasileiras na modalidade de slalom durante a prova seletiva disputada no final de semana em Três Coroas.

As corredeiras do rio Paranhana, no Parque das Laranjeiras, em Três Coroas, foram o cenário perfeito para um emocionante desafio esportivo durante o feriado da Páscoa. Quatro canoístas filhos da terra e mais um igrejinense disputaram o direito de participar das Olimpíadas que serão disputadas na metade deste ano em Barcelona.

Ao cabo de três dias de provas, onde cada um pode fazer seis descidas no total, três dos cinco competidores estavam com sua passagem assegurada para a Espanha. São eles os irmãos Gustavo e Leonardo Selbach, ambos de Três Coroas, e mais o igrejinense Marlon Grings. Os desclassificados foram Márcio Tomazzoni e Roger Eckhard.

A pista de slalom do rio Paranhana foi especialmente preparada para este evento. São 400 metros de uma violenta corredeira, permeada de 25 obstáculos (balizas), que precisaram ser vencidas pelos canoístas. Como é praxe nesta modalidade da canoagem, o vencedor é aquele que comple-



Canoístas tiveram que mostrar muita técnica para vencer a corredeira do rio

ta o percurso no menor tempo possível e consegue passar pelo maior número de balizas sem encostar em nenhuma delas.

A prova seletiva para as Olimpíadas esteve centrada em duas frentes. Gustavo Selbach, Márcio Tomazzoni e Marlon Grings disputaram duas vagas na modalidade C1, onde a descida é feita com caiaque. Já Leonardo Selbach e Roger Eckhard competiram pela única vaga na modalidade K1, disputada com canoa.

Na primeira, o igrejinense Marlon Grings praticamente assegurou a sua ida a Barcelo-

na já nos dois primeiros dias, quando marcou os melhores tempos. Na segunda-feira, bastou-lhe o segundo lugar, com o tempo de 2min29seg99, para confirmar a vaga.

Já Gustavo Selbach, conhecido como o canoísta três-coroense com maior número de vitórias, teve que se contentar com dois segundos lugares nos dois primeiros dias, mas tirou a diferença na segunda-feira, quando marcou o melhor tempo de toda seletiva: 2min23seg87.

Márcio Tomazzoni, o outro concorrente pela K1, jamais conseguiu ameaçar a classificação de seus companheiros e

perdeu preciosos segundos ao ser derrubado pela corredeira e bater contra as balizas.

A emoção maior, entretanto, estava reservada para a modalidade K1, onde Leonardo e Roger vieram empatados até o último dia, somando uma vitória cada um. Segunda-feira, na primeira descida, Roger saiu-se melhor e por pouco não ficou com a vaga. Mas Leonardo recuperou-se e, demonstrando maior tranquilidade do que o seu oponente, conseguiu ser sete segundos mais veloz do que este, o que lhe deu o direito de ser o terceiro representante do vale do Paranhana em Barcelona.

Três-coroenses conquistam vagas para as Olimpíadas.

Fonte: Panorama, Taquara, 24 abr. 1992, p. 5.

Copa Conesul de Canoagem
 Dias: 5, 6 e 7 / Setembro / 92
 TRÊS COROAS — RS

PROGRAMA

SABADO:
 9 h 30 min - DESFILE DE ABERTURA - Prç. Afonso Saul
 14 h - PROVA DESCIDA
 19 h - Premiação Descida
 22 h - Show TITãs e Festa Vão do Morcego (Ginásio Municipal de Esportes)

DOMINGO: - Camping das Laranjeiras
 10 h - PROVAS DE SLALOM INDIVIDUAIS
 15 h - Premiação
 15 h 30 min - Show Banda ALTHAR
 16 h 30 min - Show BANDALHERA
 22 h - KEKE KARAOKÊ

SEGUNDA: - Camping das Laranjeiras
 10 h - PROVAS DE SLALOM EQUIPES
 14 h - Show de AEROBICA (Equipe Campeã Brasileira)
 15 h - Premiação e Encerramento

Promção: PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS
 ASTECA - Associação Trescoroense de Canoagem
 - Preserve nossos Rios -

OBS: O Camping das Laranjeiras, em meio à Natureza, é dotado de Infra-Estrutura para você acampar.

Apoio: CALÇADOS BELIZE LTDA. - Fábrica de Calçados

Cartaz da Copa Conesul de Canoagem (1992).

Fonte: Acervo pessoal de Anderson Rossa.

Semana que vem tem Mundial de Canoagem em Três Coroas

Inicia nesta segunda-feira, dia 23 de setembro, a última etapa da Copa do Mundo de Canoagem Slalom, em Três Coroas. A competição contará com a participação de 18 países, são eles: Espanha, Holanda, França, Eslovênia, Itália, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Irlanda, Suíça, Canadá, Japão, República Eslováquia, Chile, Panamá,



Corredeiras do Paranhana sediam mais um evento importante

República Tcheca e Áustria. A solenidade de abertura será na próxima quinta-feira, na Praça Central da cidade, a partir das 20 horas, onde haverá também o show da Workstation Band. No sábado à noite, dia 28, os Paralamas do Sucesso estarão se apresentando no Ginásio de Esportes. O final do evento será no domingo, dia 29, e terá show com Lucille Band.

Divulgação sobre competição mundial de canoagem.

Fonte: Panorama, Taquara, 19 set. 1996, p. 18.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Antigo Tiro de Guerra
Endereço: Rua Mundo Novo, n. 130
Meio: Urbano
Acesso: Asfalto e calçamento em bloqueto

Data da construção: 1920
Proprietários: 1º Tiro de Guerra n. 649;
2º Poder Executivo Municipal de Três Coroas.
Uso atual (2022): Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Três Coroas.

Data do levantamento: dezembro de 2021
Pesquisadores: Camila Brum
Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:
ACKER, Celso Henrique. **Serviço Militar e Nacionalidade:** Os Tiros de Guerra no Rio Grande do Sul - O Tiro de Guerra 337 de Ijuí (1917-1944). Dissertação, PUC-RS, 1996.
Decreto Municipal n. 192, de 20 de outubro de 1971.
KRIESER, Elmer Walter. Três Coroas: Rainha do Paranhana. **Revista Panorama**, Taquara, 1982.
Depoimentos:
Alexandre Behs concedido à Camila Brum, em dezembro de 2021.

Histórico:

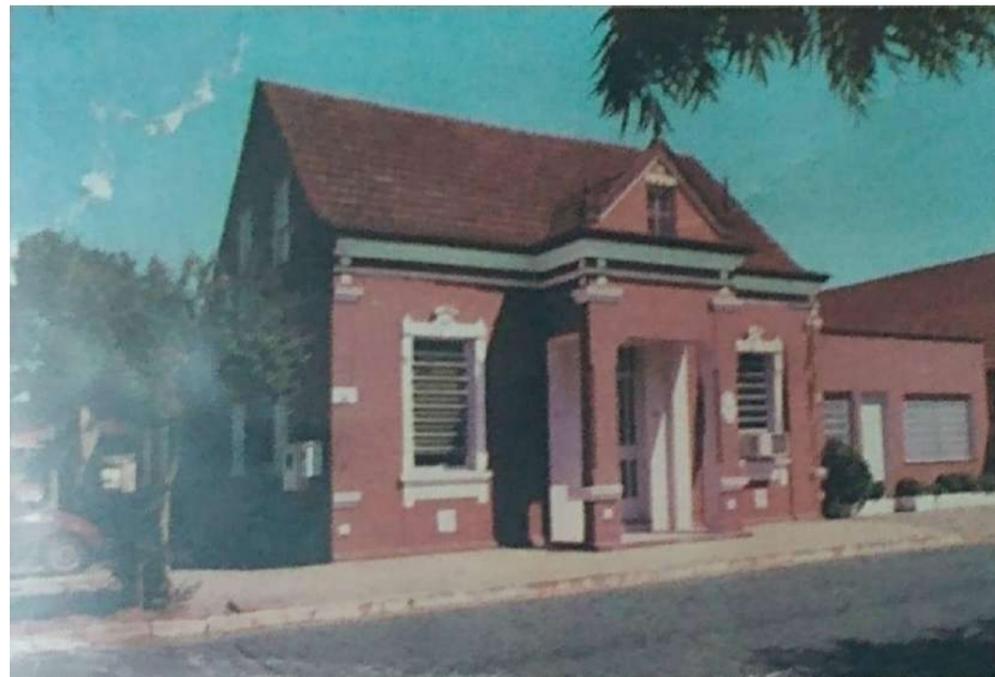
Inicialmente, o prédio onde hoje está instalada a Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Três Coroas era o antigo Tiro de Guerra. Mas em que consistiam os Tiros de Guerra? Foram espaços criados, no interior dos estados, para que jovens de cada região fizessem o serviço militar obrigatório, que passou a ser efetivado em 1916. No período em que, no Brasil, estavam estruturando o serviço militar, os Tiros de Guerra foram a forma encontrada para iniciar esse processo no interior dos estados. Em diversas áreas distantes dos centros urbanos ou de unidades militares, foram criados os Tiros de Guerra. Nessa época, Três Coroas pertencia ao município de Taquara que, desde 1916, tinha o Tiro de Guerra nº 221 (ACKER, 1996). Aos poucos, surgiram mais Tiros de Guerra e, em 1920, foi instalado, na área do atual município de Três Coroas, o Tiro de Guerra nº 649. Sua criação fez parte de todo um processo para aproximar o serviço militar obrigatório dos moradores, principalmente, pelas dificuldades de transporte (distância). Ele também foi considerado de grande valor pela sociedade, pois tinha como intuito o ensino do civismo e patriotismo, bem como o manejo de armas. A comunidade três-coroense construiu uma sede para o Tiro de Guerra e a entregou para as autoridades militares; percebe-se nesse ato a importância atribuída a essas atividades.

O Tiro de Guerra era caracterizado como uma sociedade, pois todos que participavam tornavam-se sócios; pagava-se uma anuidade com o objetivo de trazer os militares e esses faziam as formações na localidade. Esse gasto era bem mais acessível do que o jovem ir para as unidades militares durante um ano, pois, normalmente, teria que passar todo o período lá; logo, sua mão de obra na lavoura ou em outras atividades seria sentida, então, pagar a mensalidade era bem mais lucrativo. Ao lado, segue a foto de uma das propostas de associação mais antiga a que se teve acesso. Pelo documento, esta é a proposta 189, do jovem Carlos Müller, com 20 anos, feita em julho de 1920, no primeiro ano de funcionamento.

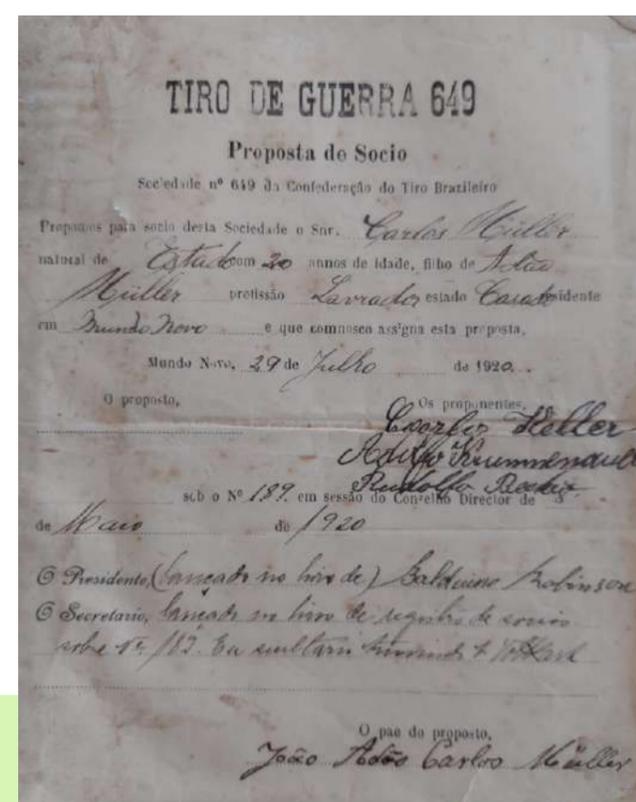
Nem todos os que propunham eram aceitos; tanto que na foto da primeira turma de 1921, temos 70 participantes e um instrutor, que está



Antigo Tiro de Guerra, primeira instituição a utilizar o prédio (meados dos anos 20).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



Fachada atual do prédio onde está localizada a Secretaria de Educação (2021).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



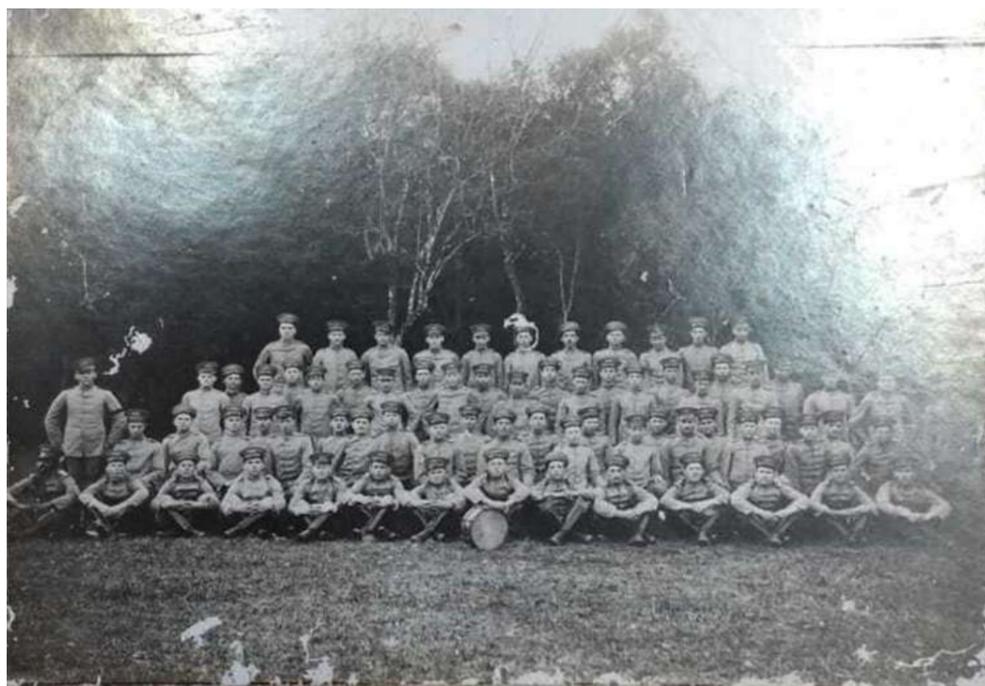
INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



um pouco afastado dos demais. Isso ocorreu, principalmente, pela grande procura para prestar o serviço militar próximo de casa.

Um dos fundadores do Tiro de Guerra, na cidade de Três Coroas, foi Eduardo Willrich, sendo presidente da entidade por muitos anos. Esse cidadão, durante a Revolução Federalista, por ser muito respeitado por todos, incluindo os Maragatos e os Pica-Paus, possibilitou que a cidade não sofresse tantas consequências e danos devido às batalhas (Segundo documento de alteração da nomenclatura das ruas do município, feito por Armino Lauffer, em 1970, e utilizado pelo secretário municipal na Lei Municipal, nº 192 de 20/10/1971).

O Tiro de Guerra esteve presente em Três Coroas de 1920 até 1938, depois disso, só se manteve o Tiro de Guerra da sede do município, na época, Taquara. Em 1938, a última turma de atiradores que foi formada na cidade de Três Coroas teve um número menor de participantes, foram apenas trinta; provavelmente, esse número não permitia o pagamento de militares para a cidade. A partir de então, o prédio foi destinado à administração do distrito e, depois, da cidade. Há mais dados sobre o prédio, nos anos seguintes, em outra ficha.



*Grupo de atiradores - Tiro de Guerra (1921).
Fonte: Acervo histórico do Museu Armino Lauffer.*



*Grupo de atiradores, Tiro de Guerra (1932).
Fonte: Acervo histórico do Museu Armino Lauffer.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Cine Icarai
Endereço: Rua 12 de Maio, n. 165
Meio: Urbano
Acesso: Via pavimentada com asfalto e calçamento da Rua Coberta

Data da construção: 1961
Proprietários: 1º Ivo Volkart e sócios
2º Lauri Ott.
Uso atual (2022): Salas comerciais

Data do levantamento: dezembro de 2021 e janeiro de 2022

Pesquisadores: Camila Brum
Elaine Smaniotto
Richard Bohrer de Souza

Fonte:
MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes II: Três Coroas.** Serafina Corrêa, RS: Gráfica Serafinense, 2008.

Depoimentos:
Lauri Ott e Juliano Volkart concedidos à Camila Brum em janeiro de 2022.

Histórico:

O edifício de alvenaria, atualmente conhecido como Lojas Lebes, tem um grande valor histórico e cultural para o município de Três Coroas, pois, ali era a sede do primeiro cinema da cidade, o Cine Icarai. Construído em 1961, tendo sido inaugurado, em 10 de setembro de 1962, o cinema teve como primeira exibição, o filme alemão “Zwei Blaue Augen” que, traduzido para o português, significa “Dois olhos azuis”. Além de filmes, outros eventos ocorriam no local, tais como, palestras, solenidades que envolviam a Secretaria Municipal de Educação, festivais de teatros, entre outras atividades culturais. Até 1973, o Cine Icarai era dirigido por Ivo Volkart e seus sócios. De 1973 a 1979, o prédio foi alugado para Waldemar A. Dreher que estabeleceu uma lancheria no hall de entrada. De 1979 a 1985, o prédio foi locado para A. M. de Oliveira & Filho Cia Ltda, que era a mesma empresa responsável pelo cinema de Taquara. Até os anos 1980, o cinema sobreviveu, fazendo frente à televisão e ao vídeo cassete. De 1985 a 2000, o pavimento térreo ficou praticamente fechado, sendo, eventualmente, emprestado para a promoção de eventos realizados, principalmente, pela Secretaria Municipal de Educação. Além disso, duas salas do segundo pavimento eram locadas para um consultório odontológico e para um escritório de contabilidade. Em 2001, o edifício foi comprado por Lauri Ott, sendo, então, alugado para a empresa Drebes & Cia - Lojas Lebes - que permanece no imóvel atualmente.

Descrição:

O prédio conta com 570 m² de construção. Contém dezoito janelas, sendo oito na fachada e dez na lateral. Duas portas, uma na frente e outra na lateral. O edifício possui dois pavimentos: no térreo estão localizadas as Lojas Lebes e uma lancheria, fazendo esquina com o calçamento da Rua Coberta e a Rua 12 de Maio. No segundo pavimento, há 12 salas comerciais.



*Primeira fachada do prédio onde era o Cine Icarai (década de 1960).
Fonte: Acervo pessoal de Lorena P. Deecken (Facebook: Eu vejo Três Coroas)*



Fachada atual do prédio onde havia o Cine Icarai, atualmente, utilizado pela Loja Lebes (2021).

Fonte: Acervo pessoal de Richard Bohrer de Souza.



Na foto Sr. Ermani Petry, um dos sócios, Paulo Krummenauer e o baleiro do cinema, Affonso Muller (década de 1960).

Fonte: Acervo pessoal de Lorena P. Deecken (Facebook: Eu vejo Três Coroas).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Filme - Dois Olhos Azuis (Zwei blaue Augen / Two Blue Eyes) (1955).
Fonte: InterFilmes.com



Foto do Cine Icaraí, durante a apresentação da peça teatral "O Elefantinho que caiu do rabo do cometa", assistida por um bom público infantil (1987).
Fonte: Acervo da Secretaria Municipal de Educação e Desporto.



Sessão no Cine Icaraí, nos anos de 1970.
Fonte: Acervo pessoal de Lorena P. Deecken (Facebook: Eu vejo Três Coroas)



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Cinebox Videolocadora

Período: de 1994 a 2021

Data do levantamento: dezembro de 2021

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Andrea Helena Petry Rahmeier

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fontes:

PEREIRA, Ivanildo. **A era das videolocadoras:** muito além da nostalgia.

Disponível em: <https://www.cineset.com.br/a-era-das-videolocadoras-muito-alem-da-nostalgia/>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SILVEIRA, Evanildo da. **Como sobrevivem as últimas videolocadoras de São Paulo na era do streaming.** Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51494540>. Acesso em: 08 dez. 2021.

SPINI, Ana Paula. O cinema na pesquisa e no ensino da História: dos dilemas às possibilidades. In: LEHMKUHL, Luciene; PARANHOS, Kátia Rodrigues; PARANHOS, Adalberto (orgs.). **História e imagens:** textos visuais e práticas de leituras. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 165-188.

Depoimentos:

Vinício Omar Petry concedido à Richard Bohrer de Souza, em dezembro de 2021.

Histórico das videolocadoras no Brasil:

O registro da primeira videolocadora, em solo brasileiro, data do final da década de 1970. Em São Paulo/SP, porta de entrada para o segmento no Brasil, sabe-se que houve mais de 4 mil desses estabelecimentos, ao longo do tempo, que vão desde o surgimento da primeira, nos anos 1970, até os anos 2010.

A popularidade das videolocadoras, no Brasil, passou a se intensificar, a partir da metade dos anos 1980, consolidando, assim, a importância desses estabelecimentos. Com o fortalecimento e o consequente aumento das videolocadoras, surgiu uma popularização do cinema, fomentada pela disseminação desse segmento no país. Elas promoveram, assim, uma inserção de diferentes camadas sociais ao acesso à sétima arte. O cinema, segundo Metz apud Spini (2010), por possuir discurso imagético formado pela sequência das imagens, pode ser considerado arte, possuindo uma linguagem própria. As artes, na sequência, são arquitetura, escultura, pintura, gravura, música, coreografia e, por fim, o cinema.

Histórico na cidade:

A Cinebox videolocadora teve grande influência cultural no município de Três Coroas/RS. Em 1994, Vinício Omar Petry e seu pai, Omar Jair Petry, adquiriram um acervo de vídeos e abriram a Star Vídeo. Em 1998, o nome foi alterado para Cinebox videolocadora.

O estabelecimento exerceu uma importância significativa em relação aos eventos culturais que ocorriam na cidade, principalmente entre 1994 e anos 2000, patrocinando espetáculos culturais do município, como shows e festivais, como também incentivando a propagação artística da cidade, auxiliando na divulgação e venda de ingressos de diferentes eventos artísticos e culturais que ocorreram no município durante o período de seu funcionamento.

O espaço contava com um acervo que passou a marca dos 26 mil títulos. A Cinebox possibilitou o acesso a filmes, para mais de 15 mil três-



Fachada da Cinebox (2010).

Fonte: Acervo pessoal de Vinício Omar Petry.



Ambiente interno e parte do acervo da Cinebox (Anos 2000).

Fonte: Acervo pessoal de Vinício Omar Petry.



Ambiente interno da Cinebox (Anos 2010).

Fonte: Acervo pessoal de Vinício Omar Petry.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



coroenses de diferentes camadas sociais que integraram o quadro de clientes cadastrados no estabelecimento.

A relevância desse local vai muito além, pois, a partir de 1994, tornou-se ponto de encontro para a parcela populacional que via na cultura e nas correntes artísticas, formas de inspiração para o desenvolvimento próprio. E assim, a atmosfera cultural, proporcionada pelo ambiente criado pela Cinebox e seus idealizadores, trouxe aos cidadãos de Três Coroas um espaço de refúgio cultural, onde a música era trilha sonora durante o dia todo; as ideias fluíam de forma leve, através das trocas de experiências que ali eram possíveis pelo fato de atrair pessoas que buscavam um local não comum: intelectualizado e propagador das artes e suas diferentes manifestações.

Em 2007, foi construído um prédio específico para aluguel de vídeos, na rua Mundo Novo, 160. Todavia, no ano de 2021, a empresa encerrou as atividades no modelo de videolocadora e trocou de endereço. Entretanto, o estabelecimento segue no ramo cultural e, atualmente, denomina-se Cinebox Cult Store. Nesta nova fase, a empresa configura-se como livraria, revistaria e na venda de artigos cult e geek, além de possuir outros serviços. O intuito de promover e desenvolver a cultura em Três Coroa ainda é uma marca registrada do estabelecimento que, por um lado, não possui mais o acervo de filmes e a influência sobre esse segmento, fator que caracterizou a Cinebox nas décadas passadas; por outro lado, o ambiente e sua nova configuração garantem à sociedade um espaço propício para a interação intelectual, cultural e artística de pessoas que buscam um refúgio de conhecimento, em meio aos eventos cotidianos que regram a humanidade.



Interior e diversidade existente na Cinebox (Anos 2010).
Fonte: Acervo pessoal de Vinício Omar Petry.



Parte do acervo da Cinebox (Anos 2010).
Fonte: Acervo pessoal de Vinício Omar Petry.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Paiol

Endereço: Av. João Manuel Corrêa, n. 464, Sander

Meio: Urbano

Acesso: Via pavimentada com asfalto

Data da construção: década de 1960

Proprietários: 1º Mircon Osmar Lauffer (1960-2013);

2º Clarise Elisa Moeller (2013 até o presente).

Data do levantamento: abril de 2022

Pesquisadores: Bruno Felipe Trein

Elaine Smaniotto

Fonte:

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda. (orgs.)

Ensino da História e Memória Coletiva. Tradução de Valério Campos.

Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. **Nossas raízes I.** Três Coroas, RS: Gráficas Sohne, 2001.

Depoimentos:

Clarise Elisa Moeller concedido à Bruno Felipe Trein, em abril de 2022.

Histórico:

O Paiol foi construído, entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, para servir como local de armazenamento de ferramentas agrícolas e criação de animais bovinos, suínos e aves. O excedente do leite era comercializado na cidade de Três Coroas. Os primeiros proprietários do Paiol foram Mircon Osmar Lauffer e Adelina Semilda Lauffer. No entorno dessa propriedade, eram cultivados produtos agrícolas como milho, feijão, arroz, batata, mandioca e hortaliças (pepino, rabanete, repolho, alho, cebola) para o consumo próprio. Bananas, alfafa e limão eram plantados, em grande quantidade, para serem comercializados. Por mais de cinco décadas, essas atividades foram mantidas na propriedade.

Durante vários anos, o Paiol também armazenou objetos que faziam parte do cotidiano de gerações anteriores e eram coletados por Armino Lauffer.

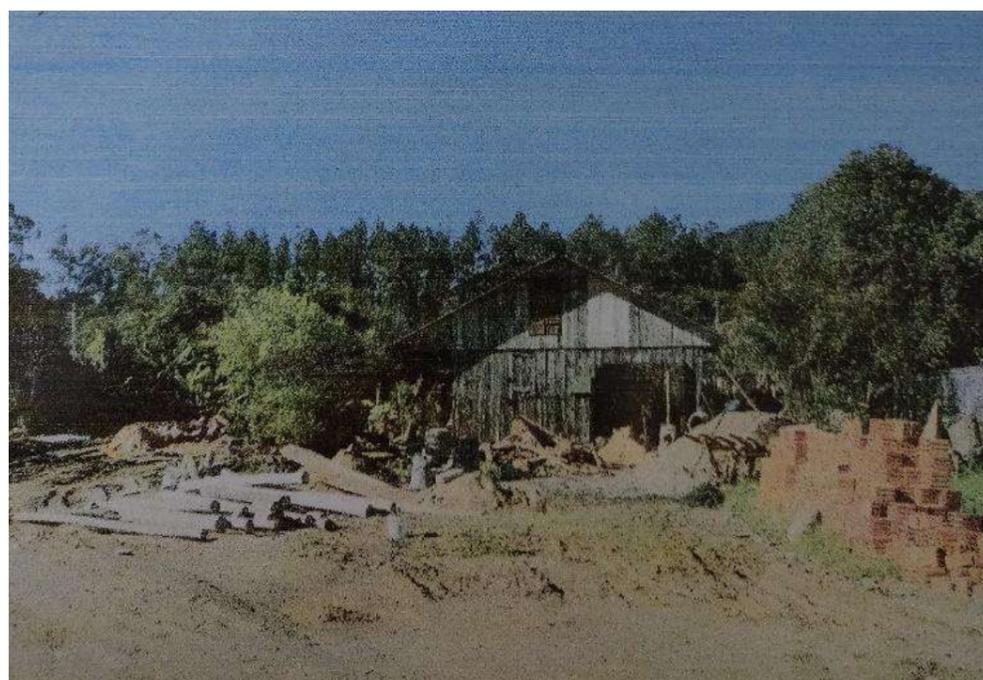
Em 2011, com a morte de Adelina S. Lauffer, o Paiol teve suas atividades encerradas. Depois do falecimento de Mircon O. Lauffer, em 2013, a única filha do casal, Clarise Elisa Moeller, reformou o antigo Paiol, para resguardar os objetos da família e uma série de outros elementos culturais, com o objetivo de preservar histórias e memórias de antigos moradores de Três Coroas.

A partir de 2014, iniciou a reforma do Paiol, sendo totalmente revitalizado, possibilitando, assim, receber visitas de estudantes das redes municipal, estadual e particular de ensino. O material exposto no Paiol, assim como a organização do espaço e a narrativa que rememora vivências são orquestrados por Clarise E. Moeller, proprietária do local e uma das pessoas que mais fomenta essa preservação. Dessa maneira, os objetos, tendo deixado sua função útil para a qual foram produzidos, transformam-se em documentos históricos e em memória coletiva.



Fachada do Paiol (2022).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



O Paiol antes da reforma (2013).

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



Visitação e objetos disponíveis.

Fonte: Acervo pessoal de Clarise Elisa Moeller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Fotógrafos - Metzger - Felipetti

Proprietários: 1º Alfredo Metzger;
2º Delcio e Zilda Felipetti.

Data do levantamento: janeiro, fevereiro e maio de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular:** história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

COSTA, Maria. **Diga X:** uma breve história da fotografia. Universidade Tuiuti do Paraná. Paraná, 2018. Disponível em:

<https://www.tuiuti.edu.br/blog-tuiuti/diga-x-uma-breve-historia-da-fotografia>.

Acesso em: 20 jan. 2022.

PREFEITURA DE TRÊS COROAS. **62 anos de emancipação política.**

Disponível em: <https://www.trescoroas.rs.gov.br/>. Acesso em: 28 maio 2022.

Depoimentos:

Nelci Sueli Blumm, Delcio Felipetti, Zilda Felipetti e Clarise Elisa Moeller concedidos à Camila Brum, em janeiro e fevereiro de 2022.

Histórico:

Para alguns, a fotografia é algo irrelevante, apenas um papel brilhante com imagens e registros de algumas fases de suas vidas. Para outros, um objeto que pode se tornar uma fonte que conta histórias ou até mesmo um meio de “ganha-pão”. O fato é que a fotografia, desenvolvida no século XIX, vai além da técnica de captação e/ou registro de uma imagem; é um recurso muito utilizado por historiadores e pesquisadores, tendo uma atribuição fundamental, inclusive, para a inventariação de patrimônios culturais de Três Coroas, pois é, através dela, que conseguimos comparar aspectos ainda presentes nas estruturas desses prédios e também observar possíveis alterações que ocorreram no decorrer do tempo. É importante destacar todo o valor sociocultural atribuído a esses pedacinhos de papéis, pois é possível analisar costumes, culturas, modificações e cálculos (sim, cálculos, afinal, conseguimos datar, mesmo que por aproximação, de quando foram fotografados).

Acredita-se que o primeiro estúdio fotográfico pertenceu a Alfredo Metzger. Ele foi um dos primeiros moradores de Sander e construtor de uma das casas mais antigas, onde estaria localizado o primeiro estúdio fotográfico do município. Segundo Nelci Suelli Blumm, Alfredo Metzger, tio de seu esposo e também fotógrafo da família, mantinha em sua casa um pequeno estúdio onde realizava fotografias - identidades - dos moradores do bairro.

Todavia, foi com Delcio Felipetti que o ato de fotografar foi popularizado. O que une esses dois personagens? A câmera em estilo lambe-lambe que pertenceu a Alfredo Metzger foi, posteriormente, comprada por Delcio, no início de sua carreira como fotógrafo.

Delcio Felipetti, que chegou em Três Coroas com 8 anos, pontua que iniciou sua carreira na fotografia atendendo a domicílio, ou seja, ia de casa em casa para tirar retratos de família, crianças, aniversários, entre outros. Passados alguns anos, montou seu estúdio fotográfico, ficando conhecido como Fotos Kodak, mas, segundo Zilda, eram utilizados apenas os materiais dessa marca, o estúdio não era uma filial. Atualmente, há no município, vários amantes da fotografia, alguns profissionais, outros amadores, mas o que importa é que ela foi e é um marco cultural importante para a história de Três Coroas. Delcio informou que “todos os eventos que aconteciam na cidade, a gente sempre teve o privilégio de



*Mudanças urbanas registradas por meio de fotografias.
Fonte: Prefeitura de Três Coroas (2021).*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



fotografar [...] A gente fez dois ou três voos com um “teco teco”, como se diz, e tiramos fotografias aéreas. Hoje é possível ver que de lá para cá mudou muito o centro de Três Coroas, os bairros cresceram” (PREFEITURA DE TRÊS COROAS, 2021).

O município de Três Coroas é bastante “fotográfico”, desde suas belas paisagens à cultura de registrar a gravidez, ou, até mesmo, fazer o acompanhamento mensal de um bebê. A fotógrafa Zilda Felipetti conta que foi a pioneira, na cidade de Três Coroas, ao fotografar sua gestação. Ela relembra, com sorriso no rosto: “Não se fazia isso por aqui, fui eu quem começou e virou moda”. Depois disso, relata ela, muitas gestantes foram procurá-los para fazer registros fotográficos das gestações. Essa cultura permanece, afinal, não é raro entrarmos nas redes sociais e vemos fotos de gestantes nas publicações de empresas fotográficas.



Delcio Felipetti e Zilda Felipetti, fotógrafos e proprietários do Estúdio Foto e Bazar Felipetti (2021).
Fonte: Prefeitura de Três Coroas.



Câmera estilo lambe-lambe, pertencente a Alfredo Metzger e posteriormente comprada por Delcio Felipetti. Essa câmera foi utilizada por Felipetti no início da sua carreira como fotógrafo.

Fonte: Acervo pessoal de Delcio e Zilda Felipetti.



Fachada do prédio Foto e Bazar Felipetti, Rua Pedro Lauffer, nº 15 (meados dos anos 2000).

Fonte: Acervo pessoal de Delcio e Zilda Felipetti.

FOTO FELIPETTI
Délcio Felipetti

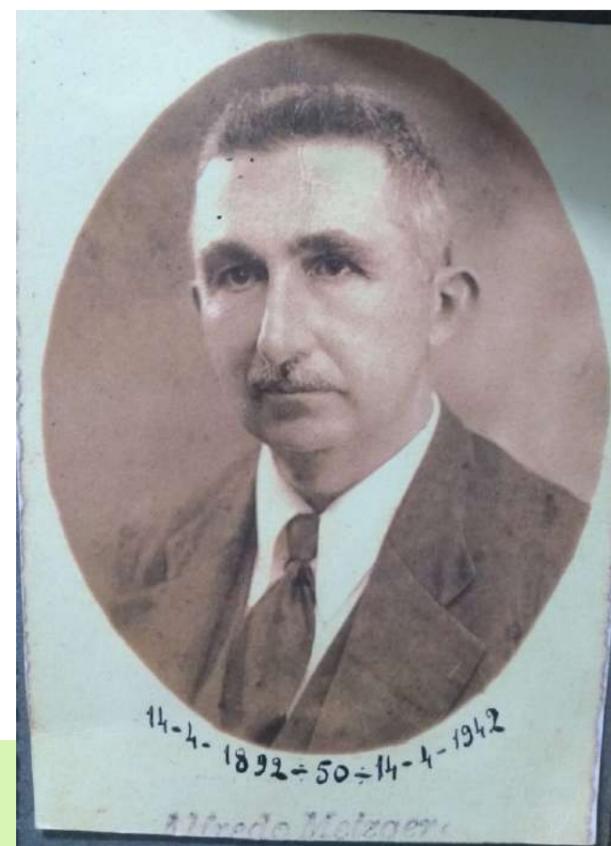


Revela os momentos felizes da comunidade trescoroense.

Rua Carlos Gomes, 347
Fone: 646-1312

Foto do prédio da atual Foto e Bazar Felipetti, situado na rua Carlos Gomes, nº 347. Essa foto era um cartaz de publicação utilizado na época (meados dos anos 1960).

Fonte: Acervo pessoal de Delcio e Zilda Felipetti.



Alfredo Metzger (1942).
Fonte: Acervo pessoal de Nelci Suelli Blumm.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Cena Rock N'Roll
Período: Década de 1980 e 1990

Data do levantamento: junho de 2021 a abril de 2022

Pesquisadores: Richard Bohrer de Souza

Elaine Smaniotto

Élen Waschburger

Andrea Helena Petry Rahmeier

Fonte:

FRIEDLANDER, Paul. **Rock and Roll: uma História social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Panorama, Taquara, 06 dez. 1991, p. 13.

Panorama, Taquara, 15 dez. 1989, p. 13.

SANTOS, Cladir dos. **No rio que corre ligeiro: a canoagem em Três Coroas**. Três Coroas: Editora JM2D, 2020.

SOUZA, Richard Bohrer de. **A trajetória do Rock N'Roll e sua influência sociocultural em Três Coroas durante as décadas de 1980 e 1990**.

2021. Monografia (Graduação em História) - Faculdades Integradas de Taquara, Taquara, 2021.

Depoimentos:

Anderson Alex Rossa e Vinício Omar Petry, concedidos à Richard Bohrer de Souza, em junho de 2021.

Histórico:

O Rock N'Roll no mundo teve um início humilde. O estilo musical denominado Rock N'Roll, popularizado em todo o planeta, originou-se da mistura entre Blues, - estilo musical de origem afrodescendente, onde os negros empobrecidos, nos Estados Unidos dos anos 1920, apropriavam-se da música para descrever o estilo de vida difícil - e do Country, gênero musical que também possui raízes humildes, entretanto, tendo como adeptos, brancos ruralistas pobres do mesmo período da História estadunidense.

Dessa fusão surge o Rock e, nas vozes e interpretações de Bill Haley & His Comets, Elvis Presley, The Beatles, Jimi Hendrix, Chuck Berry, entre outros grandes nomes do estilo, o Rock N'Roll ganhou o mundo.

Esse estilo de música já era um fenômeno mundial consolidado quando esse movimento artístico e cultural passa a exercer maior influência sobre a cultura e a sociedade trescoreense. Em meados da primeira metade da década de 1980, o estilo incentiva as pessoas a se inserir nessa corrente artística. Aproximadamente entre 1983 e 1984, formou-se a primeira banda de Rock N'Roll na cidade, A Serafins Proscritos, que, em um primeiro momento, chamou-se Anjos das Trevas. Essa banda desenvolveu e fortaleceu o Rock N'Roll na cidade de Três Coroas.

Aos poucos, a cena cultural local ligada ao Rock vai crescendo e ganhando força. Conforme materiais de bandas mundialmente conhecidas vão influenciando as camadas jovens do município, mais o gosto pelo estilo vai crescendo entre essa parcela da sociedade, o que vai sendo determinante para o desenvolvimento de novos grupos de Rock N'Roll. Nesse contexto, surgiram novas bandas na cidade, como a Althar, a Inkisitor, A Atrophia, a Çalhere, A Mariachi e Los Cucarachos, a Odd Type, a Electric Motor Soul e muitas outras. Estabelecimentos comerciais (bares) ligados a essa tendência também vão surgindo, fornecendo, assim, uma rede de auxílio entre cultura, arte e economia.

Em seu processo de desenvolvimento e popularização, o Rock N'Roll contou com um aliado para consolidar sua propagação em meio à sociedade trescoreense: a Canoagem. A "parceria" entre esporte e música foi fundamental para a ascensão de ambas as correntes no município. O Rock aproveitou-se da popularidade da Canoagem, em Três Coroas, principalmente no fim da década de 1980 e na seguinte, e, com isso, a modalidade esportiva também se favoreceu, através de festivais



Show da Çalhere em um bar local (década de 1990).

Fonte: Acervo pessoal de Alessandro Marques.



Banda Serafins Proscritos (década de 1980).

Fonte: Acervo pessoal de Régis Vitorazzi.

TRÊS COROAS - 37 ANOS PARTICIPE DESTA FESTA!!

SHOWS

- * **BLACK MASTER E BANDA ÇALHERE** neste sábado às 22 h na Av. João Correa, em frente ao Welcome Bar.
- * **Domingo GRUPO SABOR DE MEL** e brincadeiras com palhaços, bonecos e outros personagens do grupo FIRULIN. Na praça Afonso Saul às 15 h.

NÃO PERCA TAMBÉM!

IV Festival de Músicos Amadores ECOS VERDES - Final com premiação dos vencedores. Hoje, 10/05 às 20h no Centro Municipal de Cultura.

Torneio de Vôlei de Duplas e Futvôlei Sábado, 11/05/96 às 9h na Praça Francisco Leal.

Ciclismo Velocidade: Concentração e inscrições em frente ao Centro Municipal de Cultura. Local das Provas: Rua Luiz Volkart, Av. João Correa, Rua Felipe Bender e Rua Júlio A. Dreher. Domingo às 8h.

PROGRAMAÇÃO:

Hoje, 10/05
9h - Encontro Regional de Escotismo, no Parque das Laranjeiras

Sábado, 11/05
9:30h - Inauguração do estádio de Linha Café e obras de iluminação da ponte "Pedro T. Brocker" - em Linha Café.

10h - Inauguração das obras de: Canalização, calçamento, poço artesiano, sala de aula e sala de computação da Escola Municipal de Vila Dreher.

11h - Inauguração do setor de computadores da Escola Municipal Fernando Ferrari.

12h - Almoço de confraternização do Esporte Clube Mundo Novo, com sorteio de veículos entre os participantes, no CTG Quênia do Mundo Novo.

13h - Torneio Municipal de Bola Masculina, na cancha de Alano Brocker.

13h - Torneio Municipal de Bola Feminina, na Soc. 12 de Janeiro.

15h - Juramento à Bandeira Nacional, na praça Afonso Saul, em caso de chuva no Ginásio Municipal de Esportes.

Domingo, 12/05
9h - Continuação dos torneios esportivos na praça Francisco Leal.

15h - Festa de encerramento com a apresentação de programa da Equipe da Rádio Amizade com várias atrações e sorteio de brindes.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TRÊS COROAS.

Divulgação da festa de aniversário de 37 anos do município. Destaque para a apresentação da banda trescoreense Çalhere (década de 1990).

Fonte: Acervo pessoal de Alessandro Marques.

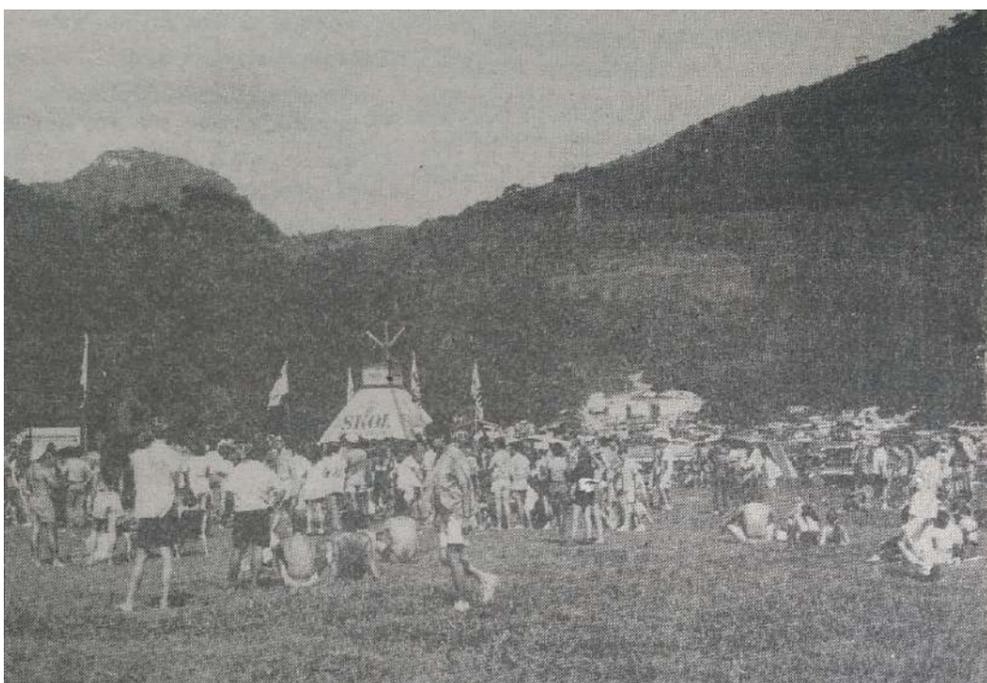


INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



promovidos junto às competições de Canoagem, pois, com a promoção de tais festividades em meio às provas esportivas, o Rock foi a trilha sonora, auxiliando no aumento de popularidade da Canoagem, tendo em vista que a população procurava por diversão. As apresentações, durante as competições de canoagem no parque das Laranjeiras, foram assistidas, em 1990, por aproximadamente, 7 mil pessoas (Panorama, 06 dez. 1991, p. 13).

Além da importância da parceria rock e canoagem, o movimento contou com a participação de pessoas determinadas em fazer a cena se desenvolver: Vinício Omar Petry, Alessandro Marques, Gerson Volkart, Anderson Rossa, Tales Eckard (*In Memoriam*), Thiago Brenner, Estevam Brenner, Abel Vitorazzi, Gustavo Santos, Matheus Ruppenthal, Pierre Ruppenthal, entre muitos outros, foram fundamentais para a entrada, desenvolvimento e consolidação do Rock N'Roll em Três Coroas.



Público prestigiando shows de rock durante Campeonato Brasileiro de Canoagem.
Fonte: Panorama, 06 dez. 1991, p. 13.



Banda Electric Motor Soul (Show em um bar trescoreense, no final da década de 1990).
Fonte: Acervo pessoal de Eduardo Deecken.



Show ocorrido durante o campeonato Sul-Americano de Canoagem.
Fonte: Panorama, 15 dez. 1989, p. 13.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Festival de Músicos Amadores e de Bandas de Rock
Período: década de 1990 até a década de 2010

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Camila Brum

Richard Bohrer de Souza

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

FONSECA, Juarez. A Música Regional Gaúcha: anotações para uma história. **Caderno de História**, Porto Alegre, nº 44, abril de 2008.
HERRMANN, Helena Marta; SMANIOTTO, Elaine. A Ciranda Musical Teuto-Rio-Grandense. In: REINHEIMER, Dalva *et al.* (orgs.) **Caminhando pela cidade**: apropriações históricas de Taquara em seus 125 anos. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira**: Utopia e Massificação (1950 - 1980). São Paulo: Contexto, 2008.
SEVERIANO, Jairo. **Uma História da música popular brasileira**: das origens à modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

Depoimentos:

Moisés Assumpção concedido à Richard Bohrer de Souza, em fevereiro de 2021.

Histórico dos festivais no Brasil:

Segundo o historiador Marcos Napolitano, “os Festivais foram os principais veículos da manifestação da canção engajada e nacionalista, voltada para a discussão dos problemas que afligiam a sociedade brasileira” (2008, p. 56). O Festival Nacional de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Excelsior de São Paulo, teve sua primeira edição em 1965 e a segunda, em 1966. O Festival da Música Popular Brasileira, promovido pela TV Record de São Paulo, teve quatro edições: de 1966 até 1969. O ano de 1968 também foi marcado pelo I Festival Universitário de Música Popular Brasileira, promovido pela TV Tupi. Os festivais cumpriram (e ainda o fazem na atualidade) a função de revelar intérpretes, compositores e instrumentistas ao grande público.

A partir da década de 1970, no Rio Grande do Sul, surgiram os festivais nativistas/regionalistas. A Califórnia da Canção Nativa - Uruguaiana, estimulou artistas e produtores e desencadeou a realização de outros eventos semelhantes, como Ciranda Musical Teuto-Rio-Grandense, em Taquara; Escaramuça da Canção Gaudéria, em Triunfo; Tertúlia Musical Nativista, em Santa Maria; Vindima da Canção, em Flores da Cunha; Festival da Barranca, em São Borja; Coxilha Nativista, em Santa Rosa; Canto sem Fronteira, em Bagé; Tafona da Canção Nativa, em Osório; Acorde da Canção Nativa, em Camaquã; Gauderiada da Canção Nativa, em Rosário do Sul; Ronco do Bugio, em São Francisco de Paula, entre muitos outros.

No entendimento do historiador Marcos Napolitano (2005, p. 11), “a música, a canção também ajuda a pensar a sociedade e a sua história”. A música não é apenas “boa para ouvir”, também é “boa para pensar”. Neste sentido, por meio da análise de eventos como os Festivais de Música, pode-se observar as representações culturais de cada região.



*Festival de Músicos Amadores (anos 2010).
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Três Coroas.*



*Festival de Músicos Amadores (anos 2010).
Fonte: Acervo pessoal de Tainara Hencke.*



*Categoria Música Gaúcha (anos 2010).
Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Três Coroas.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Histórico na cidade de Três Coroas:

No município de Três Coroas, desde os primeiros eventos esportivos da Canoagem, bandas locais integravam-se ao Festivais de Canoagem para serem a trilha sonora do evento, ou se reuniam para promover uma festa, algum outro evento. Em 1993, teve início o Festival de Músicos Amadores, idealizado por Cesar Rech (popular Cesinha) que pretendia fortalecer os músicos locais, através de um Festival que premiasse os melhores colocados, ou aqueles que atingissem melhor as expectativas determinadas pelos organizadores.

A primeira edição foi no bairro Vila Nova, em uma lancheria que pertencia ao Cesinha. Entretanto, viu-se a necessidade de um espaço maior para o evento e, em 1994, o Festival passou a ter apoio da Prefeitura Municipal de Três Coroas, ocorrendo no Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack.

Inicialmente, o Festival de Músicos Amadores possuía três categorias: gaúcha, sertaneja e popular, ficando o Rock N'Roll dentro da categoria popular. Em função do crescente número de bandas de Rock inscritas nos Festivais, nos anos seguintes, Cesar Rech decidiu criar um que fosse dedicado somente a esse estilo. Em 1999, O Festival de Bandas de Rock tornou-se um evento à parte do Festival de Músicos Amadores, porém, realizado inicialmente no mesmo ambiente.

Nos anos 2000, o Festival de Bandas de Rock deixa de ocorrer dentro do Centro de Cultura e passa a ser promovido em uma lona que fazia parte da estrutura da Festa do Município (Três Coroas em Festa) nos fundos do Centro Cultural. Alguns anos depois, a mesma estrutura passa a ser montada no outro lado da rua, em frente ao Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack.

A partir da 12ª edição, Rech entregou a organização total dos eventos para a Prefeitura Municipal de Três Coroas, porém ainda ficou auxiliando a entidade organizadora do evento por um tempo. Devido à pandemia mundial relacionada ao Covid-19 e às situações sanitárias estabelecidas, os Festivais de Músicos Amadores e de Bandas de Rock ainda estão suspensos no município.



*Categoria Popular (anos 2010).
Fonte: Acervo pessoal de Tainara Hencke.*



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Festival de Teatro “Três Coroas em Ação”

Período: Década de 1990, 2000 e 2010

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: Richard Bohrer de Souza

Andrea Helena Petry Rahmeier

Elaine Smaniotto

Fontes:

MOELLER, Clarise E.; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes I. Três Coroas, RS: Gráfica Sohne, 2001.**

Panorama, Taquara, 15 maio 1976, p. 13.

SETTI, Carine; SCHABBACH, Virgínia. **Um olhar sobre a curadoria do Festival de Teatro Três Coroas em Ação. 2018.**

Histórico:

A formação do primeiro grupo teatral de Três Coroas/RS é datada de meados dos anos 1925, mais de meio século antes da emancipação política do município, ocorrida em 1959. Organizados por Jorge Schäfer, os ensaios teatrais baseavam-se em livros de língua alemã e as apresentações também eram feitas nesse idioma. Tratando-se de um período remoto, as exhibições organizadas por Jorge Schäfer garantiam entretenimento à sociedade três-coroense e também às pessoas de Igrejinha/RS, promovendo, assim, a disseminação artística e cultural, em um período em que a população de Três Coroas estava se formando.

Na década de 1960, o Cine Icarai (ficha específica), localizado na área central do município, foi importante para as produções teatrais. Ao longo do período que vai entre os anos 1960 e 1980, o Cine Icarai foi utilizado por entidades do município, como as Igrejas e o Colégio Estadual 12 de Maio, a fim de propagar a corrente artística teatral.

Com a inauguração do Centro Municipal de Cultura Remitto René Haack, em 1992, criou-se um espaço específico para o fortalecimento artístico na cidade. Surgiram, a partir de então, grupos teatrais, como os Amigos da Coroa, que promoviam espetáculos no município.

Os Festivais de Teatro, na cidade, tiveram seu início em formato escolar. Em 1993, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa promoveu, no seu espaço, um Festival de Teatro entre as turmas de 5ª a 8ª séries. Em 1994, o Festival da escola foi aberto também para outras escolas e para comunidade.

No ano de 1996, visto a grande popularização do evento, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura passou a organizar o Festival em um formato que envolvia todas as escolas do município e de forma anual.

Na década de 2000, o Grupo Teatral In Love assumiu a organização do evento junto à Secretaria de Educação e Cultura de Três Coroas. O festival cresceu significativamente durante a década de 2000, transformando, assim, a configuração organizacional do evento, passando de interescolar municipal para um formato abrangente, envolvendo diversas cidades do estado. Outra mudança foi a alteração do nome que passou a ser: Três Coroas em Ação. Esse evento propõe-se a expandir a corrente artística do teatro.

Ao todo, foram 22 edições do Festival de Teatro/Três Coroas em Ação. Nesse percurso, o evento passou de categoria escolar a de teatro amador, pois a organização promoveu a participação de grupos teatrais que se organizavam fora das escolas. O festival ocorreu em quase todos os anos, somente não aconteceu em 2013 e durante os anos de pandemia (2020 e 2021).



Apresentação teatral no Festival Três Coroas em Ação (anos 2000).
Fonte: Acervo pessoal de Carine Setti (Facebook: Três Coroas em Ação).



Curadora do Festival Três Coroas em Ação com grupo teatral escolar (anos 2000).
Fonte: Acervo pessoal de Carine Setti (Facebook: Três Coroas em Ação).



Foto colhida após uma apresentação do Grupo Teatral de Jorge Schaefer. Este grupo alcançou sucesso na sua época.

Reportagem sobre a história Três Coroas.
Fonte: Panorama, Taquara, 15 maio 1976, p. 13.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Grupo “Escoteiro Paranhana”
Fundação: 27 jul. 2022.

Data do levantamento: maio de 2022

Pesquisadores: William Gabriel Konrad
Andrea Helena Petry Rahmeier
Elaine Smaniotto

Fontes:

CENTRO CULTURAL DO MOVIMENTO ESCOTEIRO. **Escotismo no Brasil.** 1999. Disponível em: <https://www.escoteirossp.org.br/escotismo-no-brasil/>. Acesso em: 20 maio 2022.

ESCOTEIROS DO BRASIL. **História.** Disponível em: <https://escoteiros.org.br/historia/>. Acesso em: 2 maio 2022.

MOELLER, Clarise Elisa; DEECKEN, Lorena P. (orgs.). **Nossas raízes I.** Três Coroas: Artes Gráfica Sohne, 2001.

Depoimentos:

Idete Gisela Ruppenthal Bloedom concedido à William Gabriel Konrad, em maio de 2021.

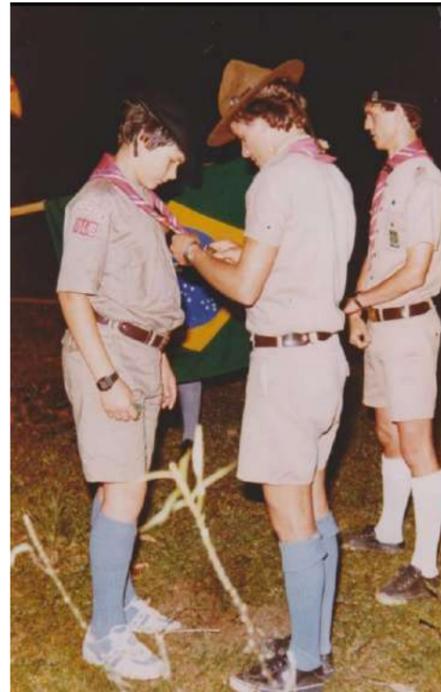
Em 1907, o lorde inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell iniciou atividades de escotismo. Ele teve vivências, como militar, na Índia e África, e percebeu que alguns elementos do dia a dia militar, como camaradagem, iniciativa, coragem e autodisciplina, seriam muito úteis para os jovens. Organizou um grupo de 20 rapazes, com idades de 12 a 17 anos, e passou todos os seus conhecimentos e técnicas em um período de 8 dias. O acampamento foi um sucesso e, por isso, no ano seguinte, publicou um livro que abordava todos esses conhecimentos. O livro “Scouting for boys”, em tradução para o português: “Escotismo para rapazes”, fez muito sucesso.

O movimento foi crescendo, cada vez mais, porém era dedicado apenas para rapazes; mas, em 1909, é criada uma vertente para as meninas. Com o final da primeira guerra mundial, BP reuniu, em 1920, 8 mil jovens em Londres para o primeiro Jamboree mundial.

Com o passar do tempo, o escotismo foi sendo difundido em outros países e tendo mais adeptos. Em 1910, um grupo de militares que estavam na Inglaterra, para guarnecer os novos navios da esquadra brasileira, ficaram muito entusiasmados com esse novo método de educação, e, na volta para o Brasil, trouxeram alguns conjuntos de uniformes escoteiros ingleses. No dia 17 de abril de 1910, o movimento escoteiro chega ao Brasil e começa a ser espalhado para todo o país.

O escotismo é dividido em 4 ramos e cada um deles tem suas peculiaridades e ensinamentos. O primeiro ramo é o dos lobinhos que se destina a crianças de 6 anos completos até os 10 anos. Esse ramo apresenta uma parte mais lúdica. O lema do ramo lobinho é “Melhor possível”. O segundo ramo é dos escoteiros que têm de 11 a 14 anos; eles se juntam em patrulhas de 5 a 8 jovens, meninos e meninas, que juntos formam uma tropa. Além de trabalhar em equipe e entender a importância do respeito à natureza, também terão um entendimento sobre várias coisas que irão deixá-los mais confiantes e decididos. O lema do ramo escoteiro é “Sempre Alerta”. O terceiro ramo é o sênior, formado por jovens de 15 a 17 anos, incentiva a superar os próprios desafios; eles vão vivenciar grandes aventuras, fazendo rapel, acampando, entre outras atividades ao ar livre.

O lema do ramo sênior também é “Sempre Alerta”. O quarto e último ramo é dos pioneiros, com idades a partir dos 18 anos até os 21 incompletos; é formado um clã e é onde vão se ajudar e descobrir interesses em comum. Seu lema “Servir” e já não vivem uma aventura simbólica ou imaginária.



Promessa escoteira na década de 1980.

Fonte: Acervo pessoal da família Muller.



Promessa escoteira nos dias atuais (2021).

Fonte: Acervo do Grupo Escoteiro Paranhana.



Atividade escoteira realizada na década de 1980.

Fonte: Acervo pessoal da família Muller.



Atividade escoteira (década de 1980).

Fonte: Acervo pessoal da família Muller.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



O escotismo chegou em Três Coroas no Vale do Paranhana, em 1980. O grupo "Escoteiro Paranhana" foi fundado em 27/07/1980. Nasceu na Escola Estadual 12 de Maio, pois o governo do Estado apresentou uma proposta intitulada "escotismo nas escolas." A escola, então, sob direção de Idete Gisela Ruppenthal Bloedorn e da vice-diretora Elci Dreher, com o apoio de pais interessados que, na época, levavam seus filhos para participar de um grupo escoteiro que funcionava na cidade de Taquara, resolveram abraçar essa causa para o início do escotismo na cidade de Três Coroas, pois a grande motivação para a criação do grupo foi a vontade de oferecer um propósito aos jovens da cidade, já que poderiam ter a chance de participar de um movimento até então desconhecido.

Muitas reuniões ocorreram até a formação da primeira alcateia com 12 lobinhos e uma patrulha de escoteiros com também 12 integrantes, todos alunos da Escola estadual 12 de Maio. As primeiras reuniões serviram para a estruturação e organização do grupo; nelas ficou decidido nome, escolha do lenço e criação de uma bandeira, atendendo exigências para sua efetivação, registro e identificação. O grupo optou por um lenço vermelho com fitas azuis e brancas, homenageando o município; na bandeira, as mesmas cores e os dizeres: "PRESERVAR E PERSEVERAR". O compromisso é assumido com o Rio Paranhana e com a natureza como um todo. A bandeira foi criação de Remi Brusius.

O grupo Paranhana, até antes da pandemia, ocupava o quarto lugar em nível regional quanto ao número de jovens inscritos, ao todo eram 120 jovens, mas vale ressaltar que a preocupação do grupo escoteiro Paranhana sempre foi a qualidade e não a quantidade. Durante a pandemia de Covid 19, mesmo com várias tentativas de trazer os jovens para as atividades online, eles ficaram desmotivados, pois ficou muito difícil efetivar o principal fundamento do movimento escoteiro que é o aprender fazendo e o convívio com a natureza. Atualmente, em 2022, o grupo escoteiro envolve 70 jovens, 18 adultos voluntários (chefes), mais 8 membros voluntários que fazem parte da diretoria e as mães responsáveis pelos lanches.

Muitos jovens três-coroenses e da região têm em sua história pessoal a passagem pelo grupo que, desde sua criação, foi e continua sendo referência e diferencial na sua formação, deixando lembranças saudosas e marcas positivas na vida dos que por ele passaram ou, atualmente, estão, talvez não mais como escoteiros, mas como voluntários com o objetivo de auxiliar outros jovens no seu começo de caminhada no movimento escoteiro.



Atividade realizada com os lobinhos na década de 1980.
Fonte: Acervo pessoal da família Muller.



Jovens prontos para participar do Camporee Sul em Soledade.
Fonte: Acervo do Grupo Escoteiro Paranhana.



Atividade mutcom realizada em conjunto com todos ramos.
Fonte: Acervo do Grupo Escoteiro Paranhana.



Atividade mutcom realizada com todos os ramos (2022).
Fonte: Acervo do Grupo Escoteiro Paranhana.



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



Denominação: Centro de Tradições Gaúchas (CTG) -

O Tropeiro Frederico Trott

Endereço: Rua Caingangues, n. 147, Sander

Data da fundação: 2016

Data do levantamento: abril e maio de 2022

Pesquisadores: Bruna Camila Cruz

Andrea Helena Petry Rahmeier

Élen Waschburger

Elaine Smaniotto

Fonte:

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. *In*: DACANAL José H; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: Cultura e Ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p. 113 -132.

LOPES, Letiele Ritter. **Plano Municipal de Políticas Culturais de Três Coroas**. Maio de 2022.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **Rio Grande do Sul: História e Identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG, 2008.

Depoimentos:

Letiele Ritter Lopes concedido à Bruna Camila da Cruz, em abril de 2022.

Histórico:

O Centro de Tradições Gaúchas O Tropeiro Frederico Trott foi fundado no dia 11 de abril de 2016, no bairro Sander, por um grupo de amigos apaixonados pelo tradicionalismo; localiza-se na Rua Caingangues, nº 147, bairro Sander, na cidade de Três Coroas/RS. A entidade foi fundada com a intenção de proporcionar um espaço para convívio entre as pessoas que se identificam com a cultura e a tradição gaúchas. O CTG conta com departamento campeiro, departamento cultural e três invernadas artísticas, sendo elas: pré-mirim, mirim e juvenil; conta, também, com curso de danças de fandango, entre outros eventos que acontecem durante o ano todo.

Atualmente, sua diretoria é composta por: Patrão; Vice-patrão; 1º Secretário; 2º Secretário; 1º Tesoureiro; 2º Tesoureiro; Diretor do Departamento Artístico; Diretora do Departamento Cultural e Diretor do Departamento Campeiro. A entidade conta também com seu prendado infantil, mirim, juvenil, xiru e veterano. No mês de maio, ocorre o rodeio artístico.

O nome desse Centro de Tradições Gaúchas é uma homenagem ao tropeiro Frederico Trott, que começou tropeando mulas de Vacaria para São Leopoldo e Porto Alegre; depois, participou de tropeadas mais longas, chegando até São Paulo e Mato Grosso, permanecendo nessa lida durante quatro décadas. Curiosamente, ele próprio inaugurou seu túmulo, três anos antes de falecer. (ver ficha Túmulo Frederico Trott).



1º Evento Cultural do CTG (2018)

Silvia Gelinger falando sobre A Carta de Princípios – Documento norteador do movimento tradicionalista. Registro do 1º prendado do CTG O Tropeiro Frederico Trott.

Fonte: Acervo pessoal de Silvia Gelinger.



Acendimento regional da chama crioula no túmulo do tropeiro Frederico Trott (2020).

Na foto: Marco Aurelio Angeli, Júlio Bartzén, Elci Trott, Carla Elisa Behs, Luciana Heitelvan, Enésio Breyer, Ricardo Wallauer.

Fonte: Acervo pessoal de Júlio Bartzén.

Em meados do século XX, surgiram [...] Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), com forte apelo junto às camadas pequeno-burguesas e pobres das populações urbanas (GONZAGA, 1996, p.120).

O Centro de Tradições Gaúchas é uma associação de pessoas com objetivos culturais, sociais, lúdicos. Diferencia-se de outras associações e clubes por se dedicar ao resgate, valorização e divulgação do folclore e da cultura típica gaúcha, construída ao longo da história do Estado do Rio Grande do Sul [...] Uma das características dos CTGs é a sua vocação familiar, onde a convivência de gerações se constitui na garantia da transmissão da herança social, chamada de tradição. Sob o aspecto sociológico, os CTGs se constituem na recomposição dos “grupos locais” que se encarregam de manter intacto o “núcleo cultural” que garante identidade a uma sociedade. (SAVARIS, 2008, p. 29).



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE TRÊS COROAS



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho identificou e registrou elementos que fazem parte da cultura, da memória, da história e da identidade do município de Três Coroas. Nesse processo ocorreu o envolvimento do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural e da comunidade em geral. Ao finalizar esta primeira etapa – inventariação por meio de pesquisa de campo – destacam-se algumas considerações:

- O inventário pode ser considerado um importante instrumento de reconhecimento da diversidade cultural e ponto de partida para o desenvolvimento de políticas públicas de preservação patrimonial material e imaterial.
- O entendimento de que estes espaços/lugares podem proporcionar ações voltadas ao turismo no Paranahana incorporando a sustentabilidade cultural.
- A educação patrimonial é um caminho para que as novas gerações se identifiquem com o patrimônio da região do Vale do Paranahana e alcancem uma maior conscientização acerca da importância de valorizar e preservar patrimônios materiais e imateriais herdados de gerações passadas.
- O desenvolvimento de projetos voltados ao registro de práticas culturais, como forma de salvaguardar memórias vivas, utilizando metodologia etnográfica.
- O desenvolvimento de política local e regional de integração entre cultura, educação e desenvolvimento socioeconômico.

Nesse sentido, espera-se que as cidadãs e os cidadãos de Três Coroas possam conhecer-se e reconhecer-se com este material que aqui se apresenta. É importante lembrar também que o material produzido aqui não pretende ser a única versão e a totalidade da história destes espaços, mas o registro do conhecimento acumulado até então que, a qualquer momento, pode alterar-se com novas informações e novos documentos.